



ESCOLA SUPERIOR
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

A Investigação no Jornalismo Desportivo: análise da imprensa desportiva portuguesa

José David Fadista Piteira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
mestre em Jornalismo

Orientador: Professor Especialista Paulo Moura

Escola Superior de Comunicação Social
Instituto Politécnico de Lisboa

outubro de 2022

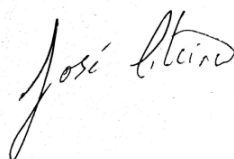
Declaração anti-plágio

Declaro ser o autor do presente trabalho, que é uma parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo. Esta dissertação constitui um trabalho original que nunca foi submetido no seu todo ou em qualquer das partes a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou outra habilitação.

Certifico também que todas as citações estão devidamente identificadas e acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação deste trabalho.

Outubro de 2021

O candidato,



(José David Fadista Piteira)

Agradecimentos

Estando prestes a terminar esta longa e rica aventura que foi o mestrado em Jornalismo, importa agradecer a todos aqueles que marcaram este meu trajeto. Com as suas palavras de amizade, motivação e apoio, a entrega desta dissertação também passa a ser deles pois não permitiram que fosse abaixo face aos desafios que a vida me colocou à frente nestes anos.

À minha mãe, por ser um exemplo de dedicação, coragem e perseverança. Por me ter tentado passar esses valores e por todas as palavras reconfortantes quando me encontrava mais em baixo.

Ao meu padrasto, Paulo, por todas as palavras de motivação e apoio quando eu mostrava dúvidas ou receios em relação a todos os passos e decisões que tinha de tomar. Por me ajudar a ter mais confiança.

À minha irmã, por passar por esta fase a meu lado. Também ela a fazer a sua caminhada no ensino superior. Pelas gargalhadas, companhia e por ser das pessoas que mais admiro.

Aos meus tios, primo e afilhado, por toda a preocupação e interesse demonstrado. Pela palavra amiga e altruísmo demonstrados mesmo quando enfrentavam momentos atribulados.

A todos os meus amigos, por me ouvirem, pelos conselhos, por nunca deixarem que fosse abaixo. Pelos dias, tardes e noites de convívio que me ajudaram a abstrair de todos os pensamentos negativos que por vezes tomavam conta de mim. Por estarem sempre a meu lado.

Ao meu orientador, o Professor Especialista Paulo Moura, por toda a paciência que demonstrou. Pela preocupação e interesse que apresentou pelo trabalho desde que este lhe foi proposto.

Por fim, e não menos importante, ao meu pai e à minha tia Maria Arminda. Podem já não estar entre nós. Mas este trabalho é reflexo de tudo o que eles sonharam e pelo qual trabalharam enquanto eu e a minha irmã crescíamos. Espero deixá-los orgulhosos. Um obrigado não é suficiente.

Resumo

O jornalismo de investigação é transversal a todo o jornalismo. Independentemente da editoria em que se trabalha, são feitas investigações jornalísticas acerca dos mais variados temas, sempre com o intuito de trazer histórias que marquem a agenda à praça pública e que, acima de tudo, informem e esclareçam o leitor.

Na editoria de desporto o cenário parece ser diferente, com a atenção dos jornalistas a recair sobretudo na análise aos jogos, no acompanhamento semanal das equipas e dos jogadores, com as atenções a centrarem-se no futebol em desprezo de outras modalidades. Questões que não ocorrem dentro das quatro linhas não recebem o mesmo nível de atenção.

Neste caso específico, olha-se para a investigação no jornalismo desportivo analisando a imprensa desportiva portuguesa. Através da análise de mais de 900 edições de jornais generalistas e desportivos, num período compreendido entre outubro de 2019 e março de 2020, fez-se um levantamento das peças de investigação publicadas ao longo deste período e com recurso a entrevistas a profissionais da área pudemos, com o auxílio da sua experiência, obter um olhar aprofundado sobre os dados recolhidos.

Palavras-chave: Jornalismo desportivo; Jornalismo de Investigação; Fontes; Imprensa desportiva; Desporto

Abstract

Investigative journalism is transversal to all journalism. Regardless of the section in which one works, journalistic investigations are made about the most varied themes, always with the intention of bringing stories that mark the agenda to the public light and that, above all, inform and enlighten the reader.

In sports journalism the scenario seems to be different, with the journalists' attention falling mostly on the analysis of the games, the weekly follow-up of the teams and players, focusing on soccer at the expense of other sports. Events that do not take place on the pitch are not receiving the same level of attention.

In this specific case, we look at the state of investigative pieces in sports journalism by analyzing the portuguese sports press. Through the analysis of more than 900 issues of daily and sports newspapers, in a period between October 2019 and March 2020, a study was made of the investigative pieces that were published throughout this period and with the help of interviews with professional journalists we were able to get an in-depth look at the data that was collected.

Keywords: Investigative journalism; Sports journalism; Sources; Sports Press; Sport

Índice

1. Introdução	7
1. Estado da Arte.....	11
1.1. Jornalismo Desportivo.....	11
1.2. Jornalismo Desportivo de Investigação.....	14
1.3. Jornalismo de Investigação.....	17
1.4. Fontes no Jornalismo Desportivo.....	20
1.5. O Jornalismo Desportivo de Imprensa em Portugal.....	23
2. Metodologias de Investigação	28
2.1. Análise Metodológica Mista.....	29
2.2. Análise de Conteúdo	30
2.3. Entrevistas Semiestruturadas.....	32
3. Análise de Resultados	34
3.1. Análise de Conteúdo aos Jornais	34
3.2. Análise das Entrevistas	45
4. Conclusões	56
Bibliografia e Webgrafia	63
Apêndices e Anexos	70
Anexo 1 – Grelha de Análise Jornalismo de Desportivo Investigação (Jornais Generalistas)	70
Anexo 2 – Grelha de Análise Jornalismo Desportivo de Investigação (Jornais Desportivos)	72
Anexo 3 – Guião de Entrevistas	74
Apêndice 1 – Entrevista a Célia Lourenço, jornalista no jornal A Bola	75
Apêndice 2 – Entrevista a David Andrade, jornalista do diário Público	81
Apêndice 3 – Entrevista a Hugo Franco, jornalista do semanário Expresso	85
Apêndice 4 – Entrevista a Paulo Curado, jornalista do diário Público.....	88

Índice de Figuras

Figura 1 - Peças de Investigação em Jornais Generalistas. Fonte: Elaboração própria.....	35
Figura 2 - Correio da Manhã (Investigação outubro 2019 / março 2020). Fonte: Elaboração Própria	36
Figura 3 - Expresso (Investigação outubro 2019 / março 2020). Fonte: Elaboração própria.....	36
Figura 4 - Público (Investigação outubro de 2019 / março de 2020)	37
Figura 5 - Peças de Investigação Jornalismo Desportivo. Fonte: Elaboração Própria.	38
Figura 6 – Desportos visados nas peças. Fonte: Elaboração Própria.	39
Figura 7 - Gráfico circular acerca da Enfatização das Notícias. Fonte: elaboração própria	39
Figura 8 - Gráfico circular "Tipos de fonte". Fonte: Elaboração Própria.....	41

Figura 9 - Gráfico circular "Assunto das Peças". Fonte: elaboração própria.	42
Figura 10 - Gráfico circular "Número de Fontes". Fonte: Elaboração própria	42
Figura 11 - Gráfico circular "Número de Fontes". Fonte: Elaboração própria	43
Figura 12 - Gráfico circular "Personagens implicadas na história". Fonte: elaboração própria.....	44
Figura 13 – Gráfico Circular “Continuidade das Peças”. Fonte: elaboração própria	44
Figura 14 - Número de autores das peças. Fonte elaboração própria.....	45

1. Introdução

Começar uma investigação académica numa área que é do nosso interesse é sempre um desafio. A procura por um tema que seja do meu interesse, algo que nunca tenha sido feito ou que ainda esteja por explorar constitui uma tarefa árdua porque queremos ser o mais céleres possível neste processo de pesquisa.

O jornalismo desportivo sempre foi, desde que me lembro, uma área pela qual tive um enorme fascínio. Não tendo tido oportunidade de trabalhar um tema semelhante na licenciatura, decidi que esta dissertação do mestrado pelo qual enveredei era a altura ideal para o fazer, visto que o jornalismo desportivo é uma paixão que quero seguir e exercer até ao fim da minha vida profissional.

Dentro desta área de interesse, sempre houve um desejo pessoal em pegar num tema até agora pouco explorado e que no futuro ajudasse a que mais investigações pudessem surgir acerca do mesmo. Começou-se por fazer uma pesquisa nos repositórios nacionais e internacionais para perceber quais os temas que já tinham sido trabalhados até ao momento para que assim surgisse algo distinto.

Foi possível encontrar diversas obras (algumas delas inclusive citadas neste trabalho), desde mestrados a doutoramentos, dissertações ou relatórios de estágio, onde se fez o levantamento da história do jornalismo desportivo de imprensa em Portugal (Pinheiro, 2009), outro acerca da história do jornalismo desportivo radiofónico em Portugal (Nogueira, 2016), sobre as tendências de consumo de jornalismo desportivo dos jovens universitários (Santarém, 2017), um olhar sobre as fontes de informação tanto na televisão (Santos, 2012) como na imprensa, com uma análise aos três principais jornais desportivos (Henriques, 2014) ou uma investigação sobre a hegemonia do futebol no jornalismo desportivo em televisão, com o estudo de caso a ser um canal televisivo dedicado ao desporto (Latas, 2017).

No panorama internacional existe uma maior variedade de literatura focada nas temáticas que se abordam nesta dissertação. David Rowe conta com várias publicações que refletem acerca do papel do jornalista desportivo e da importância do jornalismo desportivo em manter-se vigilante quanto a assuntos que vão além do futebol (2007 e 2016). Andrew Jennings contribui com as suas investigações jornalísticas acerca da *FIFA* e do *COI* (2011). Já os trabalhos de McEnnis (2018) e English (2016) abrangem tanto o jornalismo de investigação no desporto como o papel das fontes no jornalismo desportivo.

Após esta pesquisa, decidiu-se focar a investigação na temática da investigação no jornalismo desportivo, um tema que se encontra praticamente por explorar em Portugal e sobre o qual ainda há muito espaço para pesquisar e desenvolver.

O campo do jornalismo desportivo tem sido observado como um lugar de entretenimento em vez de informativo (Whitlam & Preston, 1998). O jornalista desportivo está muito dependente dos atletas, treinadores e representantes de organizações desportivas para produzir as suas histórias e muitas vezes este acesso é cuidadosamente gerido pelas organizações que representam. Esta dependência levou a uma crescente comercialização das notícias desportivas, com jornalistas a concordar mencionar anunciantes ou patrocinadores para conseguir uma entrevista, e também a que jornalistas se “autocensurassem” com receio de perder a ligação com fontes importantes caso a notícia fosse demasiado crítica (Sparre, 2019).

A estas condicionantes junta-se o crescente interesse por parte das organizações desportivas em produzir e monitorizar o seu próprio conteúdo informativo, o que faz parte das suas estratégias de negócio para gerar mais lucros através da interação com as audiências e consumidores (Hutchins & Rowe, 2012, citado por McEnnis, 2018).

O mercado desportivo é um negócio que movimenta valores que rondam os 600 a 700 milhares de milhões de dólares, valores que constituem 1% do Produto Interno Bruto (PIB) global, sendo um mercado que continua a crescer mais rapidamente que o PIB de alguns países (Kearney, 2014, citado por Sparre 2017).

Atualmente, podemos encontrar peças sobre jornalismo desportivo em todas as plataformas (televisão, imprensa, rádio, *online* - tanto em blogues como nas redes sociais ou até *streaming*), em meios pertencentes ao serviço público, entidades privadas ou media especializados e que lidam com os vários lados do desporto (Sparre, 2017, p.206).

A crescente popularidade da rádio, da televisão e do *online* acabaram por representar um desafio para o jornalismo de imprensa, o qual se teve de reinventar perante a competição destes meios para conseguir assegurar a sua sobrevivência (Rowe, 2005, p.126).

O ciclo noticioso atualmente é constante, com uma duração de 24 horas por dia, sete dias por semana. O público pretende atualizações em tempo real, e uma produção de conteúdos audiovisuais nas redes sociais ou *on-demand*. Da mesma forma que o número de plataformas onde podem ser publicados conteúdos sobre desporto aumentou, também houve um aumento da carga de trabalho dos jornalistas desportivos (Bradshaw & Minogue, 2020, p.3).

Como mencionado no terceiro capítulo, que trata das Fontes no Jornalismo Desportivo, o *International Sports Press Survey* de 2011 (Horky & Nieland, 2013), analisou mais de 18 mil artigos de órgãos de comunicação social de 22 países e os dados revelados ilustravam o domínio da cobertura do futebol (40%) sobre as outras modalidades (o ténis era a única modalidade que passava os 5%, tendo as restantes um valor igual ou menor do que esse). Aproximadamente 80% dos artigos analisados tratavam da cobertura dos jogos, outros aspetos acerca dos jogos ou os resultados, com maior destaque para atletas/jogadores e treinadores que outras figuras (mais de 65%) e com 41% dos artigos a basearem-se em apenas uma fonte. Cerca de 26% dos artigos não apresentavam nenhuma fonte (Horky & Nieland, 2013).

Os números acima apresentados podem ser explicados pela importância económica que estes artigos têm, pois atraem leitores, sobretudo do sexo masculino e, devido à popularidade e crença que esta linha editorial funciona. Tudo isto leva a que os jornalistas desportivos se afastem da cobertura de problemas sociais no mundo do desporto (Rowe, 2007, citado por Sparre, 2017).

O jornalismo desportivo é mais que as incidências ocorridas antes, durante e depois do jogo. Também captura as personalidades que estão por detrás do desporto e tem de cobrir e investigar a maneira como este é gerido, de uma maneira imparcial e precisa (Bradshaw & Minogue, 2020, p.4).

Foram algumas destas leituras e a posterior interpretação, que levaram a que se avançasse com o tema da investigação no jornalismo desportivo, com atenção para Portugal e para a imprensa desportiva portuguesa.

Durante a elaboração do Estado da Arte, o foco foi explorar a literatura existente acerca de temas como o Jornalismo Desportivo, Jornalismo Desportivo de Investigação, Jornalismo de Investigação, Fontes no Jornalismo Desportivo e por fim, o Jornalismo Desportivo de Imprensa em Portugal.

No primeiro capítulo, que trata o Jornalismo Desportivo, procura-se explicar a sua evolução ao longo da história, desde as primeiras publicações no século XIX até ao século XXI, onde se pode melhor compreender a influência que a imprensa, a televisão, a rádio e o *online* tiveram na maneira como se exerceu jornalismo ao longo dos séculos e como os jornalistas e os meios de comunicação social tiveram de se adaptar para sobreviver.

O capítulo seguinte aborda o Jornalismo Desportivo de Investigação e aborda as dificuldades que o jornalista desportivo tem de passar quando envereda por este campo, as

críticas que enfrenta tanto de colegas de profissão, como da opinião pública e de outras áreas profissionais, o detrimento da investigação quando comparado com outros assuntos e o porquê.

Também era importante explorar o conceito de Jornalismo de Investigação, percebendo o que é e o que não é considerado investigação, os problemas que afetam esta área do jornalismo como, por exemplo, a falta de investimento, e quais são os seus objetivos.

Como esta pesquisa aborda a investigação no jornalismo desportivo, é necessário ter noção do papel que as fontes desempenham no jornalismo desportivo e a sua relação com os jornalistas desportivos. Qual a sua proximidade, se a proximidade com os jornalistas influencia a publicação de textos, a sua importância para a notícia e como outros fatores, como as redes sociais, vieram alterar a dinâmica dessa relação. É esta a temática que se explora no terceiro capítulo, as Fontes no Jornalismo Desportivo.

Por fim, e sendo o foco deste trabalho o jornalismo desportivo de imprensa, olhou-se para a história do Jornalismo Desportivo de Imprensa em Portugal, as várias fases que passou a imprensa periódica desportiva, as lutas dos jornalistas desportivos até à sua profissionalização, a relação entre a imprensa desportiva, os adeptos e os clubes, e algumas das publicações que existiram antes do panorama da imprensa desportiva em Portugal estabilizar. Este capítulo também permite compreender quais os desportos que foram mais populares ao longo dos séculos e simultaneamente receberam uma maior atenção por parte da imprensa portuguesa.

Findo o Estado da Arte, passou-se à explicação das metodologias aplicadas durante a elaboração desta pesquisa. Considerou-se que uma abordagem metodológica mista, com recurso a métodos quantitativos e qualitativos, era a mais adequada para a continuação desta investigação e os métodos de análise a aplicar seriam a análise de conteúdo e a entrevista semiestruturada.

No capítulo das metodologias, é também feita a apresentação da pergunta de partida desta dissertação e os objetivos que ajudaram a guiá-la.

A análise de conteúdo levou a que se estabelecesse um corpo de análise de mais de 900 edições de jornais generalistas e desportivos, sendo eles os diários generalistas *Correio da Manhã* e *Público*, o semanário *Expresso* e os diários desportivos *A Bola*, *O Jogo* e *Record*, num período compreendido entre outubro de 2019 e março de 2020.

Nas entrevistas semiestruturadas, foram entrevistados jornalistas que tiveram participação direta nos textos publicados que foram analisados, para assim obter uma observação que beneficiasse da sua experiência enquanto jornalistas. Foi elaborado um guião de entrevistas

composto por onze perguntas, deixando espaço para mais questões que pudessem surgir. A análise às entrevistas é feita no penúltimo capítulo deste trabalho.

No capítulo da análise de resultados, são analisados os dados recolhidos durante a análise de conteúdo recorrendo-se à utilização de gráficos ilustrativos para auxiliar a sua interpretação. Neste capítulo também se explica o que é que abrangem as dimensões de análise nos gráficos que estão ilustrados. Foram também criadas grelhas de análise para facilitar a recolha dos dados.

O capítulo das Conclusões fecha esta dissertação. Nele são feitas as considerações finais acerca do que se pôde retirar da elaboração deste trabalho, revisitando a pergunta de partida e os objetivos da investigação para compreender se estes foram cumpridos, das dificuldades sentidas ao longo da pesquisa e reflete-se sobre o futuro da investigação no jornalismo desportivo, tanto no mundo académico como profissional e também com uma perspetiva pessoal acerca do tema.

1. Estado da Arte

1.1. Jornalismo Desportivo

As primeiras publicações desportivas na Europa começaram a ser publicadas no século XIX. Em França (1828), Reino Unido (1852) e Espanha (1856), foram surgindo publicações desportivas que faziam a cobertura de diversos desportos como boxe, coudelaria e velocipedia. Havia uma maior tendência para a especialização, dedicando-se esses jornais à cobertura de um desporto em específico, vindo mais tarde as publicações generalistas a criar secções dedicadas à cobertura desportiva (Pinheiro, 2009, pp. 52-53).

No outro lado do Atlântico, nos Estados Unidos da América (EUA), começaram a ser publicadas as primeiras revistas desportivas entre 1820 e 1830. Lançadas de forma esporádica, focavam-se em eventos com maior destaque como corridas entre cavalos do Norte e do Sul do país ou combates de boxe entre lutadores americanos e britânicos. (Moritz, 2014, p.13). O primeiro jornalista desportivo a tempo inteiro nos EUA foi contratado, em 1857, pelo jornal *New York Clipper* (Washburn & Lamb, 2020, p.25).

O desenvolvimento tecnológico também transformou a forma como se exerce jornalismo desportivo ao longo dos séculos. O aparecimento de meios como o telégrafo, o rádio, a televisão, a internet e as redes sociais, permitiu que as notícias alcançassem rapidamente uma maior audiência, mudando a relação com as fontes, a maneira como se monitorizam as notícias, a promoção de conteúdo jornalístico e o contacto com as audiências por parte dos jornalistas e

órgãos de comunicação social (Boyle, 2006; Moritz, 2014; Washburn & Lamb, 2020; Oelrichs, 2020).

A primeira transmissão radiofónica de um evento desportivo data de setembro de 1923, com a narração de um combate de boxe entre o argentino Luis Ángel Firpo e o norte-americano Jack Dempsey, realizado em Nova Iorque, difundido em Buenos Aires. Essa transmissão gerou grande entusiasmo no público, que se juntou às portas das redações de forma a poder ouvir o relato (Grandi, 2011, citado por Nogueira, 2016). Em Portugal verificou-se um ligeiro atraso, quando em comparação com o resto da Europa, na difusão do desporto pela rádio. No caso português, apenas na década de 30 do século XX o desporto começou a dar os primeiros passos como género radiofónico. Já em França, tal acontecia pelo menos desde 1923, dada a popularidade do boxe. Isto levou a que, mais tarde, as transmissões fossem alargadas a outros desportos, como o ciclismo, o futebol e o rúgbi (Pinheiro, 2009, p.318).

A chegada da rádio não foi bem recebida pela imprensa periódica desportiva, que tinha receio de perder leitores, impedindo inclusive a entrada de um jornalista no estádio onde se realizava a final do torneio de futebol dos Jogos Olímpicos de 1924, em Paris. Embora se registasse apreensão por parte de alguns jornalistas, foi possível a colaboração entre imprensa e rádio para reportagens inovadoras na cobertura de eventos como a Volta à França (Pinheiro, 2009, pp.318-319).

O primeiro exemplo de um programa de jornalismo desportivo radiofónico em Portugal surge de uma parceria entre a imprensa e a rádio, mais propriamente o jornal *Diário de Notícias* e a estação lisboeta *CTIDE*, com uma reportagem acerca de um jogo de futebol (Santos, 2005, citado por Nogueira, 2016).

A aparição da televisão na década de 1930, com as primeiras transmissões a serem realizadas em Londres, no Reino Unido, trouxe de forma experimental a emissão dos melhores momentos de eventos desportivos de relevo. Tal experiência foi interrompida pela 2ª Guerra Mundial e regressou no pós-guerra, em 1946, como parte da reconstrução do país (Whannel, 2009, p.208).

Nos EUA a transmissão de desporto na televisão iniciou-se em 1939, através da *NBC*, com a transmissão jogos de basebol e futebol americano. Na Alemanha, a tecnologia foi utilizada para transmitir em direto as Olimpíadas de 1936, e mais tarde, outros eventos desportivos para as salas de cinema (Whannel, 2009, p.208).

A primeira emissão desportiva televisiva em Portugal ocorreu em fevereiro de 1958, por parte da *RTP*, com a transmissão de um jogo entre o Sporting e o Áustria de Viena (*RTP*, 2010). Durante as décadas de 60 e 70 a importância do desporto na programação da rádio e da televisão foi crescendo, sendo os desportos com maior destaque o futebol e o desporto automóvel (com proeminência da Fórmula 1). Nesta época, a *RTP* era alvo de críticas pela sua aposta nas constantes transmissões em direto destes eventos, relegando outros desportos para segundo plano (Pinheiro, 2009, pp. 462-463).

Mais tarde, nos anos 90, o crescimento da internet fê-la um poderoso instrumento e meio de comunicação em todo o planeta. O jornalismo passou para o online, surgindo assim o ciberjornalismo que levou a investimentos avultados e a que surgissem novos projetos em Portugal, como o *Mais Futebol* (Ferreira, 2016, pp. 3-6).

Anos mais tarde, antes do despontar das redes sociais como meio de difusão, Boyle (2006, pp. 190-191) afirmava que o crescimento da internet e de fontes noticiosas alternativas mudaram a forma como era feito o jornalismo impresso, de certa forma menos preocupado com notícias e com maior foco em comentário e análise. Mesmo com a internet e com o domínio da televisão, acreditava-se que o jornalismo desportivo não tivesse sofrido semelhante efeito aos que sofreram outras secções (Boyle, 2006, pp.191).

Com a emergência das redes sociais e com a política de comunicação fechada praticada pelos clubes em Portugal, tornou-se difícil o acesso aos protagonistas e a informação difundida na imprensa acaba por ser veiculada por um órgão de comunicação oficial do clube (televisão ou *website*), condicionando assim o trabalho jornalístico (Santos, 2016, pp.29-30). Outra das condicionantes que veio com as redes sociais foi a forma de atuação neste meio que tornou possível a difusão da notícia de forma gratuita, visto que este se tornou um meio distribuidor de notícias. De forma a contornar algo que vêm como uma ameaça, os media tradicionais arranjam forma de combatê-lo, aliando-se à publicidade (Martins, 2020, p.8).

Outras questões levantadas pelas redes sociais são a sua capacidade de cobrir eventos à medida que estes acontecem, podendo tornar-se um adversário da cobertura jornalística no terreno; a presença de protagonistas nas redes sociais, aumentando assim a sua proximidade e interatividade com os seus seguidores; e, por fim, a própria perspetiva dos utilizadores que usam as redes sociais não para interagir com os protagonistas, mas sim para reunir informação acerca dos temas que lhes interessam (Nölleke, Grimmer & Horkey, 2017, pp. 511-512).

O jornalismo desportivo tornou-se caótico, com o frenesim de ser o primeiro a dar uma notícia *online* para atrair mais visitantes e gerar mais visualizações num *website* ou partilhas nas redes sociais (Bradshaw & Minogue, p.6, 2020).

Com o aumento da carga de trabalho do jornalista desportivo e com a necessidade de estes se terem de agilizar por entre diversas plataformas, o número de jornalistas que trabalham em imprensa tem estado em declínio. Os órgãos de comunicação social também estão a experimentar novos modelos de negócio de maneira a vender o seu conteúdo, através de pacotes de subscrições, *paywalls* ou doações por parte dos leitores. Só que, até ao momento, nenhum desses modelos provou ter a sustentabilidade necessária (Bradshaw & Minogue, p.7, 2020).

A capacidade do jornalismo desportivo movimentar interesse e valores monetários levou a que Boyle (2006, p. 493), considerasse a existência de um paradoxo. Há quem o veja como tendo uma pobre relação com as outras famílias do jornalismo, que não tem a integridade, o rigor e a credibilidade que os jornalistas gostam de ver associada à sua imagem. Em oposição, este é visto, comercialmente, como uma das partes mais importantes da indústria jornalística (Boyle, 2006, p. 493). Esta componente comercial do jornalismo desportivo e a sua importância para os rendimentos e audiências de vários órgãos de comunicação social, levou a que se afirmasse que “recentemente, o jornalismo desportivo deixou de ser o *“toy department”* para passar a ser o departamento financeiro” das redações (Farrington et al, 2012, citado por Weedon et al, 2018).

1.2. Jornalismo Desportivo de Investigação

O jornalismo desportivo tem sido alvo de críticas por parte de alguns autores. Fala-se de uma aproximação excessiva à indústria desportiva, o que leva a que se compare esta área de especialização à publicidade e a que se lhe atribua o rótulo de “melhor agência de publicidade do mundo”. Existe a tendência para se fazer a cobertura e a antevisão de eventos desportivos, falta o sentido crítico e verifica-se uma ausência de peças jornalísticas que estejam relacionadas com a parte financeira, política e até o impacto social do desporto (Emig, 1986; Boyle, 2005; Schultz-Jorgensen, 2005; Rowe, 2007; English, 2015).

Em 2011, foi conduzido o *International Sports Press Survey (ISPS)* (Horky & Nieland, 2013), que, ao analisar mais de 18 mil artigos de órgãos de comunicação social de 22 países, pôde verificar o domínio da cobertura do futebol (40%) sobre as outras modalidades (o ténis era a única modalidade que passava os 5%, tendo as restantes um valor igual ou menor a esse). Aproximadamente 80% dos artigos analisados tratavam da cobertura dos jogos, outros aspetos

acerca dos jogos ou os resultados, com maior destaque para atletas/jogadores e treinadores que outras figuras (mais de 65%).

O trabalho de Emig (1986) parte de algumas considerações que retirou de obras como a de Hackfort e Weischenberg que refletiram acerca da relação “subdesenvolvida” entre os media e o desporto (1981, citado por Emig, 1986), e também de Weischenberg acerca da falta de “jornalismo de investigação como modelo já estabelecido nos media” (1983, citado por Emig, 1986).

Além de defender que o jornalismo desportivo apresenta o desporto como um espetáculo de entretenimento e recreativo, Emig (1986, p.114) alerta para a falta de representação dos aspetos sociais, políticos e económicos desta atividade. Considera também que o jornalismo desportivo, tendo como peça central a investigação, deve ser uma alternativa ao jornalismo simplesmente informativo, visto que ajuda a trazer a público uma maior transparência de processos.

Essa transparência de processos é defendida por autores como Jennings (2011) e Rowe (2016), que concordam que não existe muito escrutínio aos órgãos de governação desportiva como a *FIFA*. Rowe (2016, p.2) acredita que alguns jornalistas negligenciam ou minimizam os escândalos em que esta organização se vê envolvida.

Por esse motivo, existem jornalistas que consideram o jornalismo desportivo como o “*toy department*” dos meios de comunicação social, um local que se dedica “maioritariamente à diversão e futilidade” (Rowe, 2007, p.385). Para McEnnis (2018, p.3), os jornalistas desportivos preocupam-se mais com o rumor e a especulação do que com os factos.

Há, no entanto, lugar para a investigação no jornalismo desportivo, sendo produzidas notícias que podem marcar a agenda. Ao denunciar corrupção, irregularidades ou encobrimentos financeiros nas organizações desportivas, o jornalista cumpre o papel de “cão-de-guarda” quando recorre à reportagem de investigação (English, 2015, p.5).

Quando começou a investigar o *COI*, Jennings (2011, p.390) foi questionado pelos seus colegas jornalistas: “Desporto? Nós investigamos governos, grandes negócios, a polícia. Para quê perder tempo com desporto?”. À pergunta, respondeu: “As organizações desportivas estão na esfera pública. Têm o apoio de dinheiro público. Têm poder. Porque devem elas escapar ao nosso escrutínio?”.

O que se pode observar no jornalismo desportivo, segundo Rowe (2016, p.2) é uma tendência para expor problemas como relacionamentos abusivos, abuso de substâncias,

discriminação racial, infidelidade ou resultados combinados. Contudo, é de notar que o autor não desvaloriza estes temas, classificando-os como sendo importantes sociologicamente, pois podem conduzir a uma reflexão e ao debate sobre normas de conduta ética dentro e fora do mundo desportivo.

Não existe consenso quanto aos valores profissionais desta especialização jornalística quando comparado com outros campos como, por exemplo, a política. Na política, espera-se que o jornalista questione e vigie de forma constante os atores do poder. Algo que não se pode observar no desporto e que traz dúvidas acerca da capacidade destes profissionais no exercício de algumas das obrigações do quarto poder (Rowe, 2007; Márquez-Ramírez e Rojas, 2017).

Márquez-Ramírez e Rojas (2017, p.176) consideram que existe uma passividade no jornalismo desportivo ao reportar resultados e eventos já previstos, optando por seguir à margem de temas como a corrupção no desporto. Essa passividade pode ser um reflexo do impacto das pressões e restrições que o jornalismo online teve no jornalismo tradicional (English, 2015, pp.1-2). Com a redução das redações e com uma maior ênfase no conteúdo online, os jornais parecem não encarar a investigação no desporto como uma prioridade (Bray, 2014, p.8).

A investigação no desporto está sujeita à crítica. É o exemplo da investigação do programa *Panorama*, da *BBC*, à *FIFA* em vésperas da atribuição da organização do Campeonato do Mundo de 2018. O órgão de comunicação social foi criticado, tanto por políticos como pela imprensa, porque o seu trabalho ia contra um assunto que se considerava ser do interesse nacional (Rowe, 2016, p.8).

Quando há discussões sobre o que constitui jornalismo de excelência, o jornalismo desportivo raramente é mencionado. Os sociólogos do desporto fazem análises críticas ao trabalho dos jornalistas e media desportivos porque a cobertura feita merece ser analisada e criticada (Weedon et al., 2018, p.655).

As páginas dos jornais são ocupadas pelos atletas, pelas competições nacionais e internacionais que aumentam parâmetros como a audiência e a publicidade, tendo a imprensa dificuldade em reportar algo que aconteça nos bastidores (Schultz-Jorgensen, 2005, p.3). Para os jornalistas desportivos, o conhecimento profissional provém da experiência que se obtém através da cobertura de eventos e do acesso à informação interna no mundo profissional do desporto (McEnnis, 2018, p.4).

Problemas que se considerem estruturais, como as políticas e as finanças desportivas, são menos prováveis de ser publicados e não se encontram nas rotinas do jornalismo desportivo

(Emig, 1986; Rowe, 2016). Em contrapartida, começa a existir um aumento da expectativa por parte do público para que sejam investigadas as causas de fenómenos como o doping, as apostas e a corrupção (McEnnis, 2018, pp.3-4).

É, portanto, necessário, que sejam investigados os jogos de influências entre as entidades desportivas e os seus parceiros devido à sua presença na esfera pública (Jennings, 2011, p.390), não descurando também os problemas sociais no desporto dos quais há pouca cobertura (Forde & Wilson, 2018).

O jornalista precisa de ter a capacidade de cobrir uma enorme quantidade de assuntos, que podem ir desde o protesto político à saúde mental (Cairns citado em Bradshaw & Minogue, p.4, 2020). Para o fazer tem de ter algumas competências profissionais e pessoais como a perseverança, coragem, a sensibilidade para com os assuntos a ser reportados, o conhecimento das leis e como estas podem afetar o seu trabalho (Bradshaw & Minogue, p.5, 2020)

A escassez de jornalismo desportivo de investigação leva a que os cidadãos estejam desinformados acerca de problemas sociais e comunitários importantes, que vão muito além dos jogos que se disputam dentro de campo (Bray, 2014, p.9).

1.3. Jornalismo de Investigação

Mascarenhas (2009, p.5) considera que não existe um consenso sobre o que é ser jornalista de investigação, podendo existir vários entendimentos sobre o que é ser jornalista e o que é fazer jornalismo de investigação. No entanto, para o autor, jornalismo de investigação pressupõe a publicação de informações que ninguém quer ver publicadas, e que o jornalista de investigação tem responsabilidades éticas e profissionais na busca dessa informação, embora seja “reduzido a definir o objeto do jornalismo de investigação apenas ao que «alguém não quer que o público conheça»” (Mascarenhas, 2009, p.31).

Uma posição que é partilhada por Hunter et al. (2013): Para estes autores, fazer jornalismo de investigação é expor questões que estão ocultas e requer tanto o uso de fontes como de documentos secretos ou divulgados.

É importante notar que fazer investigação não é somente noticiar transgressões, atos de corrupção, escândalos económicos e políticos, ou denunciar situações insólitas que prejudicam o cidadão comum (Hunter e Hanson, 2013; Freitas, Silva e Amante, 2016). Também pode abranger

algo como novos talentos, um projeto em desenvolvimento ou uma empresa que se encontra em crescimento e gerou empregos (Hunter et al, 2013, p.11)

O objetivo do jornalismo de investigação é produzir mais do que uma primeira página. Tem como objetivo a exposição e a mudança (Borins e Herst, 2019, p.2). Para conseguir cumprir o seu papel de “cão-de-guarda” da democracia, o jornalismo necessita de certas condições socioeconómicas, tais como um alto nível de profissionalização da classe jornalística e um baixo paralelismo político (Gerli, Mazzoni e Mincigrucci, 2018, p.2).

Um bom trabalho jornalístico tem um efeito direto na sociedade. Tal pode ser observado quando uma investigação jornalística consegue anular leis obsoletas, deteta ações criminosas, denuncia personalidades corruptas e protege os mais desfavorecidos dando-lhes uma voz (Coelho e Rodrigues, 2020, p.139).

Quando se realiza uma investigação, esta pode ser conduzida por um ou mais jornalistas (Borins & Herst, 2019, p.2) podendo ser feita a nível local e, como se tem visto recentemente, a nível internacional, sendo exemplo disso o caso *Panama Papers* (Coelho e Rodrigues, 2020, p.140).

Para Randall (2000, citado por Mascarenhas, 2009, p.32), fazer uma peça de jornalismo de investigação “não é um somatório ou uma reunião de peças com descobertas e dados de outros, mas uma pesquisa original levada a cabo por repórteres utilizando muitas vezes o material mais em bruto. Podem ser entrevistas extensivas, ou a harmonização ou comparação de factos e números”.

Jennings (2011), ao escrever acerca das suas investigações ao *COI* e à *FIFA*, falou de alguns dos processos e burocracias com que nos podemos deparar numa investigação jornalística: a recolha de documentos, declarações assinadas pelas testemunhas, pesquisa académica e a análise de toda a informação e documentação por parte de equipas de advogados e editores cétricos foram alguns dos elementos encontrados. Podem ser alvo de investigação instituições públicas ou até um investimento, desde que o artigo passe todas aquelas fases e sirva o interesse público (Jennings, 2011, p.387).

Como elementos do quarto poder, os jornalistas defendem que uma das componentes do seu trabalho é servir o interesse do público (Borins & Herst, 2019, p.2). As autoras citam a organização de jornalismo de investigação *Pro Publica* para explicar que a reportagem de investigação constitui um caso especial. Ao contrário das notícias de última hora, consomem mais tempo e recursos, podendo levar meses ou até anos e têm uma “força moral” distinta, com a

missão de “expor abusos de poder e traições da confiança do público pelo governo, empresas e/ou outras instituições (Borins & Herst, 2019, p.2).

Em 2009, Mascarenhas, definiu o que era para si o jornalismo de reportagem e o jornalismo de verificação ou certificação, “vulgo jornalismo de investigação”. Enquanto “o jornalismo de reportagem se preocupa com a veracidade e fidedignidade do testemunho, o jornalismo de investigação vai mais além, envolve o jornalista numa observação mais direta ou próxima, para garantir a verdade dos factos. Passa do usual “diz que ocorreu” para um assertivo “ocorreu” (Mascarenhas, 2009, p.33).

Quando se parte de uma perspetiva histórica, o jornalismo de investigação é feito “quando um jornalista decide sair da agenda dos seus dias para fazer uma denúncia, não simplesmente retórica, mas documentada, de algo mais ou menos escondido, mais ou menos silenciado, mais ou menos ignorado dos seus concidadãos” (Mascarenhas, 2009, p.39).

Em Portugal, por exemplo, os media tiveram um papel importante na eclosão de alguns processos e da sua manutenção na esfera pública como, por exemplo, o caso Casa Pia. Neste processo em particular, é reconhecido e dado mérito ao trabalho da jornalista Felícia Cabrita, que fez sobrepor a investigação jornalística à investigação judicial (Fidalgo e Oliveira, 2005, p.7). Contudo, Fidalgo e Oliveira (2005, p.7) não deixam de notar que o reconhecimento dado aos jornalistas na revelação do caso não se estendeu para a sua atuação ao longo do processo.

No que toca à política, também se pode comprovar a importância do jornalismo de investigação e do seu papel na denúncia da corrupção política (Freitas, Silva, e Amante, p. 664). Burgh afirma que “o jornalismo de investigação tem ajudado a derrubar governos, prender políticos, acionar legislação, revelar erros judiciais e envergonhar corporações” (2008, citado por Freitas, Silva e Amante, 2016, p. 666).

O desporto é também uma área que tem tido investigações que se podem destacar, como as que foram feitas ao Comité Olímpico Internacional e à *FIFA* (Jennings, 2011; Rowe, 2016).

Existe, no entanto, uma apreensão que cresce à volta desta forma de jornalismo. A influência do rendimento e performance nas histórias que chegam ao público, a escassez de diferentes perspetivas jornalísticas sobre assuntos importantes e o reduzido financiamento e apoio a uma reportagem investigativa aprofundada são algumas das preocupações que surgem quando se discute o jornalismo de investigação (Weedon et al., 2018, p.640).

O jornalismo de investigação acaba, portanto, por colidir com esta ambição do lucro imediato por parte dos proprietários dos grupos de media. Indiferentes ao lucro social e

financeiro que este tipo de jornalismo pode gerar, os proprietários decidem limitar os recursos, impactando assim a qualidade do mesmo (Coelho e Rodrigues, 2020, p.137).

A vontade de lucro rápido dos proprietários, aliada à revolução tecnológica, mergulhou o jornalismo numa “crise de sustentabilidade”. Fruto da crise financeira de 2008, começou a existir uma maior presença dos departamentos comerciais nas decisões editoriais e passou a existir uma maior aposta na quantidade em vez de qualidade (Coelho e Silva, 2018, p.78). Os autores consideram que a necessidade de gerar lucro social, a espinha dorsal do jornalismo, “encontra-se hoje refém da extrema dificuldade em obter lucro financeiro” (Coelho e Silva, 2018, p.78).

É possível observar os efeitos do desinvestimento no jornalismo de investigação. De acordo com Starkman, com os cortes nas redações o jornalismo passou a ser feito à secretária e acabou por perder contacto com a reportagem, ficando refém das fontes oficiais, afastando-o assim do lugar da notícia (2014, citado em Coelho e Silva, 2018).

Apesar da escassez de recursos no jornalismo de investigação, Michael Rezendes, jornalista que faz parte da equipa *Spotlight* do jornal *Boston Globe*, segundo Gomes (2017, citado em Coelho e Silva, 2018), afirma que o jornalismo de investigação gera lucro e que os leitores do *Globe* passam muito tempo a ler peças de investigação e que os números de subscritores aumentam depois da publicação de uma reportagem (Coelho e Rodrigues, 2020, p.138).

1.4. Fontes no Jornalismo Desportivo

De acordo com Gans, é pelas fontes que começa a produção da notícia, sendo elas a base fundamental do jornalismo e sem as quais este não existiria (2004, citado por Maia, 2015). Para Gómez-Bueno (2014, p.460), as fontes são a base fundamental do rigor e da credibilidade profissional. A qualidade da notícia depende do seu uso eficaz, podendo assim dar-se voz a todas as partes de um todo, o que oferece “riqueza, credibilidade e rigor às notícias” (Gómez-Bueno, 2014, p.463).

Gómez-Bueno (2014, p.463) considera que utilizar corretamente as fontes de informação “tornará possível o cumprimento dos princípios éticos da verdade, objetividade e exatidão na informação e demonstrará a sua independência profissional e imparcialidade informativa”. Investigadores como Márquez-Ramírez e Rojas (2017, p.176) notam alguma passividade do jornalismo desportivo ao só reportar resultados, eventos já previstos ou notícias que carecem de fontes, ao invés de temas de investigação própria.

Algo que atribui credibilidade ao jornalismo é a correta identificação das fontes usadas, para que o público consiga julgar a sua credibilidade e motivação, isto de acordo com a *Society of Professional Journalists* (2014, citado por Reed e Harrison, 2019, p.420). Emig (1986, p.126), verificou que a seriedade de uma fonte de informação era um dos fatores determinantes para os editores na publicação das notícias.

Algo que figura com frequência no jornalismo desportivo é a colocação de notícias e os rumores. A maior influência dos agentes dos atletas reflete-se através de notícias sobre negociações de contratos ou o interesse de outros clubes (Boyle, 2005; Gómez-Bueno, 2014). Estas práticas, para Gómez-Bueno (2014, p.478), prejudicam gravemente o leitor e o seu acesso a uma informação fidedigna e a imprensa, desacreditando-a pela falta de rigor.

Com a comercialização do desporto, o aumento do número de celebridades e uma cultura desportiva que se encontra mais virada para a televisão, a relação entre os jornalistas desportivos – especialmente os de imprensa - e as suas fontes teve de se transformar (Boyle, 2005; Rowe, 2007).

O crescimento das redes sociais também trouxe as fontes para o mundo digital como, por exemplo, na rede social Twitter, que os clubes e os atletas passaram a utilizar para fazer uma comunicação mais direta com os seus seguidores, saltando desta forma a ligação com os media (Oelrichs, 2020, p.2). Contudo, mesmo com esta condicionante, Oelrichs (2020, p.2) afirma que o jornalismo desportivo pode beneficiar da utilização das redes sociais, utilizando-as para fazer monitorização e encontrar outras fontes.

O *International Sports Press Survey (ISPS)*, conduzido em 2005, analisou 10 mil artigos pertencentes à secção de desporto, em 37 jornais, de 10 países diferentes (Playthegame, 2020). Schultz-Jorgensen (2005), ao resumir e analisar as descobertas desse estudo, aferiu que 40% dos artigos mencionam uma fonte, 20% dos artigos não apresentam uma única fonte e, por último, 16% dos artigos analisados referem três ou mais fontes (Schultz-Jorgensen, 2005, p.3). Em 2017, Márquez-Ramirez e Rojas, referem que as fontes no jornalismo desportivo estão cada vez menos acessíveis por se encontrarem mais em cargos diretivos. Anos mais tarde, em 2011, o *ISPS* voltou a ser realizado (Horky & Nieland, 2011), com um corpo de pesquisa mais abrangente. Foram analisados 18 mil artigos de órgãos de comunicação social de 22 países, onde se verificava que 41% dos artigos baseava-se em apenas uma fonte. Cerca de 26% dos artigos não apresentavam nenhuma fonte (Horky & Nieland, 2011).

Ao analisar o *International Sports Press Survey*, também se pode verificar que as fontes que estão dentro do desporto são dominantes, sendo que só num em cada 25 artigos estas são de

fora do desporto, tais como políticos ou investigadores académicos (Schultz-Jorgensen, 2005, p.3)

No jornalismo desportivo, como em outras áreas do jornalismo, existe uma tensão que molda a forma como este acaba por ser produzido (Boyle, 2005). A base de uma relação do jornalista com uma fonte, sendo esta uma organização desportiva, é a cobertura positiva dessa mesma entidade e o jornalista tem de trabalhar para preservar a relação pois precisa da fonte (Boyle, 2005; Bourgeois, 1995). Como abordado no ponto acerca de jornalismo de investigação no desporto, relembramos que McEnnis (2018) afirmou que os jornalistas desportivos consideram que o conhecimento profissional está na experiência da cobertura de eventos e no acesso a informação interna no mundo profissional do desporto. As entrevistas e a proximidade com as fontes nesta área são muito valorizadas.

Normalmente, os jornalistas desportivos têm como responsabilidade efetuar a cobertura de uma equipa desportiva em específico, podendo assim criar uma relação de amizade com a sua fonte de informação (Wanta, 2013, p.82).

Quando um jornalista cobre uma organização ou um evento desportivo, os interesses do organizador também estão em jogo, visto que tal pode impactar a sua popularidade e consequentemente o seu sucesso comercial (Bourgeois, 1995, p.197).

Os jornalistas vão ter sempre de trabalhar e andar perto das fontes, pois estas são cruciais para a realização do seu trabalho. Para Boyle (2005) os conflitos de interesses que acompanham estas relações não são exclusivos ao mundo do desporto e podem estender-se para os da política e do negócio.

Estas relações merecem, no entanto, ter a devida atenção e ser estudadas (Wanta, 2013; Reed & Harrison, 2019). De acordo com Reed e Harrison (2019, p.422), tal deve-se a questões éticas, e para perceber a influência que têm na transferência de um jogador ou no desenrolar de um negócio. As fontes, identificadas ou não, podem transmitir informação que poderia ser verdadeira, mas que por uma ou várias razões acaba por não se confirmar no final (Reed & Harrison, 2019, p.422).

Tanto académicos como profissionais revelam preocupar-se com as fontes e quem elas são. Reed e Harrison (2019), voltam a socorrer-se do livro de ética da *Society Of Professional Journalists* (2014), que aconselha os jornalistas a dar o anonimato a fontes que podem sentir represálias e cuja informação não pode ser encontrada noutra lado. O mesmo código sublinha que os jornalistas devem explicar por que motivo foi concedido o anonimato à fonte (*Society Of*

Professional Journalists, 2014). Existem órgãos noticiosos, como a *Associated Press*, onde os jornalistas têm a indicação de que devem sempre revelar quem foi a sua fonte de informação (Reed & Harrison, 2019, p.422).

De forma a assegurar credibilidade profissional, é recomendável que um jornalista não crie uma relação de muita proximidade com a sua fonte. Bourgeois (1995, p.197) acredita que uma relação, baseada simplesmente em convívio e afastamento social é muito precária. No entanto, se um jornalista apostar muito na sua credibilidade, pode perder a confiança e a cooperação da sua fonte. Se se tornarem demasiado próximos da fonte, arriscam-se a perder a credibilidade (Bourgeois, 1995, p.197). Contudo, Lowes (2000, citado por Hardin, Zhong & Whiteside, 2016), sugere que o desenvolvimento de uma relação “confortável” com as fontes é difícil de resistir, especialmente quando um repórter está a ganhar estabilidade na profissão.

1.5. O Jornalismo Desportivo de Imprensa em Portugal

As primeiras publicações desportivas em Portugal apareceram em meados dos anos 70 do século XIX, um pouco mais tarde que em outros países europeus como Espanha ou França. A imprensa periódica desportiva começava assim “a dar os primeiros passos numa sociedade ainda pouco familiarizada com a ideia do desporto e educação física” (Pinheiro, 2009, p.53). Pinheiro (2009, p.53), acrescenta que a ausência de uma prática desportiva regular fez com que as primeiras publicações dedicadas ao desporto fossem centradas nas atividades mais tradicionais como a caça e a tauromaquia.

O crescimento da prática desportiva na sociedade portuguesa não passou despercebido à imprensa generalista, que também começou a publicar sobre atividades desportivas através da publicação de imagens ou gravuras relacionadas com essas modalidades (Pinheiro, 2009, pp.62-63). A primeira gravura a representar um jogo de futebol foi publicada na revista *A Comédia Portuguesa* e o seu relato detalhado foi publicado no *Jornal do Comércio*. Publicações generalistas como *O Século* e *A Tarde* foram um contributo importante para a consolidação do jornalismo desportivo, tendo *O Século* passado a incluir uma secção dedicada ao desporto (Pinheiro, 2009, pp.63-64).

Também surgiram publicações com o intuito de promover a prática do desporto. Publicada em 1878, *O Gymnasta* pretendia dedicar-se ao tema da ginástica e da educação física em Portugal. Além destes temas, a publicação também publicou de forma regular notícias sobre

outros desportos. Estes periódicos não sobreviveriam durante muito tempo, encerrando algum tempo depois devido a atrasos no pagamento de assinaturas (Pinheiro, 2009, pp.55-79).

Na última década do século XIX, a popularidade do ciclismo levou a que surgissem, tanto em Lisboa como no Porto, mais publicações especializadas como *O Velocipedista* ou *Bicycleta*. *O Velocipedista* lançou o seu último número em 1895, alegando incontornáveis problemas financeiros como a causa do seu encerramento. No ano de 1894 é que surge em Portugal o primeiro periódico com um título genérico (sem conotações com uma modalidade) e conteúdos desportivos diversificados, sob o nome *O Sport* (Pinheiro, 2009, pp. 65-67).

No início do século XX, a imprensa desportiva ia-se consolidando no jornalismo em Portugal, atravessando períodos de instabilidade com o aparecimento e desaparecimento de periódicos desportivos (Pinheiro, 2009, p.91). Acrescenta Pinheiro (2009, p.91), que esta foi uma tendência que se manteve nas primeiras décadas do século.

Nesta época, os jornalistas que se dedicavam ao desporto eram também dirigentes e praticantes de alguma modalidade desportiva, publicando maioritariamente notícias sobre eventos desportivos que haviam organizado ou onde tinham participado. O público começou a ganhar um maior interesse pelo desporto devido à popularidade e ao crescimento de modalidades como o ciclismo, a tauromaquia, o automobilismo e o futebol (Pinheiro, 2009, p.104).

Com o início da 1ª Guerra Mundial, os jornais desportivos fizeram um maior acompanhamento dos acontecimentos no teatro de operações, dado que alguns dos desportistas portugueses foram destacados para combater no conflito. Durante este período existiram apelos à união por parte dos periódicos para ultrapassar o período difícil que se atravessava no desporto nacional (Pinheiro, 2009, pp.150-156).

Nos anos 20, verificam-se ameaças a um jornalista por críticas à exibição da equipa do Belenenses frente ao Vitória de Setúbal, um incidente que levanta questões sobre o desporto português e o papel do jornalismo desportivo (Pinheiro, 2009, p.196). A redação do jornal *Os Sports*, onde trabalhava o jornalista ameaçado, emitiu uma nota na sua edição de 10 de maio de 1923 com o título: “A liberdade de crítica ameaçada” a refletir sobre o incidente (Pinheiro, 2009, pp.196-197).

Os periódicos da altura também se queixavam de algum “abandono” por parte dos organismos desportivos, pois estes não lhes forneciam elementos de informação (Pinheiro, 2009, p.197). Pinheiro (2009, p.198), completa dizendo que essa falta de auxílio também se refletia na

falta de recursos disponibilizados para o acompanhamento de provas no estrangeiro, o que obrigava à reprodução de reportagens a partir dos relatos de jornais estrangeiros.

Outra das dificuldades com que os periódicos desportivos tinham de lidar na década de 20 do século XX era a forte concorrência das secções desportivas dos jornais diários, que tinham “melhores recursos, uma vasta rede de correspondentes e a capacidade de acompanhar diariamente, nas suas colunas, os acontecimentos desportivos” (Pinheiro, 2009, p.198).

De notar que em alturas como os jogos da seleção nacional, os jornais abdicavam do “direito de livre crítica”, sendo que o papel da imprensa desportiva seria o de encorajamento de forma que os jogadores selecionados se sentissem encorajados (Pinheiro, 2009, pp.198-199).

Tal como se verificou em décadas anteriores, a questão da sustentabilidade editorial era algo que persistia devido às dificuldades financeiras dos periódicos desportivos que iam surgindo (Pinheiro, 2009). Contudo, apesar dos problemas que enfrentavam estas publicações, Pinheiro (2009, p.256) aponta que entre 1924 e 1936, as publicações desportivas generalistas foram crescendo em detrimento das especializadas e das de clubes.

Os jornais também desempenhavam um papel importante na promoção do desporto e da sua atividade. Prova disso foi a iniciativa do jornal *Os Sports* que concebeu o regulamento da primeira Volta a Portugal em Bicicleta (Pinheiro, 2009, p.257).

Em 1935, mais um episódio de violência contra um jornalista obrigou a uma reflexão do estado do desporto português e do papel do jornalista desportivo (Pinheiro, 2009). Surgiram críticas à “imprensa em geral até à imprensa de especialidade”. O jornalista Artur Inês denunciou as afinidades clubísticas e políticas de alguns jornalistas e falou também da excessiva preocupação pelo relato, descurando a crítica, e por não se preocuparem com os desportistas (Pinheiro, 2009).

Desde a segunda metade da década de 1920, as publicações desportivas publicavam de forma regular reflexões sobre o estado do jornalismo desportivo em Portugal, “apontando defeitos e indicando futuras linhas orientadoras” (Pinheiro, 2009, pp.285-286). Abordaram-se as rivalidades entre as publicações, a instabilidade dos periódicos desportivos, a subvalorização da imprensa desportiva por parte dos dirigentes desportivos e atletas (que preferiam as secções desportivas dos “grandes colossos da imprensa”) e a isenção jornalística face aos clubes para não limitar a “independência” do jornalista (Pinheiro, 2009, p.286).

Segundo Pinheiro (2009, p.326), a consolidação de alguns periódicos desportivos generalistas na década de 1930 levou a que os principais jornalistas desportivos passassem a ter “uma situação profissional mais estável”.

A tendência de refletir sobre o estado do jornalismo desportivo, nomeadamente da imprensa periódica desportiva, foi-se mantendo ao longo das décadas (Pinheiro, 2009, p.346). Na década de 40 existia preocupação com a exigência dos leitores, a definição profissional de jornalista desportivo, ou o panorama de conflito que se vivia entre os jornais do Porto e de Lisboa (Pinheiro, 2009, pp.346-397).

Em 1945 nasce o jornal *A Bola*, uma publicação que se identificou como sendo livre, séria e honesta nas intenções e processos, que defenderia o fair-play no jornalismo e no desporto. O jornal ia para as bancas à segunda-feira de forma a fazer a “reportagem dos acontecimentos desportivos” e às sextas para a “apreciação crítica, à vulgarização, ao exame dos problemas desportivos portugueses” (Pinheiro, 2009, p.355). De acordo com Pinheiro (2009, p.356), o jornal *Os Sports* não conseguiu fidelizar os leitores, que preferiam um estilo menos conservador, mais ativo e especialmente centrado no futebol como fazia *A Bola*. No final da década de 40, mais precisamente em 1949, surge o jornal *Record*, com o qual *A Bola* teria uma rivalidade ao longo dos seguintes anos (Pinheiro, 2009, p.367).

Demorou a atribuir-se o reconhecimento a quem praticava jornalismo desportivo, tendo só o estatuto de profissional os jornalistas que trabalhavam em redações de diários generalistas (Pinheiro, 2009, p.397). Eram feitos apelos à colaboração de forma a valorizar a profissão, deixando para trás ressentimentos, más interpretações ou divergências para que o jornalismo desportivo se tornasse uma força a reconhecer para aqueles que pretendiam “menosprezá-la e dominá-la” (Pinheiro, 2009, p.397).

As preocupações com o público cresciam, pois este aparentava desconfiar cada vez mais dos jornais, não sabendo “distinguir os que lhe falavam com voz de verdade” e os que tentavam “ludibriá-lo”, existindo ataques constantes entre jornais e jornalistas desportivos (Pinheiro, 2009, p.436). Pinheiro (2009) completa que aliado a estes problemas, vinham também os desmentidos por parte dos clubes devido a notícias falsas veiculadas na imprensa, envolvendo tanto a diária como a desportiva.

Na década de 60, a luta do jornalista desportivo pelo reconhecimento do estatuto de profissional mantinha-se, sendo um dos passos importantes a criação do Clube Nacional de Imprensa Desportiva, em 1966, que deu “um novo alento à imprensa desportiva portuguesa” (Pinheiro, 2009, p.439).

Com esta profissionalização, surgiram debates acerca da doutrina do jornalismo desportivo, nomeadamente relativamente à sua “missão” de “defesa da causa desportiva” (Pinheiro, 2009, p.441). Alguns editoriais apelavam a que os jornais não se vendessem às cores clubistas de forma a manterem-se “verdadeiramente independentes” (Pinheiro, 2009, p.441). A gestão dos jornais por parte de sociedades comerciais “viradas para o lucro económico”, para aumentar as vendas, dedicou-se “à sistemática exploração dos casos desportivos”. Dentro destes casos estão incluídas “agressões, assembleias gerais de clubes, transferências, danças de treinadores e muitas vezes a vida privada de um profissional”. Considerava José Dias Rocha, que a concorrência foi um fator contributivo para esta mudança no jornalismo desportivo. Outro fator foi a transformação do futebol num espetáculo (Pinheiro, 2009, pp.441-442).

Esta transformação, levou a que depois do 25 de Abril de 1974 os jornais desportivos portugueses fossem acusados de favorecer o futebol (Pinheiro, 2009, p.464).

Pinheiro (2009, p.471) considera que um dos momentos que mudou a relação entre o futebol e o jornalismo desportivo foi a ascensão vitoriosa da equipa do Porto, sob o dirigente Pinto da Costa. Ao falhar a conquista do tricampeonato em 1980, Pinto da Costa “acusou a imprensa de todos os males”, visando principalmente o jornal *A Bola*.

Em 1985, surge “um dos mais importantes títulos da imprensa generalista desportiva das últimas duas décadas do século XX”, o diário *O Jogo*. Uma publicação que prometia “não só relatar os factos, mas também criticá-los e comentá-los” e “jamais” entrar nos terrenos da “especulação” e “intriga”, apostando no rigor jornalístico. (Pinheiro, 2009, p.507).

Na década de 90, os três jornais desportivos com dimensão nacional: *A Bola*, *Record* e *O Jogo* passam a publicar diariamente, de forma a corresponder às necessidades dos leitores “cada vez mais ávidos da atualidade noticiosa desportiva” (Pinheiro, 2009). Cenário que se mantinha em 2013, com *O Jogo*, *A Bola* e *Record* a vender “mais exemplares em conjunto que os três diários generalistas” (Pinheiro, 2013, p.181).

A imprensa diária generalista começou a publicar de forma mais regular suplementos desportivos autónomos (Pinheiro, 2009). Na mesma altura, no período entre 1989 e 1994, registaram-se mais agressões a jornalistas, pela conjugação das rivalidades clubistas e regionais (Pinheiro, 2009).

Com três diários de imprensa desportiva presentes no mercado português, existiam dúvidas quanto à existência diária de notícias de interesse para alimentar estes jornais e os de imprensa generalista. Tal prendia-se com o facto de não existirem jogos de futebol todos os dias,

contexto que se alterou com a redefinição dos jogos europeus e com um interesse redobrado dos jornalistas pelos bastidores do futebol de forma a ter audiências (Pinheiro, 2009, p.536).

Ao analisar a cobertura dos jornais desportivos portugueses, Silva (2020, p. 71) afirma que a cobertura feita pelos jornais desportivos portugueses se centra “naqueles que são considerados os maiores clubes portugueses: Futebol Clube do Porto, Sporting Clube de Portugal e Sport Lisboa e Benfica”. Este destaque deve-se ao “seu impacto, estando sempre na disputa pelo título nacional” e ao “número elevado de apoiantes que, conseqüentemente, se transformam em possíveis leitores dos jornais”. Silva (2020, p.71), também verificou “um certo domínio da cobertura dos clubes geograficamente mais próximos dos jornais em questão”, “uma cobertura mais profunda, mas menos abrangente” por parte do jornal *A Bola*, enquanto “*O Jogo* e *Record* apostam numa cobertura mais alargada (...) mas oferecem um conteúdo de consumo mais rápido, focando a sua informação em conteúdos curtos e de pouca profundidade”.

A cobertura noticiosa feita pelos três jornais desportivos é dominada pelo futebol, mas modalidades como o andebol e o hóquei em patins têm vindo a ganhar espaço mediático graças “às mais recentes conquistas feitas nas modalidades, mas também pelo papel que estas desempenham na sociedade e cultura portuguesa, realçando assim a importância do desporto no jornalismo em Portugal” (Silva, 2020, p.71).

2. Metodologias de Investigação

Neste capítulo vão ser apresentadas as metodologias utilizadas durante o processo de investigação, que tem como objetivo final aferir a presença e o peso do jornalismo desportivo de investigação em Portugal, tanto na imprensa generalista como na desportiva.

Para guiar a investigação, foi formulada a seguinte pergunta de partida: “Qual é o peso da investigação no jornalismo desportivo de imprensa em Portugal? E porquê?”. De forma a responder à pergunta de partida foram formulados quatro objetivos que ajudaram a guiar esta investigação:

- Analisar a presença do jornalismo de investigação na imprensa desportiva portuguesa;
- Aferir os obstáculos que existem na prática da investigação no jornalismo desportivo;
- Compreender a relação entre o jornalista desportivo e as suas fontes;

- Perceber através da perspectiva dos jornalistas qual o estado da investigação no jornalismo desportivo em Portugal e o papel do jornalista desportivo na redação.

Pretende-se, assim, fazer um levantamento das peças de investigação realizadas num período temporal de seis meses (entre outubro de 2019 e março de 2019), analisando seis publicações (três generalistas e três desportivas). As publicações analisadas foram os diários Público, Correio da Manhã, o semanário Expresso e os diários desportivos A Bola, O Jogo e Record. Para complementar esta análise, iremos recorrer a entrevistas a jornalistas que trabalham nestas publicações.

Com vista a ir ao encontro da pergunta de partida, optou-se por recorrer a uma análise mista, com a utilização de métodos quantitativos e qualitativos. Foi levada a cabo uma análise de conteúdo a 928 edições dos jornais acima mencionados, de forma a compreender quantas peças de investigação foram publicadas ao longo de seis meses. Recorreu-se também a entrevistas semiestruturadas para complementar os resultados obtidos durante a análise de conteúdo, com o intuito de que a sua experiência e conhecimento complemente os resultados obtidos durante a análise às publicações.

2.1. Análise Metodológica Mista

A análise metodológica mista é um método de investigação que utiliza técnicas de análise quantitativas e qualitativas. Tashakkori e Teddlie (1998, citado por Morais & Neves, 2007) observaram como “a análise quantitativa permite identificar sujeitos para um estudo qualitativo, como as entrevistas podem fornecer elementos adicionais a processos identificados através da análise quantitativa, como é que a análise quantitativa pode gerar hipóteses para estudos quantitativos e como é que se pode recolher simultaneamente dados quantitativos e qualitativos”. Para Morais e Neves (2007, p.76) o recurso a diferentes métodos de análise é útil, pois estes dirigem-se a diferentes tipos de questões.

Ao utilizar uma “abordagem metodológica exploratória do tipo misto”, os dados quantitativos e qualitativos vão complementar-se (Saúde e Rodrigues, 2020, p. 363).

Para Creswell e Plano Clark, o uso das abordagens qualitativas e quantitativas em simultâneo num estudo reforçam-no, ao invés de optar por seguir por uma análise qualitativa ou quantitativa (2007, citado por Creswell, 2009).

Quando os investigadores utilizam uma análise metodológica mista, fazem-no porque os métodos qualitativos e quantitativos permitem ter um melhor entendimento do problema de pesquisa (Creswell, 2009, p.28).

2.2. Análise de Conteúdo

De forma a cumprir os objetivos estabelecidos e a responder à pergunta de partida, foi definido um corpo de análise de 928 edições, ao longo de seis meses (de outubro de 2019 a março de 2020), dos diários generalistas *Correio da Manhã* e *Público*, dos desportivos *A Bola*, *O Jogo* e *Record* e do semanário *Expresso*.

A análise de conteúdo é um método de investigação que pode ser utilizado tanto de forma qualitativa como quantitativa (Bengtsson, 2016, p.9). Tal é ilustrado pelas diferentes perspetivas de Berelson (1952), Krippendorff (2004) e Downe-Wambolt (1992), exploradas por Bengtsson (2016, p.9). Berelson definiu a análise de conteúdo como uma técnica de pesquisa para uma descrição mais objetiva, sistemática e quantitativa (1952, citado por Bengtsson, 2016), enquanto para Krippendorff esta é uma técnica de pesquisa que permite interpretar textos e os contextos da sua utilização (2004, citado por Bengtsson, 2016). Já para Downe-Wambolt, a análise de conteúdo é mais que um processo de contagem, que tem como objetivo fazer uma ligação entre os resultados e o seu contexto ou o ambiente no qual foram produzidos (1992, citado por Bengtsson, 2016).

Nesta pesquisa, vamos seguir uma análise de conteúdo de âmbito quantitativo e contabilizar o número de peças de investigação produzidas pelas publicações analisadas num espaço de seis meses. A análise de conteúdo é quantificável, tendo como o seu principal objetivo a contagem de ocorrências num texto mediático (Jensen, 2002, p.233)

Depois de determinado o foco da investigação, é necessário definir aquilo que vai ser contabilizado, a “unidade de análise” e dentro da unidade no seu todo podem estar contidas características ou atributos que também podem ser recolhidos como dados (Jensen, 2002, p.233).

Para guiar a investigação e facilitar a análise de conteúdo foram criadas grelhas de análise categorizadas para as publicações generalistas e desportivas, contendo diferentes unidades de análise, e dentro destas diferentes características e atributos considerados pertinentes para a investigação, levando em conta o conteúdo sendo analisado. Acrescentou-se ainda uma grelha de análise para registar as peças de investigação de outras secções que não a desportiva para uma melhor compreensão do tema em análise.

As grelhas de análise foram adaptadas para o trabalho realizado e a escolha das unidades de análise e das suas dimensões levou em consideração as leituras que já haviam sido efetuadas durante a elaboração do Estado da Arte e os objetivos existentes para esta investigação.

As duas diferentes grelhas foram criadas para obter uma perspetiva mais alargada e melhor aferir o ponto de situação da investigação no jornalismo desportivo em Portugal. Pretendia-se estabelecer primeiro uma comparação entre a investigação efetuada noutras secções e depois nas secções de desporto e jornais desportivos, para depois sim prosseguir com uma extensa análise do estado da investigação nas secções de desporto dos jornais generalistas e nos jornais desportivos.

A unidade de análise “Meio”, presente em todas as grelhas, é necessária para sabermos qual o órgão de comunicação social em análise que tinha avançado a notícia, a “Enfatização” tem como objetivo perceber qual o destaque e posicionamento das peças de investigação nos jornais e “Secção” serve para saber em quais das secções estava colocada a notícia em análise. Para elaborar esta última unidade de análise foi levada em conta a organização levada a cabo pelos jornais Correio da Manhã e Público.

Na grelha “Análise Investigação Jornais Generalistas” – Outras Secções”, encontravam-se as unidades de análise: “Meio”, “Enfatização” e “Secção”, com as dimensões: “Correio da Manhã”, “Expresso” e “Público” presentes em “Meio”; “Capa – Manchete”, “Capa – Destaque”, “Páginas 2-3”, “Páginas Ímpares”, “Páginas Centrais”, “Contracapa” e “Páginas Pares” em “Enfatização; e “Política”, “Economia”, “Sociedade”, “Internacional”, “Desporto”, “Pessoas”, “Cultura” e “Ciências e Saúde” na categoria “Secção” (ver tabela em anexo).

A dimensão “Secção” não se encontra presente na grelha de análise “Análise Investigação Jornalismo Desportivo – Jornais Desportivos” pois nos jornais desportivos, a ordem de publicação das notícias segue uma ordem das modalidades com maior destaque, primeiro o futebol (com especial ênfase nos três grandes Futebol Clube do Porto, Sport Lisboa e Benfica e Sporting Clube de Portugal), as restantes equipas da Primeira Liga de Futebol, a Segunda Liga e depois as restantes modalidades.

De seguida, foi estabelecida a grelha de análise “Análise Investigação Jornalismo Desportivo – Jornais Generalistas” com as categorias: “Meio”, “Enfatização”, “Secção”, “Título”, “Extensão”, “Assunto”, “Tipos de Fontes”, “Número de Fontes”, “Tom e Enfoque”, “Discurso”, “Continuidade”, “Modalidades”, “Personalidades Implicadas na História”, “Autores”, “Nomes dos Jornalistas” e “Secção / Especialidade do Jornalista”. Nestas categorias estavam contidas as dimensões de análise: “Correio da Manhã”, “Expresso” e “Público”

presentes em “Meio”; “Capa – Manchete”, “Capa – Destaque”, “Páginas 2-3”, “Páginas Ímpares”, “Páginas Centrais”, “Contracapa” e “Páginas Pares” em “Enfatização; e “Política”, “Economia”, “Sociedade”, “Internacional”, “Desporto”, “Pessoas”, “Cultura” e “Ciências e Saúde” em “Secção”; “Corrupção”, “Políticas Desportivas”, “Transferências”, “Processos Judiciais”, “Manipulação de Resultados”, “Finanças Desportivas”, “Abuso de Substâncias”, “Discriminação Racial”, “Vida Privada” e “Outros” em “Assunto”; “Fontes desportivas”, “Fontes institucionais”, “Fontes declaradas”, “Fontes anónimas”, “Fontes externas” e “Fontes interessadas” em “Tipos de Fontes”; “1”, “2”, “3”, “4” e “5 ou mais” em “Número de Fontes”; “Positivo”, “Negativo” e “Neutro” em “Tom e Enfoque”; “Peça isolada” e “Série” em “Continuidade”; “Futebol”, “Atletismo”, “Basquetebol”, “Andebol”, “Hóquei em Patins”, “Voleibol” e “Futsal” em “Modalidades”; “Dirigentes”, “Jogadores”, “Protagonistas não desportivos”, “Empresários” e “Equipa técnica” em “Personalidades Implicadas na História”; e “Um jornalista” e “Dois ou mais jornalistas” em “Autor(es)” (ver grelha de análise, apêndice 1).

Quanto às unidades de análise “Assunto”, “Tipos de fontes”, “Número de Fontes”, “Tom e Enfoque”, “Continuidade”, “Modalidades”, “Personalidades Implicadas na História”, chegou-se às dimensões que deviam ser utilizadas na recolha através da leitura tanto do Estado da Arte como dos jornais em análise, visando sempre quais os assuntos que geravam mais investigação, o tipo de fontes utilizadas na elaboração das investigações, o número de fontes que eram mencionadas nas peças analisadas, se estas reportagens faziam parte de uma série ou não, se o tema da peça abordava um assunto positivo ou negativo, quais as modalidades mais reportadas, quais os protagonistas destas peças e quantos jornalistas assinaram a investigação.

Por fim, também foi elaborada a grelha de análise “Investigação no Jornalismo Desportivo – Jornais Desportivos”, sendo a única diferença para a tabela acima descrita, como previamente mencionado e explicado, a ausência da categoria “Secção” (ver grelha de análise, apêndice 2).

2.3. Entrevistas Semiestruturadas

As entrevistas realizadas no decorrer desta investigação têm como propósito tirar vantagem do conhecimento e experiência dos jornalistas entrevistados sobre a temática em análise. A sua participação em algumas das peças analisadas e o contacto com as fontes durante a elaboração dos artigos permitirá complementar as obras em análise no Estado da Arte, os

resultados obtidos durante a análise de conteúdo para assim obter uma visão sobre o estado da investigação no jornalismo desportivo em Portugal.

A opção recaiu sobre as entrevistas semiestruturadas depois de leituras aprofundadas acerca das vantagens e desvantagens de todo os tipos de questionários e entrevistas que se podiam aplicar, sendo a entrevista semiestruturada aquela que melhor se adequava aos interesses desta pesquisa.

A entrevista na análise qualitativa é caracterizada como útil por Hastie e Hay (2012), pois permite “aceder à forma como os participantes observam determinado tipo de fenómeno, o que sentem ou pensam sobre ele” (citado em Resende, 2016, p. 52).

Uma entrevista pode ser estruturada. Neste tipo de entrevistas, os investigadores recolhem a informação através de um conjunto de questões pré-determinadas, fazendo comparações entre os guiões de entrevista, mas não tendo abertura para colocar mais questões e discutir abertamente o tema (Mannan, p.2, 2020). Numa entrevista aberta o entrevistador vai colocando as questões que acha mais pertinentes, sempre com base na resposta do entrevistado. Este tipo de entrevista permite que o entrevistado discuta em profundidade os temas que considera mais importantes (Mannan, p.2, 2020).

Optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas durante o decorrer desta investigação, pois é um tipo de entrevista que permite recorrer a um guião de perguntas abertas, dando espaço à introdução de mais questões à medida que a conversa com o entrevistado se vai desenvolvendo (Adams, 2015, p.493). Esta abordagem à entrevista é considerada mais relaxante, desafiante e quando conduzida pessoalmente pode durar mais tempo que um inquérito telefónico (Adams, 2015, p.493).

Uma entrevista semiestruturada permite ao entrevistado “discorrer sobre o tema proposto..., salientando o que para ele for mais relevante, com as palavras e a ordem que mais lhe convier...” (Amado, 2014, p. 209).

Temos de olhar também para as vantagens e desvantagens que vêm com a escolha da entrevista semiestruturada. Consomem tempo e exigem muito trabalho durante toda a preparação, desde o conhecimento dos temas em discussão, à realização das entrevistas e à posterior análise, que não é tão fácil como pode parecer. As entrevistas semiestruturadas por vezes implicam despende muito tempo na análise de notas e horas de transcrições (Adams, 2015, p.493).

As entrevistas semiestruturadas são adequadas para várias situações, especialmente quando se pretende colocar questões no seguimento de uma pergunta de resposta aberta, questões que um entrevistado pode não se sentir confortável em responder quando presente num focus group ou caso a nossa pesquisa esteja a entrar num campo que ainda se encontra por explorar e os entrevistadores precisem de ter um espectro mais abrangente para conseguir explorar possíveis problemas (Adams, 2015. P.493).

3. Análise de Resultados

3.1. Análise de Conteúdo aos Jornais

Durante esta investigação foram analisados 928 exemplares de jornais generalistas e desportivos, diários e um semanário, num espaço temporal de seis meses (entre outubro de 2019 e março de 2020).

Para compreender melhor o fenómeno da investigação no jornalismo desportivo, também foi feito um levantamento das peças de investigação produzidas noutras secções que não a de desporto. Abaixo faremos uma análise interpretativa e descritiva dos gráficos elaborados.

O seguinte gráfico (figura 1) contém dados informativos acerca das peças de investigação que foram produzidas noutras secções (ex: política, sociedade, cultura, ciências e saúde...), dos jornais generalistas. O semanário *Expresso*, devido ao seu formato semanal, é o jornal com menor expressão, contando ao todo com 24 peças publicadas (12%), sendo o mês de março de 2020, que coincide com o início do confinamento devido à pandemia de Covid-19, aquele com menor número de peças de investigação publicadas (uma).

Correio da Manhã e *Público*, que são publicações com formato diário, têm um maior número de peças de investigação. No final dos seis meses analisados, o diário *Correio da Manhã* contabilizava 69 peças publicadas (34%), já o diário *Público* totalizava 110 (54%).

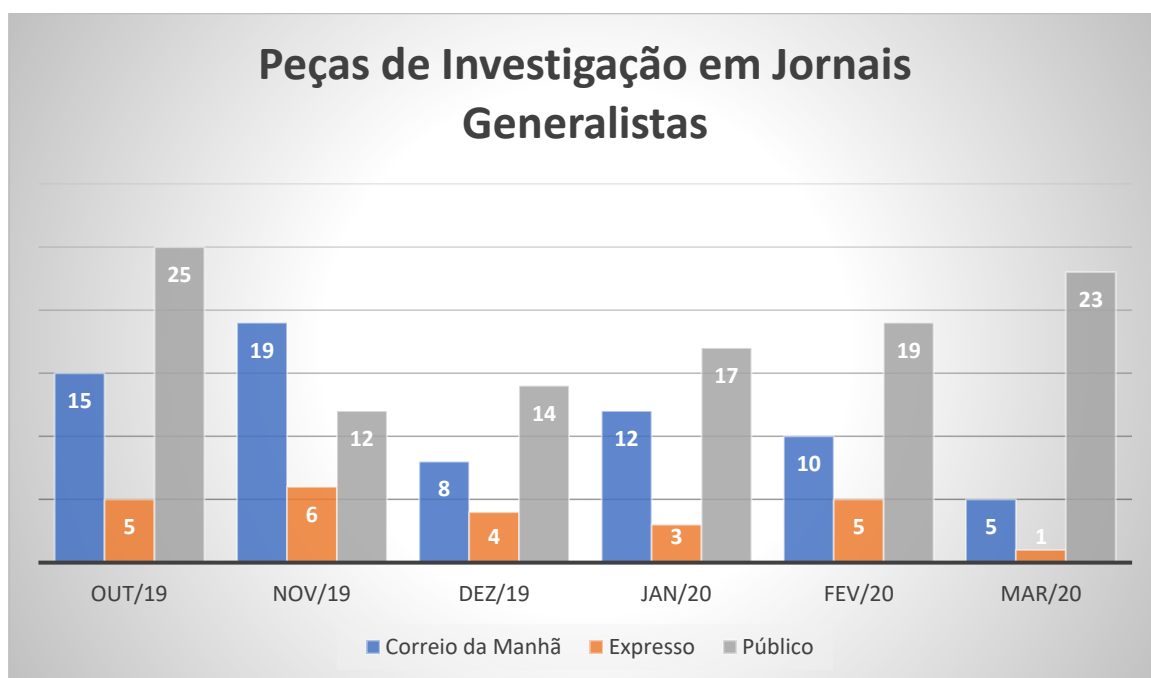


Figura 1 - Peças de Investigação em Jornais Generalistas. Fonte: Elaboração própria

Quando olhamos individualmente para estes jornais, separando e comparando as secções, deparamo-nos com um cenário onde, nos dois jornais generalistas e no semanário, a secção sociedade é aquela que gera mais investigação, seguida de desporto e das restantes. Olhemos primeiro para o caso do *Correio da Manhã* (figura 2), onde 83% dos artigos pertencem à secção de sociedade (64 notícias), 11% a desporto (8 notícias), 4% das investigações analisadas sobre política (3) e 1% sobre Economia e Pessoas (1 notícia).

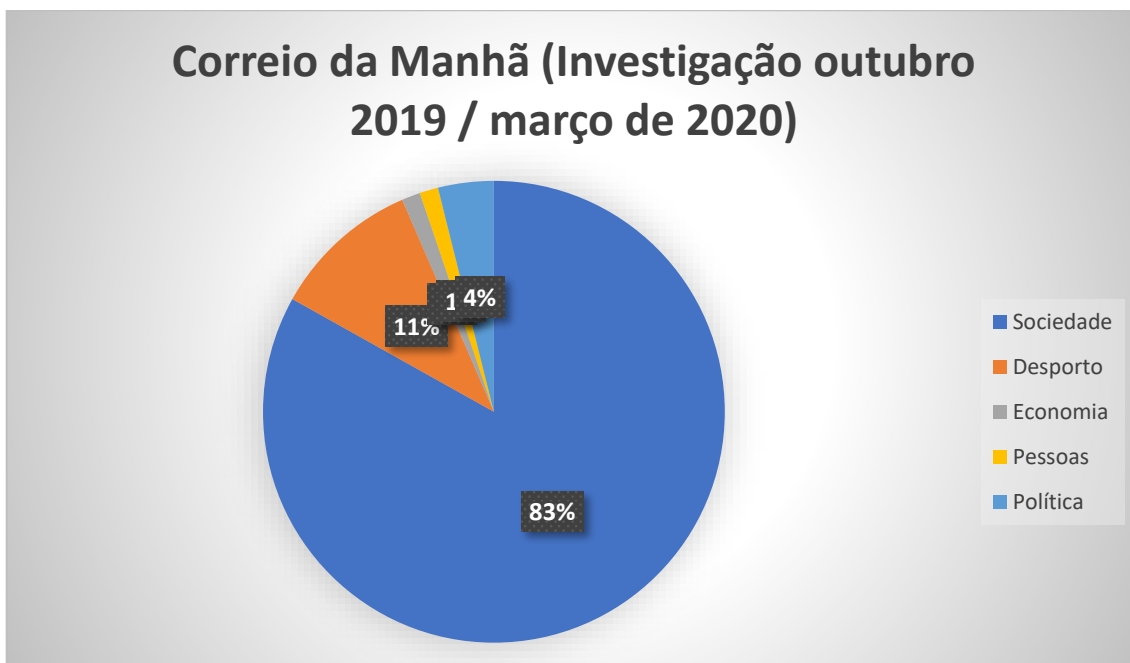


Figura 2 - Correio da Manhã (Investigação outubro 2019 / março 2020). Fonte: Elaboração Própria

Segue-se o *Expresso* (figura 3), onde não existe tanto desequilíbrio entre secções. Sociedade continua a ser aquela com maior cobertura com 43% das investigações (14 notícias), o desporto reúne 27% das peças de investigação (9 notícias), Ciências e Saúde conta com 18% (6 notícias), Política e Economia surgem com 6% (2 notícias).

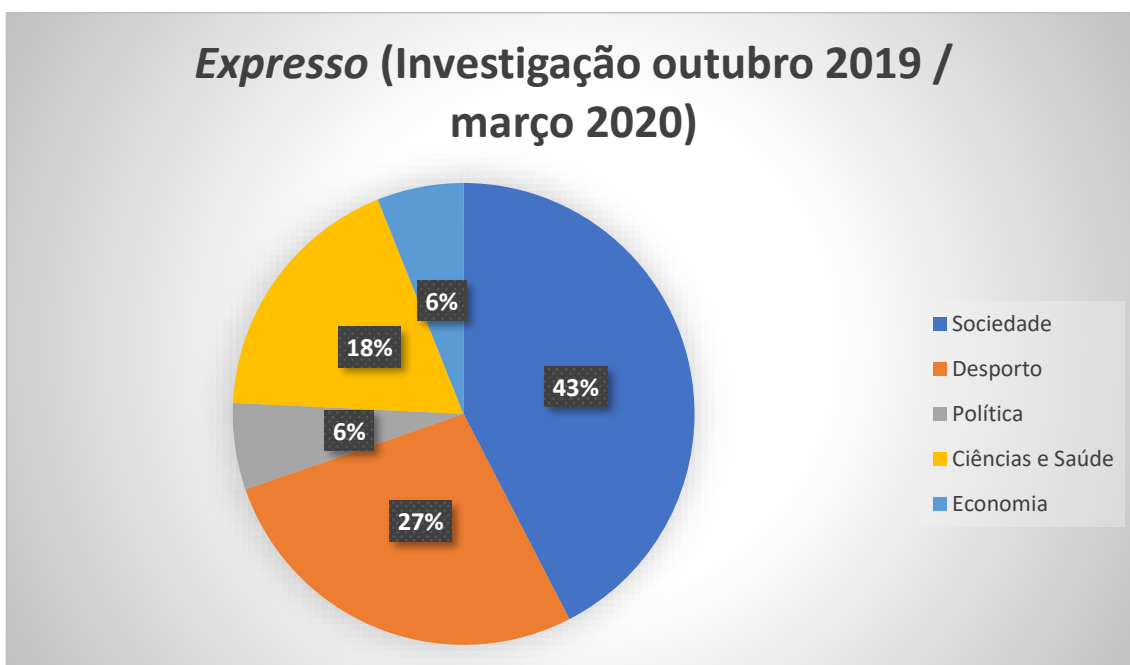


Figura 3 - Expresso (Investigação outubro 2019 / março 2020). Fonte: Elaboração própria

Por fim, há que olhar para a figura 4 onde estão ilustrados os resultados do *Público* e onde a secção Sociedade volta a ganhar maior destaque contando com 60% das investigações (76 notícias). Aqui, ao contrário daquilo que aconteceu nos dois gráficos anteriores, Política é a

segunda secção com mais investigações 15% (19 notícias), seguindo-se desporto com 13% (17 notícias). Economia contabiliza 11% (14 notícias) e Ciências e Saúde 1% (1 notícia).

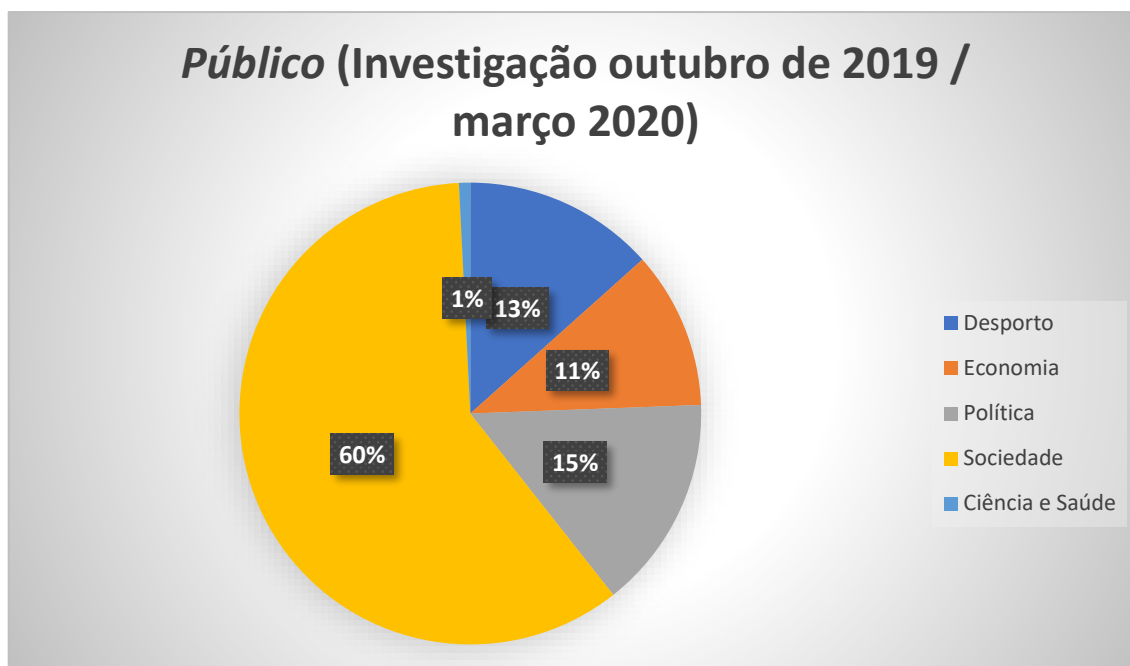


Figura 4 - Público (Investigação outubro de 2019 / março de 2020)

No que diz respeito às peças de investigação de jornalismo desportivo (figura 5), com os dados nos jornais generalistas a serem extraídos da respetiva secção “Desporto” e dos suplementos publicados com o jornal (o *Correio da Manhã* lança um suplemento aos sábados), podemos verificar que é o diário *Público* que regista o maior número de notícias publicadas, contabilizando ao longo dos seis meses 21 notícias (40%). Nos generalistas segue-se o diário *Correio da Manhã* com sete (13%), e o semanário *Expresso* com nove (17%).

Quanto aos jornais desportivos, podemos observar que entre os três diários, durante os seis meses em análise, o diário desportivo *Record* publicou oito peças de investigação (15%), o diário desportivo *A Bola* cinco (9%) e o diário desportivo *O Jogo* três (6%). Ao todo, os diários desportivos registam 16 peças de investigação sobre desporto entre outubro de 2019 e março de 2020. Menos que o total do diário *Público*, que durante o mesmo período publicou 21 peças de investigação.

Podemos também observar que o diário *Público* nesse espaço temporal publicou peças nos seis meses em análise, enquanto o diário desportivo *O Jogo* só lançou peças em março de 2020. Somando todos os jornais contabilizados, e categorizando por generalistas e desportivos, podemos aferir que os diários generalistas publicaram 37 notícias (70%) e os desportivos 16 (30%).

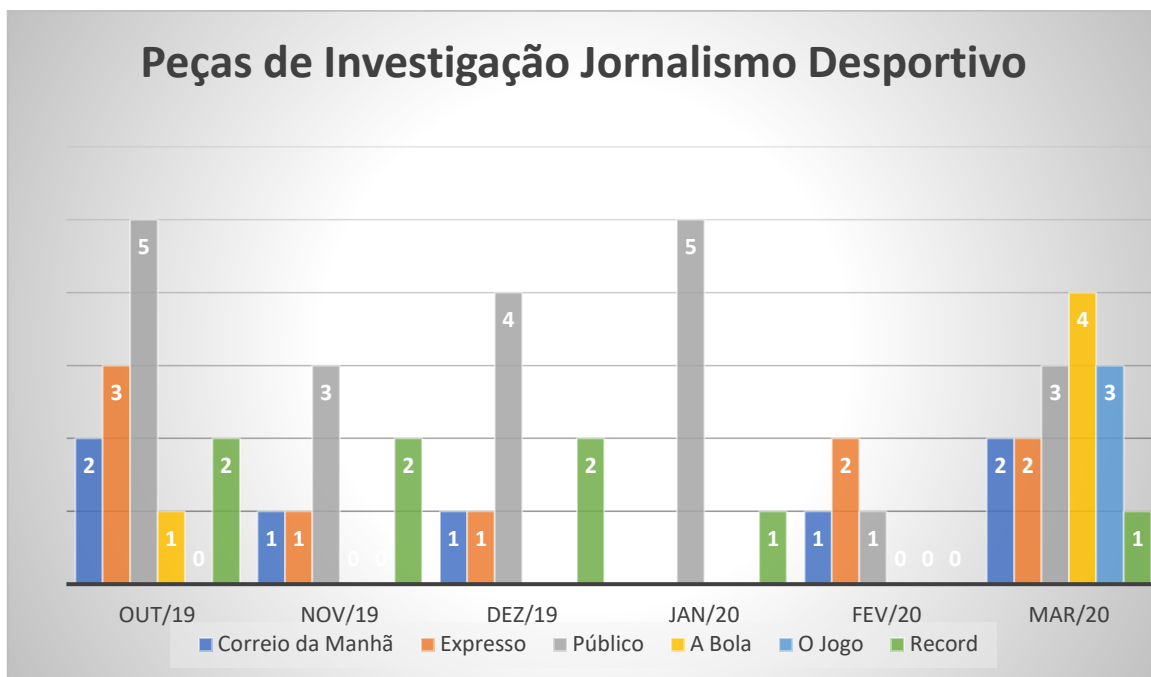


Figura 5 - Peças de Investigação Jornalismo Desportivo. Fonte: Elaboração Própria.

Na figura 6, podemos perceber o destaque e o interesse no futebol sobre todas as outras modalidades. A dimensão “Futebol” é a que tem maior expressão nas peças analisadas, com 89% (47 notícias) destas abordando temas sobre ou relacionados com futebol. Segue-se “Outros” com 9% (cinco notícias) e “Atletismo” com apenas 2% (uma notícia). Na dimensão “Outros” procurámos incluir desportos como o ténis, o hóquei, o futsal, o andebol, o basquetebol, entre outras modalidades tanto coletivas como individuais.

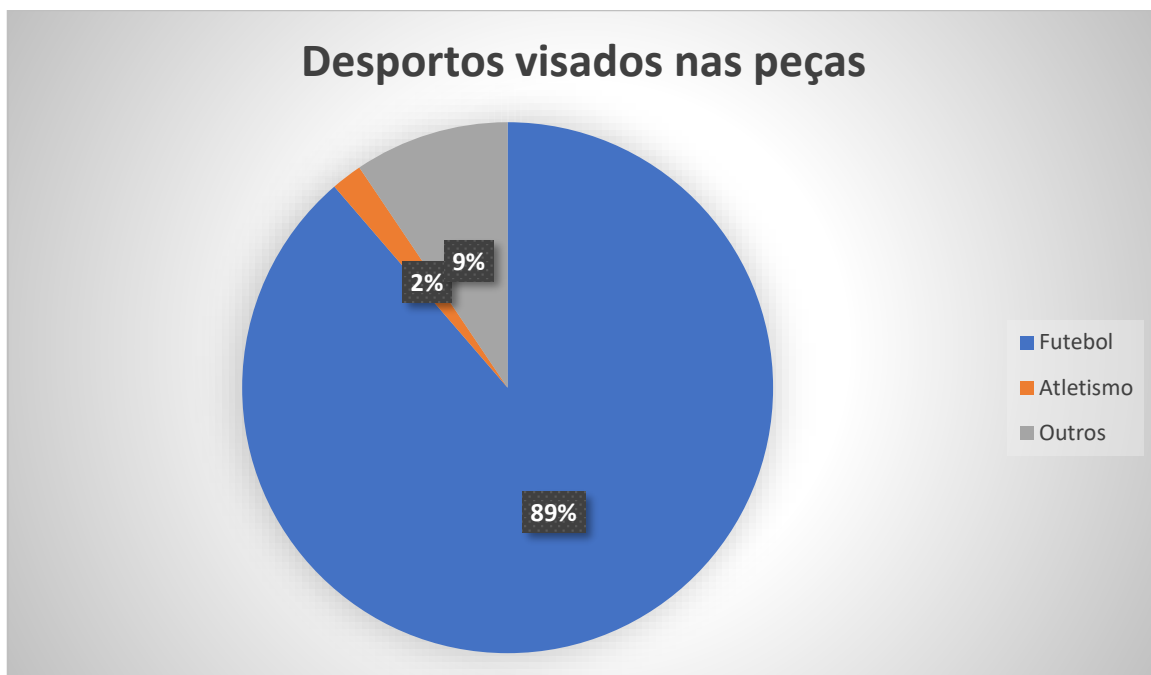


Figura 6 – Desportos visados nas peças. Fonte: Elaboração Própria.

É possível notar na figura 7 que 34% das peças (18 notícias) são posicionadas nas “Páginas Pares”, 30% (16 notícias) tem chamada de capa em forma de destaque, enquanto 26% (14 notícias) das peças analisadas são manchete da edição onde foram publicadas. As “Páginas Ímpares” são aquelas que recebem menos peças de investigação de jornalismo desportivo, sendo apenas 10% (5 notícias).

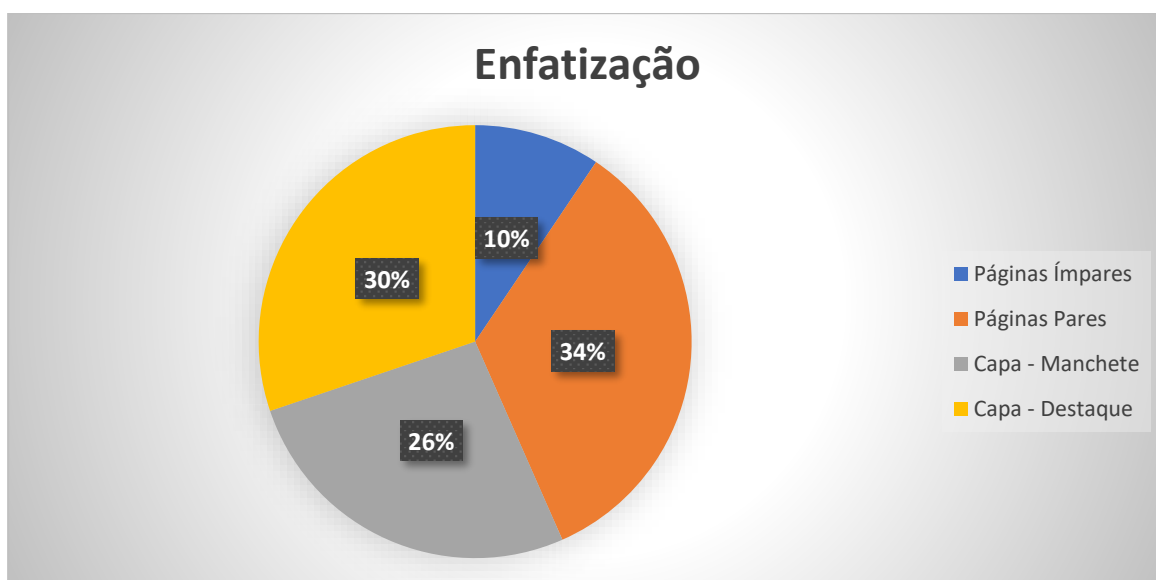


Figura 7 - Gráfico circular acerca da Ênfase das Notícias. Fonte: elaboração própria

A maioria das fontes encontradas (figura 8) nas peças analisadas são “Fontes Institucionais”, esta dimensão abrange 62% (33) das notícias encontradas. As “Fontes

Interessadas” compõem 19% (10 notícias) do total analisado, sendo estas fontes alguém que tem interesse no desenlace do tema abordado na notícia. Contam-se 6% de “Fontes declaradas” e “Fontes anónimas” (6%) (três notícias), existindo um equilíbrio no número de peças que mencionam quem é a fonte e aquelas que não o fazem. Seguem-se 5% (três notícias) de “Fontes Desportivas”, que têm alguma ligação ao desporto investigado e somente 2% (uma notícia) das fontes consultadas são “Fontes Externas” sem qualquer ligação ao desporto que é tratado na peça.

Existe então uma preferência pelas fontes institucionais quando são investigados temas no desporto (fontes como o Ministério Público, Tribunal Arbitral do Desporto, Autoridade Tributária, etc.), enquanto as fontes que têm ligação direta com o mesmo são consideravelmente menos. Também é possível observar que em algumas das peças analisadas a fonte é mantida no anonimato e com menor representação encontram-se as fontes que não estão associadas ao desporto em qualquer forma.

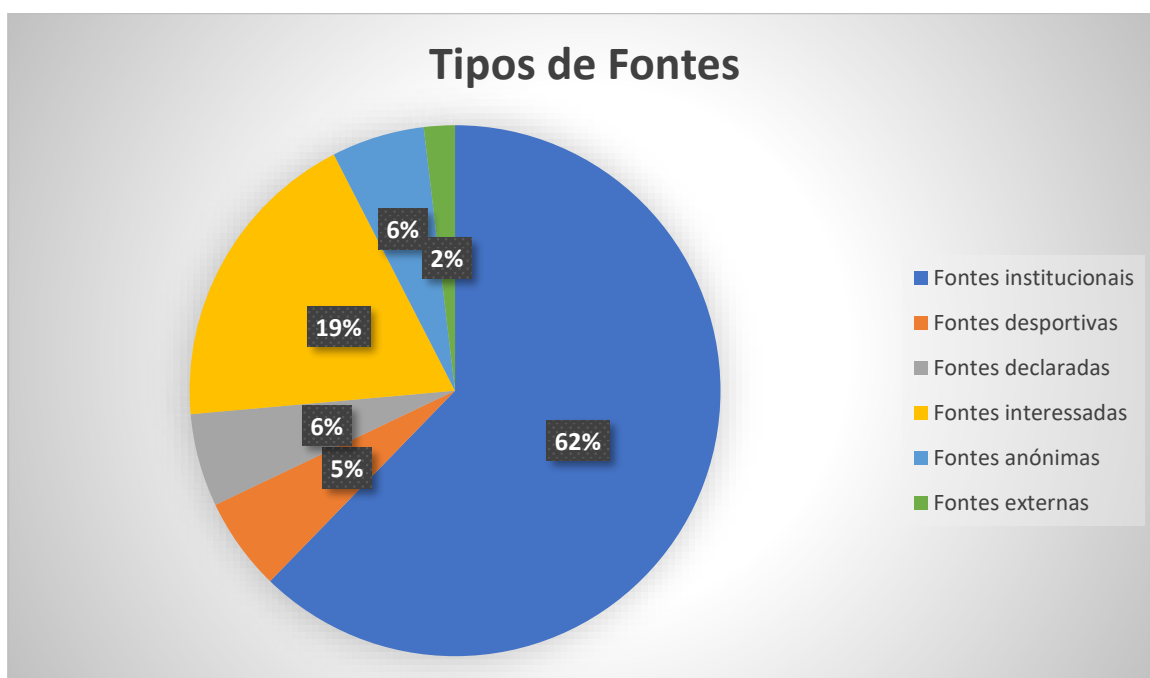


Figura 8 - Gráfico circular "Tipos de fonte". Fonte: Elaboração Própria

Os “Processos Judiciais” foram o tema com maior destaque nas peças analisadas (figura 9), com 35% (18 notícias). Assuntos como as “Finanças Desportivas” e “Transferências” também estiveram sob investigação em 10% (cinco notícias cada). Seguiram-se a “Discriminação Racial” com 6% (3 notícias), as “Políticas desportivas” com 4% (duas notícias), o “Abuso de Substâncias” e a “Manipulação de Resultados” com 2% (uma notícia cada. “Outros” assuntos foram tema de 31% das notícias (16).

A dimensão “Processos Judiciais” tem como objetivo reunir todas as investigações que estavam a decorrer e processos que já estavam em curso e a ser julgados; em “Transferências” o foco são as transferências de atletas que, independentemente da modalidade, tenham sido investigadas; “Finanças Desportivas” representa a análise e a investigação a despesas por parte das organizações; nas “Políticas Desportivas” pretende-se aglomerar as questões administrativas que foram alvo de escrutínio; “Discriminação Racial” aborda temas relacionados com o racismo; em “Manipulação de Resultados” pretende-se ilustrar os casos que envolvem o ajuste de resultados de jogos desportivos para benefício próprio; por fim, em “Outros” vimos ser abordados temas como a saúde mental, fundações criadas por jogadores, questões relacionadas com o treino dos atletas durante a pandemia de Covid-19 (como treinavam, onde treinavam, como faziam a sua alimentação).

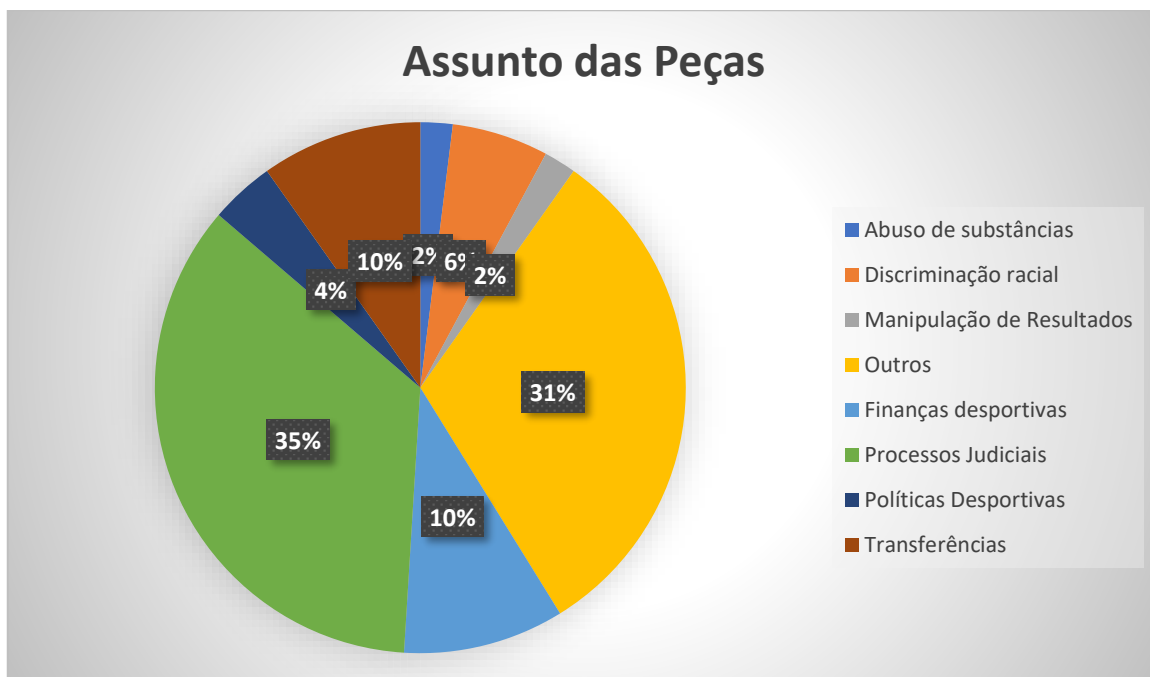


Figura 9 - Gráfico circular "Assunto das Peças". Fonte: elaboração própria.

Das peças analisadas para averiguar o número de fontes (figura 10), 58% (30 notícias) contabilizavam apenas uma fonte. 21% (11 notícias) tiveram acesso a cinco ou mais fontes. Foram registadas duas fontes em 15% das peças (oito notícias), três fontes em 4% (duas notícias) e quatro em 2% (uma notícia).

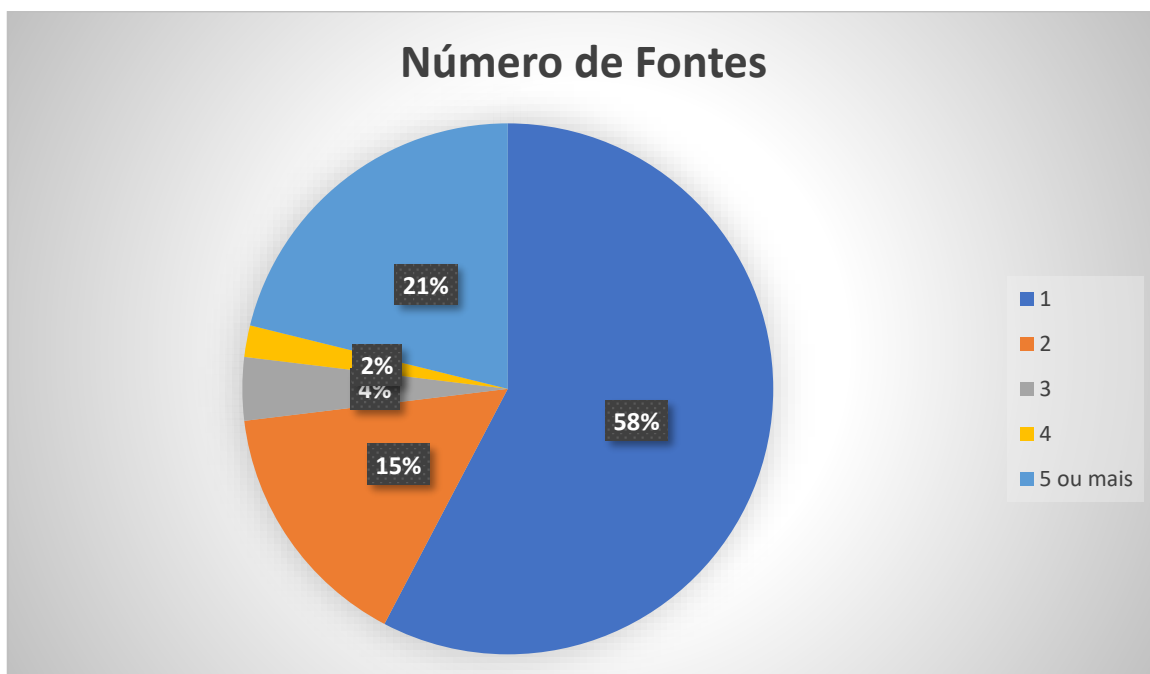


Figura 10 - Gráfico circular "Número de Fontes". Fonte: Elaboração própria

Observando a figura 11, conseguimos entender que 72% das peças publicadas (38) abordavam um tema “Negativo”, 15% (8) tratavam de temas “Positivos”, enquanto as restantes

13% (7) expunham temas “Neutros”. As reportagens cujo foco eram temas “Negativos” eram centradas em assuntos como corrupção, fugas ao fisco, investigações policiais em curso, racismo, aquelas com temas “Positivos” falam de histórias de superação ou procuram saber mais sobre uma modalidade num país e aquelas que visam temas neutros tocam em questões relacionadas com a saúde mental ou o treino dos atletas.

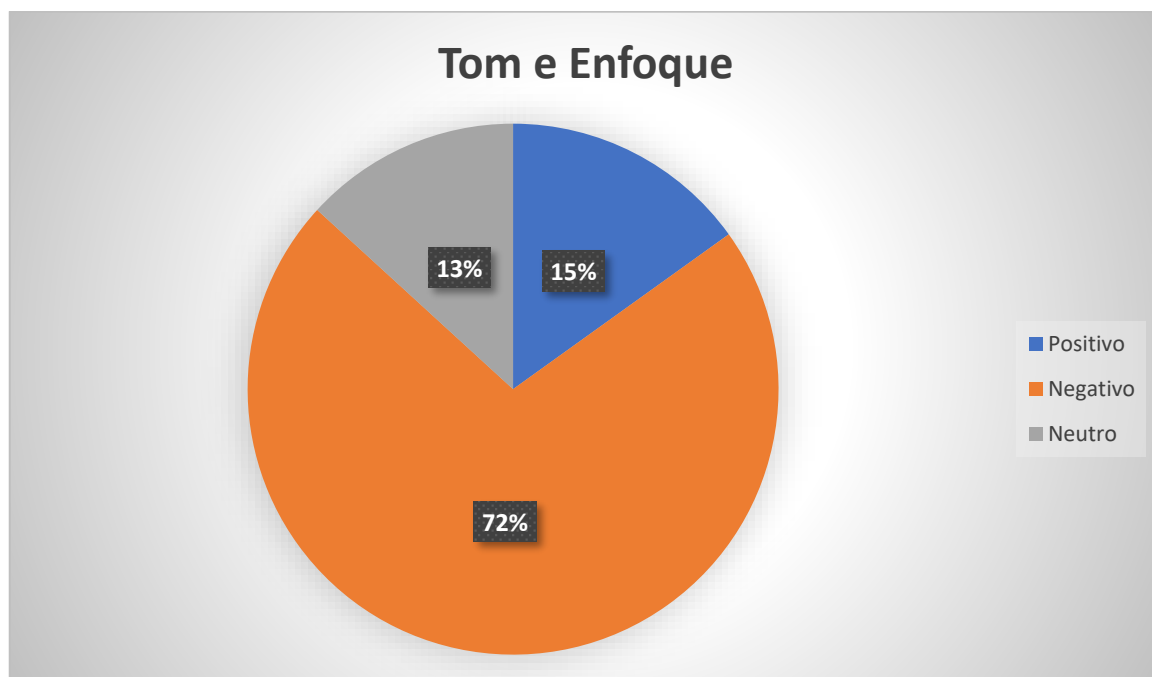


Figura 11 - Gráfico circular "Número de Fontes". Fonte: Elaboração própria

As investigações conduzidas visaram em 41% das ocasiões “Clube/Instituição” (22 notícias), 23% das vezes a investigação envolvia um “Protagonistas Não Desportivo” (12), os “Dirigentes” foram o alvo de 17% das investigações (nove notícias), seguindo-se os “Jogadores” com 15% (oito notícias). Os elementos da “Equipa técnica” só figuram em 4% das investigações (duas notícias) (ver figura 12).

Importa clarificar quem está incluído nas dimensões apresentadas na tabela acima. “Clube/Instituição” pretende reunir os clubes, federações e outras instituições, associações ou organizações com ligação ao desporto; a dimensão “Jogadores” tem o intuito de nela incluir todos os praticantes de modalidades desportivas mencionados nas peças analisadas; a dimensão; na dimensão “Dirigentes” reúnem-se todos os membros de uma estrutura diretiva, sejam eles o presidente ou o diretor de comunicação; na dimensão de análise “Protagonistas Não Desportivos” pretende-se incluir os adeptos, claques, os empresários dos atletas, os familiares ou figuras que outrora foram mas já não têm ligação ao desporto; por fim, na dimensão “Equipa

Técnica” podemos encontrar treinadores, preparadores físicos, roupeiros ou membros do departamento médico.

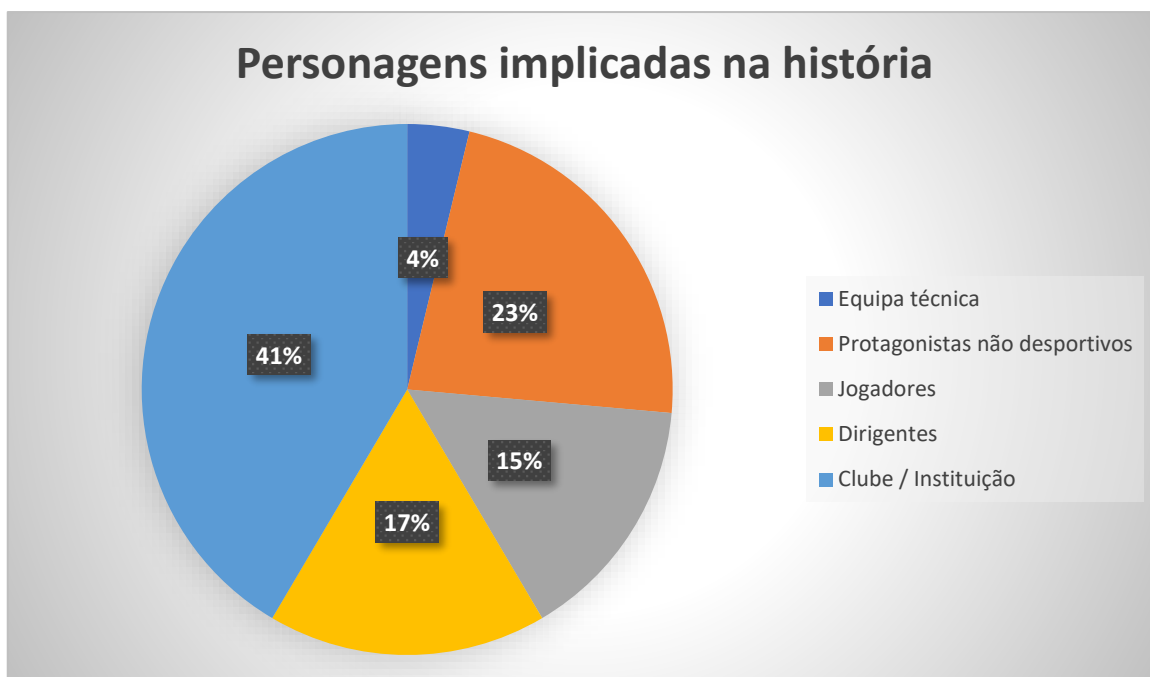


Figura 12 - Gráfico circular "Personagens implicadas na história". Fonte: elaboração própria.

No que toca à continuidade das peças, 85% (45) das mesmas foram peças isoladas enquanto somente 15% (oito) formaram uma série de reportagens acerca de ou vários temas. A maioria das peças encontradas são, portanto, investigações que não têm continuação (figura 13).

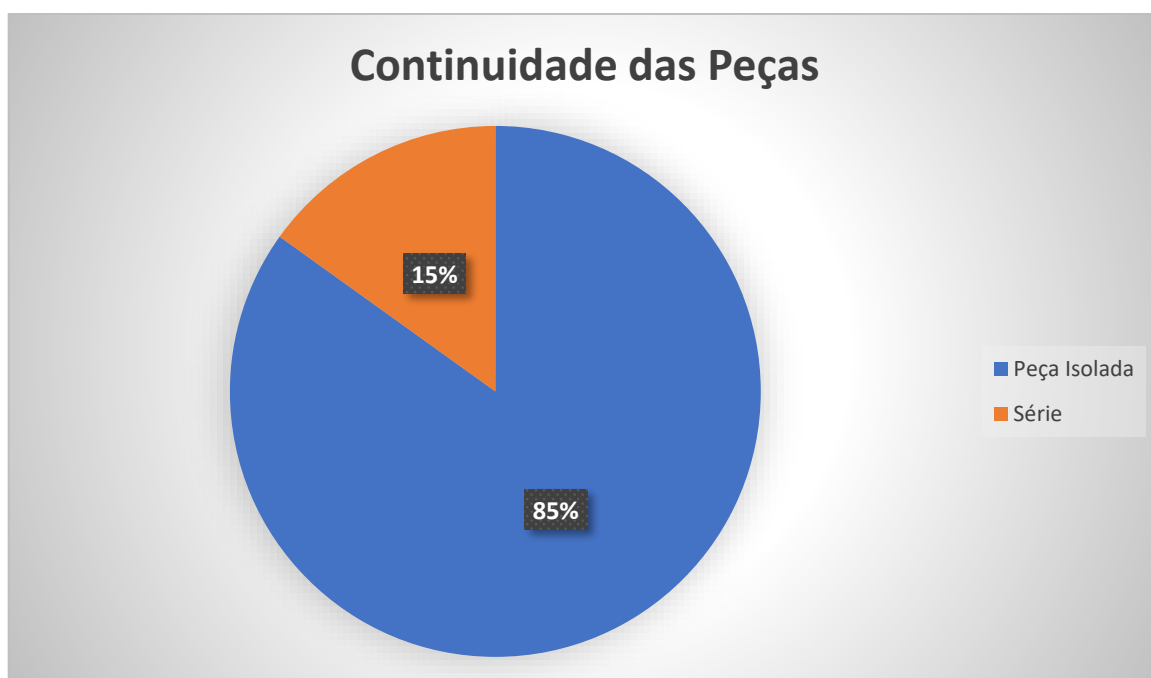


Figura 13 – Gráfico Circular “Continuidade das Peças”. Fonte: elaboração própria

As investigações publicadas foram em 72% (38) das ocasiões trabalho de um só jornalista, enquanto 28% (15) foram fruto de um trabalho que envolveu “dois ou mais” jornalistas (figura 14).

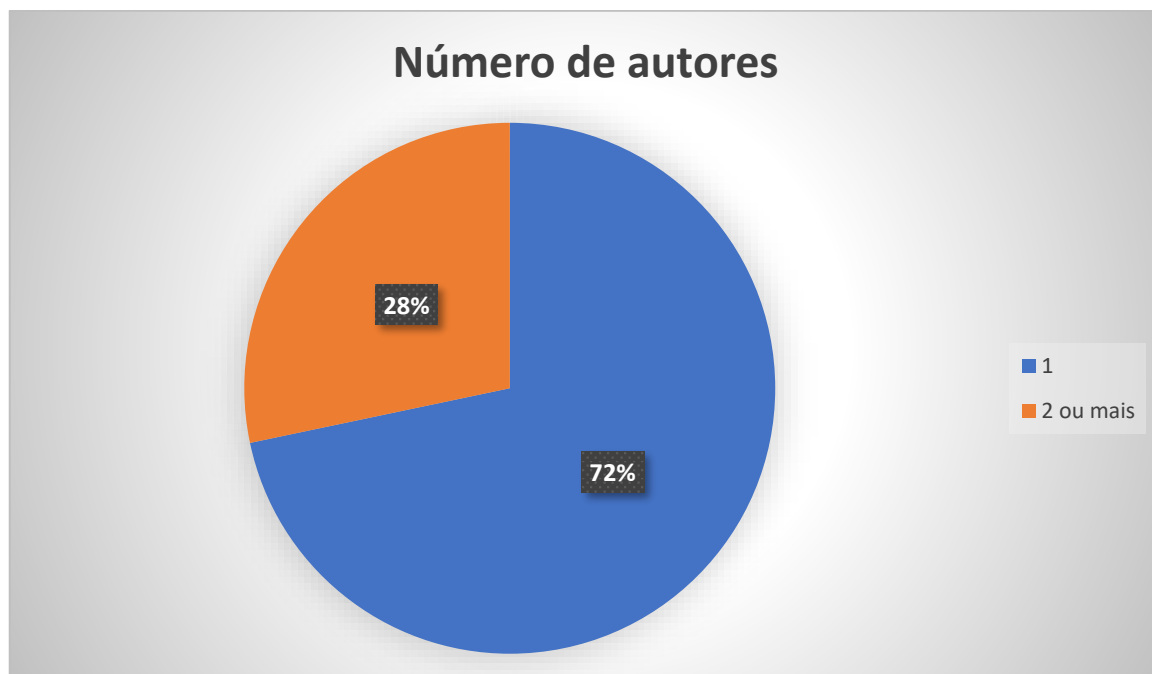


Figura 14 - Número de autores das peças. Fonte elaboração própria

3.2. Análise das Entrevistas

As entrevistas realizadas para este trabalho foram efetuadas depois de concluída a análise de conteúdo aos jornais generalistas, desportivos e semanário. Foi elaborado um conjunto de perguntas composto tanto pelas questões abordadas no Estado da Arte como pelos resultados obtidos durante a análise de conteúdo, para depois ser possível confrontar os entrevistados com os mesmos e saber a sua opinião acerca destes, de forma a reforçar esta pesquisa com a sua experiência e perspetiva.

Os entrevistados foram selecionados com base nos jornais analisados, com a preferência a recair sobre jornalistas que tinham assinado as peças de investigação publicadas. Tentou-se chegar ao contacto através de diversos meios, recorrendo a *e-mail* institucional ou às redes sociais como *Facebook*, *LinkedIn*, *Twitter* ou *Messenger*. A tarefa revelou-se mais complicada que o esperado em alguns casos, visto que a partilha de *e-mail* institucional é praticada em poucos jornais, tendo assim de recorrer a estes meios alternativos como as redes sociais.

Para responder às questões desta investigação, contamos com a participação dos jornalistas David Andrade e Paulo Curado, do *Público*; Hugo Franco, do *Expresso* e Célia Lourenço, *d'A Bola*.

David Andrade, formado em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores pelo Instituto Superior de Engenharia do Porto, é jornalista no jornal *Público* há quase 24 anos. Trabalha diretamente com o desporto, mas também tem interesse em áreas como a política, viagens, música, ecologia e ambiente¹².

Paulo Curado, formou-se em História pela Universidade Nova de Lisboa, e é jornalista no *Público* desde 1990. Ajudou a fundar a secção Rádio & Televisão, “precursora dos atuais Media” e mais tarde aventurou-se pelo desporto, dedicando-se atualmente à investigação³.

Hugo Franco, fez a sua formação em Ciências da Comunicação no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) na então Universidade Técnica de Lisboa (UTL), já passou pelo *Correio da Manhã* e colaborou com as revistas *Sábado* e *Evasões*. As suas áreas de interesse são segurança, crime e terrorismo e já viu algumas das suas reportagens premiadas, tendo vencido o Prémio Prestígio, da Associação Nacional de Bombeiros Profissionais, por vários artigos acerca de incêndios florestais e o Prémio do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), com a reportagem “Comunidade brasileira em Portugal”⁴⁵.

Célia Lourenço completou os seus estudos em Jornalismo pela Universidade Autónoma de Lisboa (UAL) em 1995 e tem uma vasta experiência na área tendo feito trabalho como *freelancer* em diversas publicações, com um estágio no *Diário de Notícias*⁶.

O guião de entrevistas (ver anexo 3, página 74) é composto por onze perguntas e, como se optou por um método de entrevistas semiestruturadas, deixou-se espaço para possíveis perguntas que pudessem surgir durante a nossa conversa.

¹ *LinkedIn*, perfil de David Andrade, disponível em: <https://www.linkedin.com/in/mr-david-andrade/>, consultado a 10 de outubro de 2022.

² *Público*, perfil de David Andrade, disponível em: <https://www.publico.pt/autor/david-andrade>, consultado a 10 de outubro de 2022.

³ *Público*, perfil de Paulo Curado, disponível em: <https://www.publico.pt/autor/paulo-curado>, consultado a 11 de outubro de 2022.

⁴ *Expresso*, perfil de Hugo Franco, disponível em: <https://expresso.pt/autores/2015-05-02-Hugo-Franco-a755afb7>, consultado a 13 de outubro de 2022.

⁵ *Wook*, perfil de Hugo Franco, disponível em: <https://www.wook.pt/autor/hugo-franco/3346104>, consultado a 13 de outubro de 2022

⁶ *LinkedIn*, perfil de Célia Lourenço, disponível em: <https://www.linkedin.com/in/celia-lourenco-a84b5bb6/>, consultado a 10 de agosto de 2022.

Antes de iniciar as entrevistas, os entrevistados foram confrontados com alguns dos dados recolhidos durante a análise de conteúdo, para assim terem alguma contextualização quanto ao trabalho efetuado até ao momento.

Com o intuito de simplificar a análise às declarações dos entrevistados, as respostas vão ser analisadas de forma linear, respeitando a sua ordem, com o propósito de conseguir comparar os seus pontos de vista acerca dos tópicos em discussão.

À questão “A que se deve a discrepância entre a investigação nos jornais generalistas e nos jornais desportivos?”, David Andrade considerou que era “uma pergunta complicada”, preferindo dar a sua opinião. Na sua perspetiva trata-se de uma questão transversal a toda a imprensa, não restrita a jornais generalistas ou desportivos. Menciona que os jornais vão vendendo cada vez menos, as receitas também vão decaindo e que existe uma dependência dos grupos económicos (ver apêndice 2, página 81).

No caso do desporto, é uma dependência de três clubes e onde a atividade desportiva com maior acompanhamento é o futebol, existindo uma associação por parte do público aos clubes. Acredita ser difícil fazer investigação num jornal desportivo, a não ser que a investigação interesse e agrade ao público-alvo que se pretende alcançar, achando que o mesmo se passa na imprensa generalista, pois podem existir pessoas e grupos que influenciem a forma como o jornal trabalha. No final, está tudo muito dependente da autonomia e liberdade financeira que um jornal tem. Concluiu referindo que a imprensa desportiva, dependente das vendas, pode sair prejudicado por incomodar as fontes que proporcionam a notícia e por toda a sua envolvimento (ver apêndice 2, página 81).

Quando questionado, Paulo Curado mencionou uma série de fatores que podem ser impeditivos para a investigação nos desportivos e que podiam levar a que tal discrepância se evidenciasse. Tal como David Andrade, constatou que tal também se deve à queda de receitas, à quebra de vendas dos jornais em papel e à independência financeira dos órgãos de comunicação social (ver apêndice 4, página 88).

Aproveitou para trazer para a discussão outras problemáticas, como a dependência da publicidade, a filtragem de informação por parte dos clubes que contam com “departamentos de comunicação cada vez mais robustos” contratando nomes sonantes para as suas fileiras, a proximidade dos agentes desportivos, a segurança das fontes de informação, as redações cada vez mais “esvaziadas”, a ascensão do online e a falta de investimento por parte dos jornais na investigação (ver apêndice 4, páginas 89-90).

A investigação “dá trabalho, rouba tempo” e com o online o jornalista voltou a fazer um bocadinho de tudo. Em vez de estar só com um trabalho em mãos, hoje tem um “conjunto de tarefas imensas num jornal” (ver apêndice 4, página 90).

Já Célia Lourenço disse “não se sentir com elementos suficientes para dissertar sobre um assunto” sobre o qual podia estar errada. Afirma que há dentro do desporto muita investigação, mas não só sobre escândalos ou apostas. “Uma investigação nas modalidades não tem a dimensão de um escândalo no futebol” (ver apêndice 1, página 75).

Para Hugo Franco estes números foram “uma surpresa”. Disse não estar na posse de números que o levassem a concluir “isso ou o contrário” (ver apêndice 3, página 85).

Na segunda questão, e tendo por base os dados recolhidos, os entrevistados foram questionados sobre a dificuldade no acesso às fontes. A pergunta colocada foi “A maioria dos artigos só tem uma fonte: o acesso às fontes é difícil?”.

A resposta de David Andrade abordou a utilização das fontes anónimas, prática que só deve ser levada a cabo de forma muito pontual. Deu o seu exemplo, no qual só utiliza a fonte anónima quando tem acesso ou complementa o artigo com provas documentais. Na sua ótica é “um mau princípio fazer-se uma notícia baseada exclusivamente em fontes anónimas”. Entende também que se uma notícia é “construída de cima a baixo só com uma fonte, isso é mau jornalismo” (ver apêndice 1, página 82).

O acesso às fontes, segundo Paulo Curado, é “muito difícil”. Mas é uma relação que se vai trabalhando e na qual se tem de ter diferentes fatores em conta. A fonte pode ser ou não interessada na matéria que vai ser publicada, “pode ser legítima ou não” e há sempre que questionar e fazer o cruzamento de informação. O jornalista também encara com alguma dificuldade quando vê uma notícia inteira baseada numa só fonte (ver apêndice 4, página 90).

Célia Lourenço também vê o acesso às fontes como difícil. Como trabalha somente com modalidades, crê que estabelecer uma comparação quanto à dificuldade no acesso às fontes entre o futebol e as restantes modalidades é complicado. Entende que para conseguir chegar às fontes é necessário que o jornalista não tenha medo e possua o engenho para contornar as dificuldades que lhe são colocadas. Vê esta parte do jornalismo como a mais desafiante: a de conseguir a informação (ver apêndice 1, páginas 75).

O imediatismo do jornalismo atual é, para Hugo Franco, o motivo pelo qual os artigos carecem de mais fontes. Para si os artigos são escritos recorrendo só a uma fonte porque são

“escritos no próprio dia” e pensa não ser “difícil fazer dois ou três telefonemas para “*checkar*” a informação” (ver apêndice 3, página 85).

Tentou-se também perceber quais eram as dificuldades com as quais os jornalistas se deparavam durante uma investigação jornalística e se havia alguma que para eles se destacava durante o exercício da sua função. A questão que se colocou aos entrevistados foi “Quais são as barreiras que se costumam ultrapassar durante a investigação? Qual delas a maior?”

A recolha de provas que provem o que está a ser noticiado foi uma das barreiras que David Andrade referiu. Tal é difícil porque, de acordo com o jornalista, existem pessoas que têm “medo de falar, de assumir o que vão dizer”. Defende que o jornalismo deve “ser factual e basear-se unicamente em factos, que devem ser provados e comprovados”. A dificuldade na recolha de provas, declarações e documentos que sustentassem a sua notícia já levou a que deixasse cair artigos (ver apêndice 2, página 82).

O anonimato das fontes de informação ou o receio que estas têm em falar foram alguns dos fatores que Paulo Curado admitiu serem barreiras durante uma investigação jornalística. Diz que no desporto há “um corporativismo”, uma necessidade de “proteger o desporto por dentro”, criando assim um grande bloqueio à informação que é disponibilizada, sendo muitas vezes a única informação disponível aquela que os clubes são obrigados a enviar (ver apêndice 4, página 91).

Aborda também o papel dos departamentos de comunicação, e como obter uma reação por parte destes a uma notícia não é fácil, pois estes optam por abordar a situação não comentando e tendo uma atitude mais reativa em vez de auxiliar a comunicação social nas suas funções (ver apêndice 4, página 92).

Na temática do anonimato e acesso às fontes, é possível registar alguma concordância entre os entrevistados, pois Hugo Franco fala da dificuldade em obter fontes formais “que falem em ou sobre os assuntos” e em como se torna ainda mais difícil fazê-lo quando o tema a ser noticiado “tem um q.b de polémica” (ver apêndice 3, página 85).

Com a resposta de Célia Lourenço obteve-se quase uma unanimidade na maior barreira que um jornalista enfrenta quando está a trabalhar numa peça. A jornalista confessa que “depende do tema”, mas acaba por bater muito no acesso à fonte. Prefere não dar uma notícia que dar uma notícia errada (ver apêndice 1, página 75).

De maneira a não sair do tópico, continuou-se a tentar melhor compreender a relação entre o jornalista e as suas fontes. Surgiu daí a pergunta “Alguma investigação fez com que perdesse fontes?”

A resposta a esta pergunta por parte dos entrevistados foi tanto afirmativa como negativa. Houve quem já tivesse perdido fontes de informação devido a um artigo de investigação publicado e há quem tenha uma boa relação com as suas fontes.

Os jornalistas Hugo Franco e Paulo Curado partilharam já ter perdido ou “arrefecido” fontes após a publicação de uma investigação jornalística. Na opinião de Hugo Franco “é essa a diferença entre ter de publicar e saber que não vai agradar às fontes”. Não se pode escrever para agradar às fontes e “às vezes temos que ir contra as próprias fontes” (ver apêndice 3, página 85).

Enquanto isso, Paulo Curado diz que não perdeu fontes, mas antes arrefeceu essas fontes. Admite porém que tudo parte de uma questão de confiança. Nunca perdeu fontes importantes, mas sabe que houve aquelas que levaram a mal alguns dos assuntos sobre os quais já publicou (ver apêndice 4, página 93).

Em contraposição, David Andrade diz não ter perdido fontes e também trouxe para a discussão a confiança na relação com as mesmas. Partilhou já ter excluído fontes por não serem de confiança e que também há fontes que o deixam de ser porque “eventualmente já não se proporciona”. Para si, o jornalista tem de ter cuidado com as fontes, perceber se são credíveis. Caso não sejam, deve deixar de contar com elas (ver apêndice 2, página 82).

É possível também criar uma boa relação com as fontes, como partilhou Célia Lourenço, que admitiu nunca ter perdido uma fonte. Diz, no entanto, que não sabe se “isso quer dizer que é muito branda”. Sabe que tem de ser acutilante quando a situação assim o exige e caso exista um mal-entendido com as fontes, tenta sempre esclarecer com as pessoas. “O que é para dizer em *off* fica em *off*, seja ou não para dar a cara” (ver apêndice 1, página 76).

O crescimento do online e o papel do imediatismo no jornalismo exercido nos dias de hoje já foi mencionado pelos entrevistados durante esta análise. De forma a melhor compreender o papel que estas fatores desempenham colocámos a seguinte questão aos jornalistas “A rapidez do jornalismo moderno está a colocar a investigação no desporto (e no geral) em risco?”

David Andrade considera ser a pressa de publicar notícias o que está a prejudicar o jornalismo. Isto, no seu entendimento, deve-se à “preocupação em ter cliques” que o *online* trouxe, “para que a notícia seja partilhada e entre rapidamente nas redes sociais”. Concluiu

dizendo que “para investigar é preciso tempo, uma investigação não é feita de um momento para o outro. A pressa prejudica o jornalismo, a investigação não” (ver apêndice 2, página 83)

Quanto a Hugo Franco, a resposta foi “sim e não”, passando de seguida a explicar o porquê da sua resposta. O “sim” foi para a “falta de meios e de dinheiro”. O “não” para explicar que mesmo estes fatores não são impedimento “quando existe vontade de ir mais a fundo”. Afirma que é possível em “determinadas situações” conseguir-se investigar mais (ver apêndice 3, página 85).

Na perspetiva de Paulo Curado, a rapidez coloca em causa o jornalismo e a credibilidade jornalística. Pretende que quando as pessoas leem aquilo que é escrito no Público, tenham certeza que é aquilo que está certo. Prefere que o seu órgão de comunicação social não seja o primeiro a dar as notícias, mas que seja o melhor quando as dá. Como David Andrade, refere a urgência que o online trouxe para a produção de conteúdos noticiosos e para que este seja publicado e diz que as pessoas vivem muito da “necessidade da notificação”. Defende que se perca tempo na confirmação da notícia, em vez de se recorrer à citação de outro órgão de comunicação social e a existência de um provedor do leitor que critique e avalie o trabalho que é feito (ver apêndice 4, página 94).

Célia Lourenço partilha da opinião de Paulo Curado, de como esta rapidez coloca em risco o próprio jornalismo. O *online* leva a que o jornalismo se tenha de reinventar. Enquanto a fórmula nos semanários já é outra, os diários precisam de se reinventar e reestruturar para sobreviver. Um processo pelo qual já estão a passar, visando que o que é publicado seja uma mais-valia e acrescente valor, porque “ninguém vai comprar um jornal” só para ler acerca do resultado do dia anterior (ver apêndice 1, página 76).

Foi feita uma questão aos jornalistas acerca da predominância do desporto sobre as outras modalidades nas peças de investigação encontradas durante a nossa análise, querendo perceber porque é que isso acontecia. Será porque o futebol traz mais leitores? Perguntou-se: “As notícias de investigação incidem maioritariamente sobre o futebol. É pela exposição do desporto? Porque vai trazer mais leitores?”. Os entrevistados concordaram que o destaque recai sobre o futebol, embora por razões diferentes.

A visibilidade, a emotividade e o interesse foram os motivos escolhidos por Hugo Franco para descrever a atenção dada ao futebol. O futebol é um desporto que “atrai multidões”, cujas notícias vão “mexer com as pessoas” e geram muito interesse devido aos “meios financeiros envolvidos” (ver apêndice 3, página 86).

Os valores monetários envolvidos, os protagonistas das histórias (por vezes do mundo da política), ou as irregularidades judiciais que se podem encontrar, por este extravasar muitos aspetos da sociedade e ser transversal, são algumas das razões enumeradas por Paulo Curado para justificar o interesse no futebol. É também o desporto “mais escrutinável”. Diz, contudo, que uma das suas peças que foi mais citada era sobre ténis-de-mesa, mas grande parte do que fez foi sobre futebol (ver apêndice 4, página 96).

“Tudo o que não seja futebol, em Portugal não existe”, segundo David Andrade. Em Portugal existe principalmente interesse nos três grandes clubes, Futebol Clube do Porto, Sporting Clube de Portugal e Sport Lisboa e Benfica. E, para si, “as pessoas não querem saber como o clube ganha, querem é que ganhe”. Uma mentalidade que depois acaba por se transpor para as modalidades, que acabaram por beneficiar da entrada desses três clubes nos desportos e crescer em popularidade. Como exemplo disto, David Andrade deu a criação de secções de futsal no Sport Lisboa e Benfica e no Sporting Clube de Portugal (ver apêndice 2, página 83).

Também há que ter em conta a logística da publicação de um jornal, o espaço que é dado às modalidades e os recursos disponíveis para conseguir cobrir estes desportos. Célia Lourenço diz que tanto nos jornais generalistas como nos desportivos há futebol e depois “um bocadinho de modalidades”. E quando se fala das modalidades há que ter em conta o espaço disponível, se o jogo que se vai cobrir é importante. Há muito que acompanhar nas modalidades, mas os recursos, humanos e financeiros, não são muitos. O que acaba por deixar “menos espaço para fazer investigação” (ver apêndice 1, página 77).

Nas leituras efetuadas para a construção do Estado da Arte, foi possível notar que alguns autores mencionaram que a proximidade entre o jornalista e as fontes poderia influenciar o seu trabalho e assim, para não prejudicar a relação entre jornalista e fonte, evita-se muitas vezes publicar algo com uma conotação negativa relacionada com essa mesma fonte. Perguntou-se então aos entrevistados: “A reduzida investigação no desporto deve-se à proximidade entre o jornalista e as fontes?”

Dando a sua opinião, Hugo Franco considera “que nos jornais generalistas tal não acontece”. Quanto aos desportivos não podia comentar (ver apêndice 3, página 86).

Neste caso, David Andrade crê que esta proximidade entre jornalista e fontes acaba por existir mais em outras secções como política ou economia. Porque, a seu ver, o desporto (os clubes), já não precisa tanto da imprensa como os setores da política, economia e cultura. Isto acontece porque, agora, os clubes têm as suas máquinas de propaganda com jornais, televisões,

sites e redes sociais, filtrando assim a sua própria informação. Acaba por ser o jornalista que tem de andar atrás do futebol (ver apêndice 2, páginas 83-84).

Preferindo falar pela sua experiência, Célia Lourenço pensa que tal não acontece. Claro que existem “perguntas difíceis” e, por “muito que doa” fazê-las, há que colocá-las. Não deixa de fazer as perguntas, pois é profissional. Pode considerar-se muito amiga de alguns dirigentes e atletas, mas não as deixa de questionar quando está no seu espaço de trabalho. Diz estar de “consciência tranquila”, pois acredita que consegue arranjar um “equilíbrio” e “compromisso” (ver apêndice 1, página 78).

Desconhecendo a dinâmica das redações, Paulo Curado preferiu não tecer muitos comentários acerca deste tema, mas pensa que este possa ser um “fator determinante” para que um jornalista se iniba muitas vezes de procurar, ligar ou fazer o que quer que seja (ver apêndice 4, página 96).

Continuando a procurar confrontar os entrevistados com temáticas já analisadas no Estado da Arte e para compreender através da sua experiência e observação a sua opinião, foi feita a pergunta: “Alguns autores referem uma maior preocupação com o rumor e a especulação que com os factos. Qual é a sua opinião?”

Aqui, David Andrade partilhou que a política da secção de desporto do Público é diferente da dos desportivos, pois os jornais desportivos na *silly season* têm poucas notícias e precisam de publicar rumores acerca de transferências. O que os jornais desportivos noticiam “muitas vezes são factos, há interesse no jogador”. O próprio admitiu já ter tido conhecimento da transferência de jogadores do “clube A” para o “clube B” com o negócio praticamente feito, mas isso não impede que mais tarde este possa cair (ver apêndice 2, página 84).

“Nunca passou” pela cabeça de Paulo Curado fazer de um rumor notícia. Acha que há uma maior preocupação com o rumor e a especulação, mas diz que “depende muito dos órgãos”. O rumor pode servir como base para uma notícia, como um ponto de partida, “mas nunca como um ponto de chegada ou um objetivo em si”. Pensa que o jornalismo não é rumor, embora no jornalismo desportivo seja comum o rumor de transferência (ver apêndice 4, página 97).

Pela sua experiência, Célia Lourenço não concorda que se faça e ela não o faz. Mas reflete que se calhar existe uma maior preocupação com o rumor. Diz que pedir documentos, escrever notícias que tenham um suporte e fundamentadas no relato de fontes credíveis ou de várias fontes, a deixa com a “consciência muito mais tranquila e um sentido de profissionalismo maior” (ver apêndice 1, página 78).

No entendimento de Hugo Franco, há “casos em que sim” e “casos em que não”. Existem sempre “a regra e a exceção” (ver apêndice 3, página 86).

Sendo o desporto uma área muito movimentada, sempre com algum evento desportivo a acontecer num determinado momento em qualquer parte do mundo e com os protagonistas e intervenientes a serem figuras de destaque, o jornalista deve permanecer vigilante quando se depara com qualquer irregularidade ou suspeita e investigar. Quis-se saber, junto dos jornalistas, o que é que podia fazer o jornalista “para cumprir o seu papel de *watch-dog*?”

Simplificando, David Andrade disse que “o jornalista descobre algo e tem de reportar” (ver apêndice 2, página 84).

É possível ser-se um “*watch-dog*” através da observação. Paulo Curado crê que ser-se um *watch-dog* “no jornalismo é fundamental”, pois existem vários problemas, uma “gigante montanha de irregularidades”. Um jornalista pode não investigar por um rol de motivos: “ou por medo, por falta de tempo, de investimento”. Só não se investiga, aprofunda e se procura escrever porque não se quer (ver apêndice 4, página 97).

O jornalista pode ser um “*watch-dog*” sendo verdadeiro, segundo Célia Lourenço. Manter-se fiel à verdade “seja no desporto ou outra coisa qualquer”. Numa visão que acha “romântica” do jornalismo, Célia diz que o jornalista tem o papel de abrir mentalidades, alertar pessoas e, se for preciso, “tocar em algumas feridas” para que as coisas não aconteçam. Mesmo vivendo num mundo mais acelerado, sob influência “das redes sociais, da notícia fácil, do *clickbait*”, acredita que se continua a fazer um jornalismo sério, que zela por um desporto mais limpo e mais saudável (ver apêndice 1, página 79).

De acordo com Hugo Franco, o jornalista precisa de estar numa redação onde lhe sejam dados “mais tempo e meios” (ver apêndice 3, página 86).

Como penúltima questão, voltou-se a pegar na questão das fontes e na utilização de fontes que não são identificadas na notícia, para perceber se o seu anonimato impactava a credibilidade da notícia junto do editor, do leitor ou de ambos. Foi então colocada a seguinte pergunta: “Quando uma fonte não é identificada, perde a notícia credibilidade junto do editor, do leitor ou de ambos?”

“Pode”, foi a resposta de Hugo Franco, explicou que “não só no desporto como em todo o jornalismo”. As fontes deveriam estar em teoria todas identificadas, “mas nem sempre é possível”. Isto pode criar um dilema para o jornalista, porque publicar uma notícia de uma fonte não identificada pode levar a notícia a “perder força” (ver apêndice 3, página 86).

Para David Andrade, “não só tira credibilidade” como é “mau jornalismo”, pois o jornalista está a publicar “que alguém lhe disse aquilo, não quem o disse”. A fonte anónima deve ser utilizada se houver maneira de provar que aquilo que foi dito pela fonte anónima é verdade (ver apêndice 2, página 84).

Célia Lourenço não pode comentar em relação ao leitor, já quanto ao editor diz que este publica devido à confiança nas pessoas com quem trabalha. Exemplificou usando uma das suas experiências profissionais, num pós-jogo onde queria falar com o treinador de uma equipa e remeteram-na para os canais oficiais do clube. Na altura de publicar a notícia, explicou a situação, dizendo que o clube não quis prestar declarações. Prefere explicar a situação do seu lado, para que o leitor compreenda que se não houve participação da fonte, foi porque esta não quis comentar (ver apêndice 1, página 79)

Uma situação muito semelhante é descrita por Paulo Curado, onde teve de esclarecer numa investigação que realizou que as fontes não quiseram ser identificadas assim que souberam quem era um dos envolvidos. O jornalista e o editor partem do princípio da confiança no seu trabalho e na confiança na fonte. Mesmo sendo contra que as notícias sejam feitas “sistematicamente” recorrendo a fontes anónimas, o leitor pode aceitar quando assim é feito. Porque podem existir diferentes motivos pelos quais uma fonte é anónima (ver apêndice 4, página 98).

Finalizou-se a entrevista a tentar perceber como é que era visto o jornalismo desportivo dentro e fora do mundo do desporto, se ainda era considerado o “*toy department*”. A pergunta que se colocou foi “É o jornalismo desportivo visto como o “*toy department*” dentro e fora do mundo do desporto?”

Uma questão na qual não se devia generalizar, de acordo com David Andrade. Para si um jornalista é um jornalista, independentemente da secção em que esteja colocado e não se devem fazer comparações (ver apêndice 2, página 84).

Já para Paulo Curado, depende se um jornalista trabalhar num jornal desportivo ou não. Se trabalhar no desportivo, aí talvez o “*toy department*” seja “aquela página de política internacional”. Nos generalistas, “há uma espécie de zona cinzenta em que se olha para aquilo e não é bem jornalismo”, mas sim algo mais específico para quem gosta de ver futebol. “Tendem muitas vezes para desvalorizar e haver ali um estigma em relação ao jornalismo desportivo nas redações dos jornais generalistas” ver apêndice 4, página 99).

“Um jornalista, se for bom, é tão bom em política como é bom em desporto”, entende Célia Lourenço. Na sua opinião, “muitas vezes” os jornalistas desportivos são vistos como “o parente pobre”. Opinião com a qual não concorda (ver apêndice 1, páginas 79-80).

Hugo Franco entende que pode ter sido, mas hoje isso já não acontece. Menciona a investigação sobre o “*Football Leaks*”, que, a seu ver, veio inverter essa tendência onde se achava que o desporto era a parte mais lúdica. “Obviamente” que essa parte ainda existe, mas em conjunto com uma abordagem mais séria e aprofundada sobre esta zona do jornalismo (ver apêndice 3, páginas 86-87).

4. Conclusões

Concluído este trabalho, posso afirmar que conseguimos obter resposta à pergunta de partida e ir ao encontro de todos os objetivos propostos. Olhando novamente para a pergunta “Qual é o peso da investigação no jornalismo desportivo de imprensa em Portugal? E porquê?”, podemos aferir que a investigação não tem tanto peso na imprensa desportiva portuguesa. Contudo, como observado na análise aos jornais e ilustrado nas figuras 2 (ver página 36), 3 (ver página 36) e 4 (ver página 37), podemos compreender que este é um problema que acaba ser transversal no jornalismo de imprensa português, havendo secções como Política ou Economia que acabam por ser menos trabalhadas. Há também que ter em conta que o destaque da secção Sociedade dever-se-á às subsecções que nela coabitam como Local, Nacional ou Justiça.

Para percebermos o porquê de a investigação não ter tanto peso na imprensa desportiva portuguesa, precisamos de ir por partes, olhando para todos os dados que compõem este trabalho.

O que nos leva ao nosso primeiro objetivo: “Analisar a presença do jornalismo de investigação na imprensa desportiva portuguesa”. Quando se compara com a investigação efetuada nos outros jornais generalistas na secção de desporto, os jornais desportivos ficam a alguma distância. Quando em 928 edições (diárias e semanais) de seis publicações só se encontram 53 notícias de investigação sobre desporto, podemos daí retirar que a investigação não desempenha um papel de relevo no dia-a-dia da secção desportiva, preferindo dar-se maior destaque à análise dos jogos, à publicação dos resultados ou ao acompanhamento das equipas. Se olharmos para as outras secções, encontramos mais peças de investigação, mas mesmo assim um número que pode parecer pequeno com a dimensão do corpo de análise, com cerca de 203 notícias de investigação.

Seguimos para o segundo objetivo “Aferir os obstáculos que existem na prática da investigação no jornalismo desportivo”.

Através do Estado da Arte, já pudemos retirar que a investigação no jornalismo é algo que implica a alocação de recursos monetários e humanos, que é moroso e que conduz a riscos pessoais para os jornalistas e jurídicos para as publicações. Não só isto, atualmente o jornalismo está muito dependente de patrocínios, de grupos financeiros e os jornalistas estão sobrecarregados com trabalho devido às redações “cada vez mais esvaziadas” e às exigências do *online*. Algo que os nossos entrevistados corroboraram durante a entrevista. O jornalismo nos dias de hoje também tem de pensar no lucro para conseguir a sustentabilidade, daí a necessidade de uma maior produção de conteúdo, com um maior número de notícias a ser publicado, para que estas sejam partilhadas e difundidas nas plataformas sociais de maneira a trazer visibilidade para a publicação. A quebra de receitas que se verifica na venda de jornais, algo que é transversal a todo o jornalismo e não só restrito ao desportivo, também pode explicar este maior foco no digital. Outra problemática mencionada por um dos entrevistados, foi a “robustez” do departamento de comunicação dos clubes, que contratam “nomes sonantes para as suas fileiras”, o que permite que estes filtrem a informação a que os jornais têm acesso.

Outro dos problemas com o qual o jornalismo desportivo de investigação se depara é o acesso às fontes, uma dificuldade que foi praticamente unânime entre os entrevistados. Passa pela recolha de provas, o receio que as fontes têm em falar (o que conduz ao seu anonimato) especialmente quando há polémica em torno do tema noticiado. Quando são fontes dos clubes é difícil obter uma reação, devido a uma “visão corporativista de que o desporto deve ser protegido por dentro” segundo Paulo Curado, o que acaba por criar um bloqueio à informação, sendo muitas vezes a única informação disponível aquela que os clubes são obrigados a enviar. E isso guia-nos novamente para os departamentos de comunicação dos clubes, que quando chamados a reagir às investigações preferem não comentar.

Podemos relacionar o problema acima descrito com o que está ilustrado na figura 8 (ver página 40), na análise de resultados, que aponta para que grande parte das fontes mencionadas nos textos publicados (62%) sejam fontes institucionais. Contudo, são fontes institucionais nas quais os clubes ou organizações desportivas têm pouca expressão, sendo as instituições mais mencionadas o Ministério Público, a Autoridade Tributária e Aduaneira e o Tribunal Arbitral do Desporto (TAD). Seguem-se depois as fontes interessadas, as declaradas e as anónimas.

Chegamos assim ao terceiro objetivo “Compreender a relação entre o jornalista desportivo e as suas fontes”, para melhor perceber aquilo em que se baseia a relação entre um jornalista e a sua fonte, se esta relação fica afetada pela publicação de um artigo, quais as complicações que surgem do seu anonimato e o quão difícil é chegar até elas.

Olhando para os números apresentados na “Análise de Conteúdo” (ver figura 10), podemos aferir que a maioria dos artigos analisados (mais de 50%), tem apenas uma fonte, o que nos direciona para uma das questões colocadas durante a entrevista: “é o acesso às fontes difícil?”

A dificuldade, de acordo com um dos entrevistados, pode diferir do futebol para as modalidades, algo que é de difícil análise. Mas, como já foi referido acima, por outro dos entrevistados, sim o acesso às fontes é difícil e é uma relação que tem de ser trabalhada, tendo sempre em conta uma diversidade de fatores. Mesmo em situações que não envolvam investigações os jornalistas podem ter dificuldades, na altura de entrevistar um jogador ou treinador para poder obter uma reação pós-jogo, onde os clubes podem remeter os jornalistas que pretendem o acesso aos protagonistas do jogo para os seus canais oficiais (televisões, jornais, *website* ou as redes sociais)

Importa mencionar que alguns dos entrevistados olham com preocupação para o uso de apenas uma fonte nos artigos e também com a utilização de fontes anónimas, que também iremos mencionar mais à frente. Uma das razões para a carência de fontes nos artigos pode ser o imediatismo que existe atualmente no jornalismo, porque alguns dos artigos são escritos no próprio dia.

Em jeito de curiosidade, quis-se compreender se o trabalho jornalístico feito pelos profissionais entrevistados já tinha levado a que estes tivessem perdido fontes. Um ponto em comum que se pode encontrar entre os entrevistados é a confiança que se tem nas fontes, uma base importante para esta relação de trabalho. O jornalista tem de saber se está a lidar com uma fonte credível, se esta tem interesse ou não na publicação da peça e fazer o devido cruzamento de informação com mais fontes confiáveis para obter confirmação quanto à notícia que é avançada. Eventualmente, existem fontes que são “excluídas” por não serem fiáveis ou porque a relação já não se proporciona. Ocorrem também situações em que os jornalistas têm de ir contra as fontes ou em que as fontes ficam “chateadas” porque algo é publicado acerca de si ou de algo com que têm proximidade. Mas, citando Hugo Franco, “não podemos escrever para agradar às fontes”.

Também foi possível obter um relato de uma boa relação, como relatada por Célia Lourenço, que diz ter uma relação de amizade com alguns dirigentes e atletas, sempre pautada por profissionalismo e não tendo medo de os confrontar com questões difíceis quando está em trabalho.

O último objetivo pretendia “Perceber através da perspetiva dos jornalistas qual o estado da investigação no jornalismo desportivo em Portugal e o papel do jornalista desportivo na

redação”, e considero que foi cumprido com a realização e posterior análise das entrevistas. Foi possível obter diferentes pontos de vista acerca da situação do jornalismo desportivo em Portugal e identificar problemas que acabam por ser transversais a todo o jornalismo. A discrepância nos números entre as peças encontradas nos jornais generalistas e desportivos acabou por surpreender alguns dos entrevistados, que preferiram não tecer comentários acerca dos dados recolhidos por não estar em posse dos números. Houve jornalistas que partilharam a sua opinião acerca dos dados recolhidos, alguns dos temas já foram mencionados no início da conclusão, sendo eles os obstáculos à prática do jornalismo: as redações esvaziadas, o imediatismo existente no meio, a quebra das receitas tanto nas vendas como na publicidade, a falta de liberdade financeira dos órgãos de comunicação social com a sua dependência de grupos financeiros e a falta de investimento dos jornais na investigação por esta ser morosa.

Foram levantadas pelos entrevistados questões interessantes como a dependência por parte da imprensa dos três maiores clubes de futebol em Portugal para a sua produção noticiosa e também os públicos-alvo que pretendem alcançar, falando-se da existência de uma associação por parte do público entre cada um dos três diários desportivos e um dos “três grandes”. A investigação jornalística, a ser feita, teria de interessar ao público-alvo dos jornais e também que não incomode as fontes que “proporcionam as notícias”. No fundo, o jornalismo desportivo acaba por ser prejudicado por toda a sua envolvência. Durante as entrevistas também foi mencionada a utilização de processos judiciais como ferramenta de intimidação aos jornalistas de investigação e que por vezes leva a que jornalistas e os jornais que os empregam canalizem os seus fundos para a sua defesa nos tribunais.

O imediatismo presente no jornalismo na perspetiva dos entrevistados coloca a investigação em risco não só no jornalismo desportivo, mas no jornalismo em geral. “A pressa prejudica o jornalismo, a investigação não” foi uma das frases a reter das entrevistas conduzidas. Discutiu-se a “necessidade da notificação”, a “preocupação em ter cliques para que a notícia seja partilhada mais rapidamente nas redes sociais” e defendeu-se que se devia perder tempo na confirmação das notícias pois, no final, esta rapidez acaba por prejudicar a credibilidade do jornalismo.

As questões já abordadas, inevitavelmente, levam a que se reflita sobre a posição e papel do jornalista desportivo nas redações hoje em dia, como é que é encarado dentro e fora do mundo do desporto e como pode cumprir a sua missão de informar sobre todas as dimensões existentes.

Foram partilhadas algumas visões muito diretas como “o jornalista descobre e tem de reportar” e outras com uma visão mais ampla da função do jornalista e como para cumprir o seu dever de reportar através da observação, o jornalista não deve “olhar para baixo”, mas sim para cima e assim conseguir encarar a “grande montanha de irregularidades” que existe. Como a sua função é alertar as pessoas e abrir mentalidades, não ter medo de “tocar em algumas feridas” no cumprimento do dever. No meio daquilo que está ao alcance do jornalista, este também está dependente de fatores externos, pois precisa de tempo e meios de forma a conseguir realizar o seu trabalho eficazmente.

No que toca ao jornalismo desportivo, ao jornalista desportivo e à forma como estes foram e são percecionados dentro e fora do mundo do desporto, podemos concluir que ainda que tenha existido uma mudança de mentalidade, o caminho a percorrer parece ser longo. Isto, certamente, varia de redação para redação. Numa redação de desporto, aquilo que se chama o “*toy department*” pode ser a informação acerca de política ou economia que é colocada nas últimas páginas do jornal. Há quem entenda que o panorama da investigação no jornalismo desportivo começou a transformar-se depois da publicação das reportagens do “*Football Leaks*”, que permitiu que o jornalismo desportivo deixasse de ser visto como a parte mais lúdica. O jornalista desportivo também pode ser visto “como um parente pobre” ou então, nas redações generalistas, a editoria é vista como uma “área cinzenta” e tende a ser “desvalorizada” e vista como um lugar “só para aqueles que gostam” de futebol.

Quando se olha para a pesquisa efetuada, também é possível perceber o peso que o futebol tem nestas publicações, sendo o desporto dominante em todas as peças de investigação - algo que vai ao encontro do que foi dito pelos nossos entrevistados: o futebol é um desporto que move milhões (de pessoas e dinheiro), que mexe com as emoções das pessoas, que gera interesse. É um desporto mais exposto, “escrutinável” e enquanto uma investigação a algo que aconteça dentro do mundo do futebol possa obter uma maior atenção por parte dos públicos, o mesmo pode não acontecer com as outras modalidades. A dependência do futebol em Portugal acaba por passar as restantes modalidades para segundo plano, não tendo estas o destaque e a atenção que o desporto-rei recebe, salvo raras exceções como modalidades onde estejam incluídos Futebol Clube do Porto, Sport Lisboa e Benfica e Sporting Clube de Portugal (ex: andebol, basquetebol, hóquei em patins).

As outras variáveis analisadas também permitiram obter uma visão geral, que passava do destaque dado às notícias na capa, ao seu tom, às figuras que eram visadas pela investigação, aos assuntos investigados, à continuidade das peças e ao número de jornalistas que tinham trabalhado nas mesmas.

O tema escolhido para esta dissertação é muito abrangente e foi feita uma tentativa de o afunilar, para ser o mais objetivo na execução deste trabalho e assim incentivar mais trabalhos dentro desta área de pesquisa. Discorri acerca da investigação no jornalismo desportivo de imprensa em Portugal, mas a mesma pesquisa pode ser aplicada em meios diferentes (televisão, rádio e o *online*). Também se pode agarrar no tema desta pesquisa e alargar o corpo de análise para que passe a abranger um maior espaço temporal, analisando os três jornais desportivos publicados em Portugal durante um ano. As possibilidades dentro do campo são imensas e acredito que tanto academicamente como profissionalmente, o jornalismo iria beneficiar de um maior interesse na investigação no âmbito do jornalismo desportivo.

Pessoalmente, sinto que esta investigação levou a que mudasse a perceção que tinha acerca do jornalismo de investigação. Não via a investigação como algo existente no desporto, tendo sempre mais presente em mente a narração dos jogos, a análise no pré e pós-jogo, o acompanhamento dos treinos das equipas, dos eventos desportivos de relevo, as conferências de imprensa. E, sim, a inegável preferência que é dada ao futebol nas decisões editoriais, sendo esse o desporto com maior acompanhamento. Pude perceber que existem bons trabalhos jornalísticos que podem passar mais despercebidos caso não estejamos atentos e ainda que a investigação não esteja tão presente no jornalismo desportivo, esta pode vir a ganhar o seu lugar através do reconhecimento da sua qualidade e do trabalho dos profissionais que as realizam.

O contacto com os profissionais entrevistados também foi fundamental para que este trabalho crescesse. Através das nossas discussões foi possível conseguir pontos de vistas valiosos de quem já está a trabalhar na área há vários anos. Foi mostrada total disponibilidade e abertura para responder às questões colocadas, que surgiram durante as leituras realizadas e a análise efetuada aos jornais.

Em género de crítica, existe sempre a sensação de que o trabalho fica por completar. O vasto corpo de análise levou a que questionasse se alguma vez conseguiria conduzir esta investigação a bom porto. Houve alturas onde senti que fui demasiado ambicioso nas escolhas que efetuei, com medo de falhar algum ponto e querer chegar a todo o lado, mas tem de haver consciência das nossas limitações e ter pelo menos a crença que a investigação efetuada deixa aqui uma boa base para que futuras investigações se realizem.

Claro que a pesquisa nem sempre foi fácil, mas foi esse desafio que deu a motivação necessária para seguir em frente. Não só isso, como também enveredar por uma pesquisa académica numa área praticamente inexplorada se tivermos em consideração a investigação jornalística na área do desporto. Fecho este trabalho com sentimento de dever cumprido e uma

clara vontade em querer continuar a explorar este tema caso se proporcione alongar os meus estudos académicos.

Bibliografia e Webgrafia

Adams, W.C. (2015). *Conducting Semi-Structured Interviews. Handbook of Practical Program Evaluation*. Jossey-Bass

Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Bengtsson, M. (2016). How to plan and perform a qualitative study using content analysis. *NursingPlus Open*. 2. 8-14. <https://doi.org/10.1016/j.npls.2016.01.001>

Berelson, B. L. (1952). *Content analysis in communications research*. New York. Free press.

Borins, H. & Herst, B. (2019). Beyond “Woodstein”: Narratives of Investigative Journalism. *Journalism Practice*. 14 (7). 1-22. <https://doi.org/10.1080/17512786.2019.1664927>

Boyle, R. (2005). *Sports Journalism in the Promotional Age*. In: Play The Game Conference, Copenhagen, 9 November 2005. Stirling Media Researching Institute: University of Sterling.

Boyle, R. (2006). *Sports Journalism: Context and Issues*. Sage Publications Ltd.

Bourgeois, N. (1995). Sports Journalists and Their Source of Information: A Conflict of Interests and Its Resolution. *Sociology of Sport Journal*. 1995. 12 (2). 195-203. <https://doi.org/10.1123/ssj.12.2.195>

Bradshaw, T. & Minogue, D. (2020). *Sports Journalism: The State of Play*. Routledge.

Bray, D. (2014). Changing the Lineup: Sports departments need to do more watchdog. *The IRE Journal*. 37 (2). 8-9.

Coelho, P. & Silva, M.T. (2018). O lucro social e financeiro do jornalismo de investigação. *Media & Jornalismo*. 18 (32). 73-94. https://doi.org/10.14195/2183-5462_32

Coelho, P. & Rodrigues, IA. (2020). Rebuilding investigative journalism. Collaborative journalism : sharing information , sharing risk. *Observatório (OBS*) Journal*. 14 (4). 135-157. <https://doi.org/10.15847/obsOBS14420201748>

Creswell, J.W. (2009). *Research Design Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches*. Sage.

Creswell, J.W. & Plano Clark, V.L. (2007). *Designing and conducting mixed methods research*. Sage.

Downe-Wambolt, B. (1992). Content analysis: method, applications and issues. *Health Care for Women International*. 13. 313–321. <https://doi.org/10.1080/07399339209516006>

Emig, J. (1986). Barriers of Investigative Sports Journalism: An Empirical Inquiry into the Conditions of Information Transmission. *International Review for the Sociology of Sport*. 21(2-3), 113-129. <https://doi.org/10.1177/101269028602100204>

English, P. (2015). Mapping the sports journalism field: Bourdieu and broadsheet newsrooms. *Journalism*. 17 (8). 1001-1017. <https://doi.org/10.1177/1464884915576728>

Ferreira, A. (2016). *Jornalismo desportivo online e as suas fontes de informação: O caso do Jornal A Bola*. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). run Repositório da Universidade Nova de Lisboa: <https://run.unl.pt/handle/10362/18680>

Fidalgo, J. & Oliveira, M. (2005). *Da justiça dos tribunais à barra da opinião pública: As relações entre a Justiça e a Comunicação Social*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Universidade do Minho. 1-11. <https://hdl.handle.net/1822/7438>

Forde, S.D. & Wilson, B. (2018). Radical sports journalism? Reflections on 'alternative' approaches to covering sport-related social issues. *Sociology of Sport Journal*. 35 (1). 66-76. <https://doi.org/10.1123/ssj.2017-0162>

Freitas, A., Silva, A.I., Amante, S. (2016). Re[A]presentações Do Jornalismo De Investigação Na Voz Dos Profissionais De Comunicação. In Barros et al. (Eds). *Atas 10º Congresso Sopcom: Ciências da Comunicação – Vinte anos de investigação em Portugal*. (pp.663-684). SOPCOM / Instituto Politécnico de Viseu.

Gerli, M. & Mazzoni, M. & Mincigrucci, R. (2018). Constraints and limitations of investigative journalism in Hungary, Italy, Latvia and Romania. *European Journal of Communication*. 33 (1). 22-36. <https://doi.org/10.1177/0267323117750672>

Gómez-Bueno, J. (2014). La rumorología y el uso de las fuentes de información en los medios de comunicación deportivos en España/Rumor and the Use of Information Sources in Spain's Sports Media/A "rumorologia" e o uso das fontes de informação nos meios de comunicação esportivos. *Palabra-Clave*. 17 (2). 456-483.

Hardin, M. & Zhong, B. & Whiteside, E. (2009). Sports Coverage: “Toy Department” or Public-Service Journalism? The Relationship Between Reporters’ Ethics and Attitudes Toward

the Profession. *International Journal of Sport Communication*. 2 (3). 319-339.
<https://doi.org/10.1123/ijsc.2.3.319>

Hastie, P. & Hay, P. (2012). *Qualitative approaches*. In K. Armour & D. Macdonald (Eds.), *Research methods in physical education and youth sport*. London. Routledge. 79-84.

Henriques, T. (2014). *Jornalismo desportivo em Portugal: notícia ou especulação? Análise das fontes nos diários “O Jogo”, “A Bola” e Record”* (Dissertação de mestrado, Universidade do Minho). RepositóriUM: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/30433>

Horky, T. & Nieland, J. (2013). *International Sports Press Survey 2011: Results and Outlook*. 8th Communication Conference on Sport and Society – stepping up for democracy in Sport, Aarhus. Dinamarca. https://www.playthegame.org/media/2gvfetbc/horky-nieland_ptg_2013_1130.pdf

Hunter, M.L. & Hanson, N. & Sabbagh, R. & Sengers, L. & Sullivan, D. & Svith, F.T. & Thorsden, P. (2013). *A investigação a partir de histórias – Um manual para jornalistas investigativos* (D.S. Aires Jr., Trad.). Unesco Publishing.

Jennings, A. (2011). Investigating corruption in corporate sport: The IOC and FIFA. *International Review for the Sociology of Sport*. 46 (4), 387-398.
<https://doi.org/10.1177/1012690211408845>

Jensen, K.B. (2002). *A Handbook of Media and Communication Research Qualitative and Quantitative Methodologies*. Routledge.

Jones, S., Murphy, F., Edwards, M. & James, J. (2008). Doing things differently: advantages and disadvantages of web questionnaires. *Nurse Researcher*, 15(4), 15–26.
10.7748/nr2008.07.15.4.15.c6658

Krippendorff, K. (2004). *Content analysis: an introduction to its methodology*. Sage Publications.

Latas, R. (2017). *A hegemonia do futebol no jornalismo desportivo. Estudo de Caso: A Bola TV* (Relatório de estágio de mestrado, Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa). Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa: <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/8066>

Maia, P. (2016). *Jornalismo desportivo: mercado de transferências – relação entre jornalistas e fontes de informação* (Relatório de estágio de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). run Repositório da Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/19847>

Mannan, S. (2020). *Best practices of semi-structured interview method*. Consultado a 08-07-2021 em: https://www.researchgate.net/publication/341232398_Best_practices_of_Semi-structured_interview_method

Márquez-Ramírez, M. y Rojas, J. L. (2017). ¿Periodismo deportivo pasivo o proactivo? La cobertura del FIFAGate en la prensa deportiva de México y España. *Cuadernos.info*. (40). 173-188.

Martins, H. 2020. *Jornalismo desportivo na era digital: o caso do Zerozero.pt*. (Relatório de estágio de mestrado, Escola Superior de Educação de Coimbra). Repositório Comum: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/31349>

Mascarenhas, O. (2009). *O detective historiador: o jornalismo de investigação e a sua ética* (Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa do Instituto Universitário de Lisboa). Repositório do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa: <http://hdl.handle.net/10071/1894>

McEnnis, S. (2018). Toy department within the toy department? Online sports journalists and professional legitimacy. *Journalism*, 21 (10). 1415-1431. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884918797613>

Morais, A.M. & Neves, I.P. (2007). Fazer investigação usando uma abordagem metodológica mista. *Revista Portuguesa de Educação*, 20 (2). 75-104. <http://hdl.handle.net/10451/4392>

Moritz, B. (2014). *Rooting for the story: Institutional sports journalism in the digital age*. (Tese de doutoramento, Syracuse University). Syracuse University Libraries SURFACE: <https://surface.syr.edu/etd/171/>

Nogueira, L. (2016). *Para a História do Jornalismo Desportivo Radiofónico em Portugal: O Contributo da Bola Branca* (Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Repositório aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/86668>

Nölleke, D., Grimmer, C. & Horky, T. (2017). News Sources and Follow-up Communication: Facets of complementarity between sports journalism and social media. *Journalism Practice*. 11 (4). 509-526. <https://doi.org/10.1080/17512786.2015.1125761>

Oelrichs, O. (2020). Adoption of Innovations in Digital Sports Journalism: The Use of Twitter by German Sports Journalists. *Communication and Sport*. XX (X). 1-25. <https://doi.org/10.1177/2167479520961786>

Pinheiro, F. (2009). *História Da Imprensa Periódica Desportiva Portuguesa (1875-2000)* (Tese de doutoramento, Universidade de Évora). Repositório Digital de Publicações Científicas da Universidade de Évora. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/12226>

Play The Game. (2020). The International Sports Survey 2005. Consultado a 21-12-2020 em: <https://www.playthegame.org/theme-pages/the-international-sports-press-survey/the-international-sports-press-survey-2005/>

Reed, S. & Harrison, G. (2019). “Insider Dope” and NBA Trade Coverage: A Case Study on Unnamed Sourcing in Sport Journalism. *International Journal of Sport Communication*. 12 (3). 419-430. <https://doi.org/10.1123/ijsc.2019-0012>

Resende, R. (2016). Técnica de Investigação Qualitativa: ETCL. *Journal of Sport Pedagogy & Research*. 2 (1). 50-57.

Rowe, D. (2005). Fourt estate or fan club? Sports journalism engages the popular. In Allan, Stuart, *Journalism: Critical Issues* (pp.125-137). Open University Press

Rowe, D. (2007). Sports journalism: Still the 'toy department' of the news media? *Journalism*. 8 (4). 385-405. <https://doi.org/10.1177/1464884907078657>

Rowe, D. (2016). Sports Journalism and the FIFA Scandal: Personalization, Co-optation, and Investigation. *Communication and Sport*. 5 (5), 515-533. <https://doi.org/10.1177/2167479516642206>

RTP. 2010. Primeiro jogo de futebol transmitido pela RTP. Consultado a 8-07-2021 em: https://www.rtp.pt/noticias/futebol-nacional/primeiro-jogo-de-futebol-transmitido-pela-rtp_v317871

Santarém, R. (2017). *Jornalismo Desportivo: Tendências dos estudantes universitários no consumo de informação desportiva* (Dissertação de mestrado, Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior). uBibliorum Repositório Digital da UBI: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/7865>

Santos, C. (2012). *Jornalismo Desportivo: A notícia em Televisão e as Fontes de Informação dos Jornalistas* (Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). run Repositório da Universidade Nova de Lisboa: <https://run.unl.pt/handle/10362/9162>

Santos, F. (2016). *Jornalismo e redes sociais: o caso do jornal Record* (Relatório de estágio de mestrado, Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa). Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa: <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/6868>

Saúde, S. e Rodrigues, A.I. (2020). The advantages of the mixed methods approach: The case study of the participation effect in the Sudoeste Festival in the formation of the destination image(s) about Alentejo Litoral and in the revisiting intention. *New Trends in Qualitative Research*. 4. 362-376.

Schultz-Jorgensen, S. (2005). *The World's Best Advertising Agency: The Sport Press*. The International Sports Press Survey. Mandagmorgen.

Silva, M. (2020). Jornalismo Desportivo: A Hierarquia das Modalidades – Análise dos jornais O Jogo, A Bola e Record. *prisma.com*. 42. 58-73

Sparre, K. (2017). The Dangers of Sports Journalism. In U. Carlsson e R. Pöyhtäri (coords.). *The Assault on Journalism. Building Knowledge to Protect Freedom of Expression* (pp. 205-220). Nordicom. University of Gothenburg.

Sparre, K. (2019). Journalists investigating sports corruption exposed to many kinds of risks. *Play the Game*. Consultado a 30-06-2021 em: <https://www.playthegame.org/news/journalists-investigating-sports-corruption-exposed-to-many-kinds-of-risks/>

Tashakori, A. & Teddlie, C. (1998). *Mixed Methodology: Combining Qualitative and Quantitative Approaches*. Sage Publications

Wanta, W. (2013). Reflections on Communication and Sport: On Reporting and Journalists. *Communication & Sport*. 1 (1-2). 76-87. <https://doi.org/10.1177/2167479512471334>

Washburn, P. and Lamb, C. (2020). *Sports Journalism: A History of Glory, Fame and Technology*. University of Nebraska Press.

Weedon, G., Wilson, B., Yoon, L., Lawson, S. (2018). Where's all the 'good' sports journalism? Sports media research, the sociology of sport, and the question of quality sports reporting. *International Review for the Sociology of Sport*. 53 (6). 639-667. <https://doi.org/10.1177/1012690216679835>

Whannel, G. (2009). Television and the Transformation of Sport. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*. 625(1). 205–218.
<https://doi.org/10.1177/0002716209339144>

Whitlam, S & Preston, H. (1998). Sports Journalism as an information resource: a case study. *New Library World*. 99 (1143). 194-204. <https://doi.org/10.1108/03074809810228099>

Apêndices e Anexos

Anexo 1 – Grelha de Análise Jornalismo de Desportivo Investigação (Jornais Generalistas)

A investigação no jornalismo desportivo		
Unidades de Registo		Dimensões de Análise
A) Variáveis gerais		
A1) Número da notícia		Contínua
A2) Data	A21) Dia	1 a 31
	A22) Mês	1 a 12
	A23) Ano	1. 2019
2. 2020		
A3) Órgão de Comunicação Social		<ol style="list-style-type: none"> 1. Correio da Manhã 2. Público 3. Expresso
A4) Enfatização		<ol style="list-style-type: none"> 1. Capa – Manchete 2. Capa – Destaque 3. Páginas 2-3 4. Páginas ímpares 5. Páginas centrais 6. Contracapa 7. Páginas pares
A5) Secção		<ol style="list-style-type: none"> 1. Política 2. Economia 3. Sociedade 4. Internacional 5. Desporto 6. Pessoas 7. Cultura
A5) Título		Texto escrito
A6) Extensão		Numérico
A7) Assunto		<ol style="list-style-type: none"> 1. Corrupção 2. Políticas desportivas 3. Transferências 4. Processos judiciais

	5. Manipulação de resultados
	6. Finanças desportivas
	7. Abuso de substâncias
	8. Discriminação racial
	9. Vida privada
	10. Outros
A10) Tom e enfoque	1. Positivo
	2. Negativo
	3. Neutro
A11) Discurso (Parcela do texto que justifica a opção A10)	Texto escrito
A12) Continuidade	1. Peça isolada
	2. Série
A13) Modalidades	1. Futebol
	2. Atletismo
	3. Basquetebol
	4. Andebol
	5. Hóquei em Patins
	6. Voleibol
	7. Futsal
A14) Personalidades implicadas na história	1. Dirigentes
	2. Jogadores
	3. Protagonistas não desportivos
	4. Empresários
	5. Equipa técnica
A15) Autor(es)	1. Um jornalista
	2. Dois ou mais jornalistas
A16) Nome do(s) jornalista(s)	Texto Escrito

Fonte: Adaptado (Material de apoio à unidade curricular de Conteúdos e Audiência, licenciatura de Ciências da Comunicação, *Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas*, lecionada pelas professoras Cruz, C. e Cunha, M.J. (2014))

Anexo 2 – Grelha de Análise Jornalismo Desportivo de Investigação (Jornais Desportivos)

A investigação no jornalismo desportivo Jornais desportivos		
Unidades de Registo		Dimensões de Análise
A) Variáveis gerais		
A1) Número da notícia		Contínua
A2) Data	A21) Dia	1 a 31
	A22) Mês	1 a 12
	A23) Ano	1. 2019
2. 2020		
A3) Meio		4. A Bola
		5. O Jogo
		6. Record
A4) Enfatização		8. Capa – Manchete
		9. Capa – Destaque
		10. Páginas 2-3
		11. Outras páginas ímpares
		12. Páginas centrais
		13. Contracapa
		14. Páginas pares
A5) Título		Texto escrito
A6) Extensão		Numérico
A7) Assunto		11. Corrupção
		12. Políticas desportivas
		13. Transferências
		14. Processos judiciais
		15. Manipulação de resultados
		16. Finanças desportivas
		17. Abuso de substâncias
		18. Discriminação racial
		19. Vida privada
		20. Violência e abuso sexual
		21. Outros
A8) Tipos de Fontes		1. Fontes desportivas (jogadores, treinadores, etc...)

	2. Fontes institucionais
	3. Fontes declaradas
	4. Fontes anónimas
	5. Fontes indiretas (outros jornalistas / agências ou imprensa)
	6. Fontes externas (sociólogos /outros especialistas)
	7. Fontes interessadas
A9) Número de Fontes	1. 1)
	2. 2)
	3. 3)
	4. 4)
	5. 5 ou mais)
A10) Tom e enfoque	4. Positivo
	5. Negativo
	6. Neutro
A11) Discurso (Parcela do texto que justifica a opção A10)	Texto escrito
A12) Continuidade	3. Peça isolada
	4. Série
A13) Modalidades	8. Futebol
	9. Atletismo
	10. Basquetebol
	11. Andebol
	12. Hóquei em Patins
	13. Voleibol
	14. Futsal
A14) Personalidades implicadas na história	6. Dirigentes
	7. Jogadores
	8. Protagonistas não desportivos
	9. Empresários
	10. Equipa técnica
A15) Autor(es)	1. Um jornalista
	2. Dois ou mais jornalistas
A16) Nome do(s) Jornalista(s)	

Fonte: Adaptado

Anexo 3 – Guião de Entrevistas

Guião Entrevista: A investigação no jornalismo desportivo

J.P.: A que se deve a discrepância entre a investigação nos jornais generalistas e nos jornais desportivos?

J.P.: A maioria dos artigos só tem uma fonte: o acesso às fontes é difícil?

J.P.: Quais são as barreiras que se costumam ultrapassar durante a investigação? Qual delas a maior?

J.P.: Alguma investigação fez com que perdesse fontes?

J.P.: A rapidez do jornalismo moderno está a colocar a investigação no desporto (e no geral) em risco?

J.P.: As notícias de investigação incidem maioritariamente sobre o futebol. É pela exposição do desporto? Porque vai trazer mais leitores?

J.P.: A reduzida investigação no desporto deve-se à proximidade entre o jornalista e as fontes?

J.P.: Alguns autores referem uma maior preocupação com o rumor e a especulação que com os factos. Qual é a sua opinião?

J.P.: O que pode fazer o jornalista desportivo para cumprir o seu papel de “watch-dog?”

J.P.: Quando uma fonte não é identificada, perde a notícia credibilidade junto do editor, do leitor ou de ambos?

J.P.: É o jornalismo desportivo visto como o “toy department” dentro e fora do mundo do desporto?

Apêndice 1 – Entrevista a Célia Lourenço, jornalista no jornal A Bola

Entrevistador: José Piteira (J.P.)

Entrevistada: Célia Lourenço (C.L.)

J.P.: A que se deve a discrepância entre a investigação nos jornais generalistas e nos jornais desportivos?

C.L.: Durante a pandemia todos nós tivemos de reinventar um bocadinho o jornalismo. Deu-me um gozo particular sair do ramo dos jogos, dos resultados para ter de fazer e encontrar notícias que fossem associadas ao Tema.

Voltando à questão da investigação, portanto, não consigo propriamente responder muito a isso, porque lá está o meu raio de ação é nas modalidades.

Não me sinto com elementos suficientes para estar a dissertar sobre um assunto que posso estar a ser errada.

Há dentro do que nós fazemos investigação, é verdade. Faz-se muita investigação. Mas não estamos a falar só dos casos de escândalos, de apostas. Mas uma investigação nas modalidades não tem a dimensão de um escândalo no futebol. Já fiz um artigo sobre apostas nos ténis.

Isto não são trabalhos com muito imediatismo, mas são trabalhos que me dão muito gozo.

J.P.: A maioria dos artigos só tem uma fonte: o acesso às fontes é difícil?

C.L.: O acesso às fontes é difícil. Lá está, se fomos ao futebol, eu acredito que sim. Se trabalharmos com clubes, acredito que sim. Agora cabe ao jornalista não ter medo e ter o engenho de contornar a situação. Contornar não é inventar e temos de ir pelas nossas fontes.

Às vezes temos de dar muitas voltas, mas isso faz parte do jornalismo. É a parte também que eu acho desafiante: conseguirmos aquela informação.

Conseguirmos mesmo a informação? Não é fácil. E acredito que no mundo do futebol, a coisa seja muito mais fechada. Se eu sinto isso e estou a trabalhar com modalidades coletivas. Já envolve clubes e é mais difícil chegar lá e ainda assim não há de ser tão fechado quanto o futebol. Portanto, eu não posso comparar.

J.P.: Quais são as barreiras que se costumam ultrapassar durante a investigação? Qual delas a maior?

C.L.: Depende do tema, mas batemos muito no acesso à fonte. Se não tiveres o acesso à fonte começa logo por aí uma barreira. Depois é a nossa capacidade de reinventar ou de contornar o assunto. Temos que encontrar a mesma informação. Eu prefiro não dar uma notícia do que dar uma notícia errada, que não tenha uma fonte consolidada e não seja uma fonte em que eu confie a 100%. E que seja sempre mais do que uma fonte. É como manda a regra.

Eu preciso falar com aquela pessoa, não consigo falar com aquela pessoa. Vou tentar falar com outras que me possam dar a mesma informação que sejam fidedignas.

Prefiro não especular o jornalismo especulativo para mim não existe. Ou existe, ou é um facto e eu consigo prová-lo, ou então não dou.

J.P.: Alguma investigação fez com que perdesse fontes?

C.L.: Não. Muito sinceramente não. É uma coisa de que me orgulho. Às vezes comento isso. Não sei se quer dizer que eu sou muito branda. Quando tenho de ser também sei ser acutilante. Mas tenho uma boa relação com fontes.

O que é para dizer em off é para dizer em off, seja para dar a cara ou para não dar a cara. Se alguma coisa estiver mal, quero que me digam a mim. E se há algum engano tento sempre esclarecer com as pessoas.

J.P.: A rapidez do jornalismo moderno está a colocar a investigação no desporto (e no geral) em risco?

C.L.: Está garantidamente. Aliás, põe em risco o próprio jornalismo. O *online* garantidamente dificulta, portanto, nós temos de nos reinventar. Eu acho que o jornalismo tem de se reinventar. A fórmula nos semanários já é outra, mas os diários passam por um processo de reinvenção e de reestruturação para sobreviver, porque não é fácil o que nós fazemos. Porque é muito complicado ter a certeza de que tens uma notícia exclusiva. Que ninguém leu.

Imagina: Benfica ganhou ao Sporting. No dia a seguir, já ninguém quer saber se o Benfica ganhou ao Sporting. Já não é novidade. Ninguém vai comprar um jornal para o ler.

Temos de ter alguma mais-valia, algo que acrescente algum valor.

E esse, eu acho que é o grande desafio do jornalismo. Do jornalismo, dos jornais impressos. A imprensa escrita passa precisamente por essa reinvenção.

As redes sociais e esta celeridade de informação são inimigas da investigação. Nós temos é que optar por uma vida de investigação. Pode ser essa a saída se calhar. Trabalhar em coisas de investigação, fazer trabalhos diferentes.

Os hábitos de leitura são outros, as pessoas muito mais rapidamente pegam num telemóvel e no tablet ou no computador e vão vendo as notícias e estão satisfeitas com aquilo que têm, portanto, temos que ser nós também a criar um bocadinho a vontade e aí abrir o apetite para coisas diferentes. Aí poderá ser o caminho da investigação, porque a coexistência nos moldes em que as coisas estão é complicada.

J.P.: As notícias de investigação incidem maioritariamente sobre o futebol. É pela exposição do desporto? Porque vai trazer mais leitores?

C.L.: Às vezes é mesmo uma questão de logística. Se vires os jornais desportivos têm muito menos espaço... os jornais na generalidade. Isto é quase sequencial.

Os jornais generalistas têm um bocadinho de desporto. E dentro do bocadinho de desporto é muito mais futebol que outra coisa. Os jornais desportivos têm muito futebol, um bocadinho de modalidades. E dentro das modalidades, têm que ser feita ali uma gestão consoante o tempo, espaço, se é um jogo muito importante. Futebol vende. É uma realidade.

No fundo também trabalhamos em empresas. As empresas têm de ser rentáveis.

Nem é porque as pessoas das modalidades sejam menos capazes de fazer do que as do futebol. Muitas vezes estamos é limitadas. Somos muito menos.

Mesmo dentro das modalidades há uma hierarquia. Aquelas modalidades que vendem mais, tem mais projeção, que têm mais impacto.

Há vários jogos para acompanhar das várias modalidades. Provas de canoagem, torneios de ténis. Tudo a acontecer e há menos espaço. Há muito menos espaço para fazer investigação. Como somos menos que há uns anos temos de fazer um bocadinho ao dia a dia. Portanto, há trabalhos que demoram mais tempo a ver a luz do dia, se é que alguma vez a veem, porque ou não há espaço ou não há mesmo tempo.

É assim nas modalidades, mas o futebol também. As redações estão mais pequenas. Estamos menos. Então, de facto, há menos pessoas a trabalhar e temos de nos dividir e isso, obviamente, acaba por se refletir no produto que que é apresentado.

J.P.: A reduzida investigação no desporto deve-se à proximidade entre o jornalista e as fontes?

C.L.: Não, eu acho que não. Vou falar pela minha experiência. Eu não deixo de ser jornalista e não deixo de fazer perguntas. Por muito que me doa. E é um facto, porque nós temos que ser isentos, sim. Não temos de deixar de ser humanos e eu sou humana.

Às vezes há perguntas que são incómodas, há perguntas que me custam fazer, mas eu não as deixo de fazer porque sou profissional.

Agora há formas de fazer as perguntas. E não deixas de ser objetivo, Não deixas de ser jornalista. Não deixas de cumprir as regras deontologicamente corretas e aconselhadas porque és próximo das fontes. Eu tenho muitos atletas e dirigentes dos quais me considero amiga, o que não quer dizer que no meu espaço de trabalho eu não as possa questionar. Eu jamais escrevi alguma coisa que um atleta me tenha dito em *off* ou escrevi sem falar com ele. Digo que temos de falar. Depois é um assunto que podemos abordar e falamos sobre o mesmo.

Acho que nós conseguimos. Acho que se consegue esse equilíbrio, esse compromisso. Eu pelo menos acho que o consigo fazer e fico com a minha consciência tranquila.

J.P.: Alguns autores referem uma maior preocupação com o rumor e a especulação que com os factos. Qual é a sua opinião?

C.L.: Se calhar sim. Não concordo que se o faça e eu não o faço.

Como disse anteriormente: prefiro “perder uma notícia” do que dar uma notícia que não seja totalmente confirmada, de uma fonte totalmente credível ou de várias fontes.

Já cheguei a fazer entrevistas, algumas sobre assuntos bastante polémicos e eu disse “documentos para cá” e essas entrevistas nunca viram a luz do dia. Os documentos não foram entregues e eu não publiquei. E tinha pessoas a dar a cara, por isso disse sim. Mas quero documentos, são coisas demasiado graves para nós levarmos de ânimo leve. Precisam de ter um apoio. Porque senão, depois da gravação não tem valor nenhum.

Eu sinceramente fico com a minha consciência muito mais tranquila e com um sentido de profissionalismo maior. Se calhar outras pessoas podem achar que não, que o ideal teria sido vamos avançar e depois logo se vê.

E depois tenho de ouvir o outro lado, como é normal, se houver um. Faz parte das regras elementares, que é tentar ouvir.

Do outro lado, pode responder ou não. É uma outra questão, mas é a condição. Tem de se perguntar, de se ouvir o outro lado. Não é contraditório, tem de ser feito sempre.

J.P.: O que pode fazer o jornalista desportivo para cumprir o seu papel de “watch-dog?”

C.L.: Acima de tudo ser verdadeiro como sempre, não é? Eu acho que a base de tudo está na verdade. Enquanto conseguirmos, é lutarmos por ser verdadeiros e lutar pela verdade. Acho que vamos continuar a tentar que o desporto seja igualmente ou pelo menos mais limpo.

É sobretudo continuarmos fiéis à verdade. Isto aplica-se ao desporto ou outra coisa qualquer. Não termos medo de dizer a verdade, desde que seja a verdade sem segundos interesses. Que seja uma verdade feita com base num jornalismo real e responsável, acho que é a melhor forma de continuarmos.

Eu continuo a achar que o jornalista ainda tem um papel a desempenhar e é uma visão romântica. Não só no mundo do desporto. Eu continuo a achar que o jornalista tem o papel na sociedade de alertar pessoas, abrir mentalidades. E se for preciso tocar em algumas feridas para que as coisas não aconteçam. No desporto também, naturalmente. Temos é que fazer o nosso trabalho com a mesma integridade.

Continuo a acreditar que nós, mesmo neste mundo acelerado das redes sociais e da notícia fácil, do *clickbait*, continuamos a fazer um jornalismo sério. Continuamos a zelar para um desporto, se calhar mais limpo, mais saudável.

J.P.: Quando uma fonte não é identificada, perde a notícia credibilidade junto do editor, do leitor ou de ambos?

Em relação ao leitor, não posso falar por ele. Em relação ao editor, não porque o editor também só publica porque confia nas pessoas com quem está. E há coisas que são debatidas.

Já tive uma situação, numa pré-época de andebol, onde pedi para falar com o treinador e o clube entendeu que nós não podíamos falar com ele. Resmunguei, não falei com o treinador, falei com o adjunto. No ano anterior também não deixaram que falássemos com alguém e remeteram-nos para o canal do clube. Não saíram declarações porque o clube remeteu para os órgãos oficiais e eu, estando no local, não aceito trabalhar nessas circunstâncias.

Felizmente, a minha editora concordou comigo e foi o que o que aconteceu. Portanto, se o estimado leitor ficou com a informação de que eu tinha tentado fazer o meu trabalho, tinha tentado dar a perspetiva do meu lado e só não dei a perspetiva do clube porque não quis falar? Se o leitor achou que isso era um mau jornalismo, lamento.

J.P.: É o jornalismo desportivo visto como o “toy department” dentro e fora do mundo do desporto?

Não, não acho que seja. Isto é, sempre depende da seriedade com que tu abordas o tema. Mas um jornalista, se for bom, é tão bom em política como é bom em desporto.

Eu não estou a dizer que seja o meu caso. Estou a dizer que na génese, um jornalista a sério e credível, faz o seu trabalho em condições e em qualquer circunstância.

Muitas vezes somos vistos como parentes pobres, mas não concordo todo.

Apêndice 2 – Entrevista a David Andrade, jornalista do diário Público

Entrevistador: José Piteira (J.P.)

Entrevistado: David Andrade (D.A.)

J.P.: A que se deve a discrepância entre a investigação nos jornais generalistas e nos jornais desportivos?

D.A.: É uma pergunta complicada. Uma coisa é o que as pessoas sabem, outra é o que as pessoas podem provar depois de dizer.

Vou dar a minha opinião. Não é uma questão de desportivos ou de generalistas, é uma questão transversal a toda a imprensa e que tem a ver com a autonomia para poder, neste caso, investigar.

É uma altura difícil para a imprensa, os jornais vendem cada vez menos, as receitas vão sendo menores, os jornais estão quase todos dependentes de grupos económicos, a maior parte dos quais está com muitos problemas financeiros.

O desporto vive muito de três clubes. A atividade principal é o futebol e os jornais desportivos 80 a 90% são futebol. Esses jornais estão muito associados a clubes. E obviamente que apontam muito ao público-alvo. Por uma questão de necessidade, porque têm de vender. É muito difícil para um jornal desportivo fazer investigação, a não ser que seja investigação que agrade ao público-alvo que esse jornal pretende atingir.

Eu acho que isso também se passa na imprensa generalista. Pode haver interesses e obviamente que há e as pessoas dizem. Há jornais, grupos económicos que podem influenciar a forma que o jornal trabalha. Agora isso depende da autonomia financeira que esse jornal vai ter. Se esse jornal for um jornal estável, que não tenha alguém por trás que esteja preocupado só e somente com o lucro há mais liberdade. Eu posso dizer que tenho o privilégio e tenho a sorte de trabalhar num jornal que pertence a um grupo económico que não vive da imprensa. É uma marca que dá prestígio à própria Sonae.

No Público há liberdade para trabalhar e não há pressão. Eu sei que alguns trabalhos que eu fiz que são incómodos para alguns setores, por exemplo Federações. Sei que essas federações tentaram fazer pressão junto da direção do Público para que isso não acontecesse e não têm qualquer hipótese. O Público tem uma vantagem que é ter jornalistas na redação com muitos anos de casa.

Isto deve-se tudo à autonomia que os jornais têm. Obviamente que um jornal que está dependente das vendas, pode sair prejudicado por incomodar, no caso do desporto, incomodar quem lhe proporciona notícias. Quem é fonte de notícias. A imprensa desportiva pode estar um bocado condicionada por toda a envolvimento.

J.P.: A maioria dos artigos só tem uma fonte: o acesso às fontes é difícil?

D.A.: O uso e abuso que existe de fontes anónimas é um problema no jornalismo atual. É um mau princípio fazer-se uma notícia baseada exclusivamente em fontes anónimas. As fontes anónimas deveriam ser usadas só em caso muito pontuais. Num artigo meu se essa fonte complementa algo que tenha baseado em documentos, há suporte, uma prova. Se uma notícia é construída de cima abaixo só com uma fonte, isso é mau jornalismo

J.P.: Quais são as barreiras que se costumam ultrapassar durante a investigação? Qual delas a maior?

D.A.: A maior barreira que se pode ter numa investigação jornalística é conseguir arranjar provas daquilo que se quer mostrar. Esse é o principal problema.

Posso dizer que preparei um trabalho que acabou por cair. Embora o assunto exista, eu não tive provas suficientes. Não tenho pessoas que me digam, também por receio de falar, por medo de assumir o que vão dizer.

Podia fazer a notícia com base em fontes anónimas, tinha duas ou três pessoas que podiam falar em on mas não iam dar muita credibilidade à notícia. Um jornalista quando faz uma investigação tem de arranjar forma de provar aquilo que está a noticiar. O jornalismo deve ser factual e basear-se unicamente em factos, que devem ser provados e comprovados.

J.P.: Alguma investigação fez com que perdesse fontes?

D.A.: Não. É outra questão muito importante em relação às fontes, o jornalista pode e deve ter confiança na fonte e a fonte tem de ser alguém em quem o jornalista confie. Tem de haver uma ligação. O jornalista está a confiar na fonte. Não perdi uma fonte por algo que fiz. Posso ter tido fontes que me deram notícias e eu por não ter certeza não usei a notícia, depois percebendo que aquilo não era verdade. Eu sim acabei por excluir fontes por não serem de confiança. Ao contrário não.

Tudo o que escrevo é o que me é dito. Há fontes que o deixam de ser porque já não se proporciona. O jornalista tem de ter cuidado com as fontes, perceber se é credível. Caso não seja, deixar de contar com essa fonte.

J.P.: A rapidez do jornalismo moderno está a colocar a investigação no desporto (e no geral) em risco?

São duas coisas diferentes. Não é uma questão só de investigação.

A pressa de publicar notícias está a prejudicar o jornalismo. Isso é recorrente e é mau. Há uma informação, muitas vezes avançada por outros OCS e há pressa, vai toda a gente atrás daquilo, sem confirmar ou não. Isso tem a ver com o facto que o online provocou a preocupação em ter cliques, que a notícia seja partilhada e entre rapidamente nas redes sociais. Faz com que quem escreveu a notícia não confirme ou utilize como fonte outro jornal.

Para investigar é preciso tempo, uma investigação não é feita do momento para o outro. A pressa prejudica o jornalismo, a investigação não.

J.P.: As notícias de investigação incidem maioritariamente sobre o futebol. É pela exposição do desporto? Porque vai trazer mais leitores?

D.A.: Tudo o que não seja futebol, em Portugal não existe.

Portugal é um país de futebol onde as pessoas só querem saber de futebol e, acima de tudo, as pessoas só querem saber de três clubes de futebol. As pessoas não querem saber como o clube ganha, querem é que ganhe e depois nas modalidades acaba por acontecer o mesmo.

As modalidades em Portugal têm maior ou menor projeção se os clubes grandes estiverem nessas modalidades. Se os clubes grandes não estiverem nas modalidades, as modalidades tornam-se quase irrelevantes. Por exemplo, o futsal deu um salto gigantesco depois da entrada de Sporting e Benfica.

J.P.: A reduzida investigação no desporto deve-se à proximidade entre o jornalista e as fontes?

D.A.: Essa proximidade existe muito mais na política, economia, noutras secções que no desporto.

No desporto não existe porque ao contrário do que acontece na política, economia ou cultura, esses setores precisam muito mais da imprensa que os clubes. Eles têm as suas próprias máquinas de propaganda, através das televisões, sites, jornais. Gerem a própria informação.

Quando falo de desporto em Portugal obviamente que é o futebol, que não precisa andar atrás do jornalismo.

O jornalista é que anda atrás do futebol. Tudo o que existe de mal no futebol por vezes é provocado pelo jornalismo, em que os departamentos de comunicação dos clubes acabam por ser tóxicos e provocam os ambientes que se vivem no futebol e os jornalistas vão atrás. Os jornais desportivos têm ligações mais próximas, cada uma a seu clube, a nível elevado. Não há praticamente contacto entre jogadores, treinadores e jornalistas. Raramente há zonas mistas, dias abertos. Isso morreu.

Não há proximidade ou contacto. A não ser que se conheçam por outros motivos.

O canal 11, por exemplo, tem privilégios que outros órgãos de comunicação não têm por ser canal da Federação.

J.P.: Alguns autores referem uma maior preocupação com o rumor e a especulação que com os factos. Qual é a sua opinião?

D.A.: A política na secção de desporto do Público é completamente diferente dos desportivos. Os jornais desportivos na *silly season*, há poucas notícias, têm de se arranjar notícias para os jornais. Que aí são os rumores, as transferências. Por vezes tenho a informação que jogador A vai para o clube B. Que o negócio está feito. Mas isso não impede que acabe por cair. Muitas vezes o que os jornais desportivos noticiam são factos, há o interesse no jogador. A notícia chega pelo empresário e pelos próprios clubes

J.P.: O que pode fazer o jornalista desportivo para cumprir o seu papel de “watch-dog?”

D.A.: O jornalista descobre algo e tem de reportar

J.P.: Quando uma fonte não é identificada, perde a notícia credibilidade junto do editor, do leitor ou de ambos?

D.A.: Não é só questão de tirar credibilidade. Para mim é mau jornalismo. Uma fonte anónima, o jornalista está a escrever que alguém lhe disse aquilo, não quem o disse.

Depois como é que isso se prova. Como é que se resolve? Mete-se o jornalista em tribunal e ele não tem forma de o provar. Uma fonte anónima deve ser utilizada se houver forma de provar que o que foi dito pela fonte anónima é verdade.

J.P.: É o jornalismo desportivo visto como o “toy department” dentro e fora do mundo do desporto?

D.A.: Não se pode estar a generalizar sobre coisas que dependem de fatores muito diferentes. Um jornalista é um jornalista, independentemente da secção em que esteja colocado.

Apêndice 3 – Entrevista a Hugo Franco, jornalista do semanário Expresso

Entrevistador: José Piteira (J.P.)

Entrevistado: Hugo Franco (H.F.)

J.P.: A que se deve a discrepância entre a investigação nos jornais generalistas e nos jornais desportivos?

H.F.: Sou apenas um mero jornalista. Não tenho essa percepção. Para mim é uma surpresa. Não tenho dados que me levem a concluir isso ou o contrário.

J.P.: A maioria dos artigos só tem uma fonte: o acesso às fontes é difícil?

H.F.: Não. Não creio.

Muitas vezes os artigos só têm uma fonte porque são feitos no próprio dia. Escritos muito à pressa. Sem grande tempo de ponderação. Porque não é difícil fazer dois ou três telefonemas para “*checkar*” a informação. Creio que se trata mesmo do imediatismo da informação.

J.P.: Quais são as barreiras que se costumam ultrapassar durante a investigação? Qual delas a maior?

H.F.: As fontes formais. Que consigam falar em *on* sobre os assuntos. Muitas vezes numa reportagem que haja algum q.b de polémica o mais difícil é mesmo isso. Conseguir das fontes formais informação valiosa, que sirva depois como mais-valia para o artigo.

J.P.: Alguma investigação fez com que perdesse fontes?

H.F.: Já, algumas. Mas é essa a diferença entre ter de publicar e saber que não vai agradar às fontes. Não podemos estar aqui a escrever artigos para agradar às fontes. Temos de ir contra as próprias fontes.

J.P.: A rapidez do jornalismo moderno está a colocar a investigação no desporto (e no geral) em risco?

H.F.: Sim e não. Sim por causa da falta de meios e de dinheiro. E não quando existe vontade de ir mais a fundo. Em determinadas situações consegue-se investigar mais. Não é uma resposta taxativa.

J.P.: As notícias de investigação incidem maioritariamente sobre o futebol. É pela exposição do desporto? Porque vai trazer mais leitores?

H.F.: É isso mesmo. O futebol é o desporto que como nós sabemos atrai multidões. Nos países europeus, sobretudo. E é normal que as histórias de futebol sejam mais atrativas também para um jornal, porque sabemos obviamente que vai mexer com mais pessoas. E mexe também com mais interesses, porque é um desporto onde estão envolvidos muitos meios financeiros

J.P.: **A reduzida investigação no desporto deve-se à proximidade entre o jornalista e as fontes?**

H.F.: Nos jornais generalistas acho que isso não acontece. Nos desportivos não posso comentar.

J.P.: **Alguns autores referem uma maior preocupação com o rumor e a especulação que com os factos. Qual é a sua opinião?**

H.F. Há sempre a regra e a exceção. Não há uma resposta taxativa para isso. Obviamente que há casos que sim e outros casos em que não. É um “nim”.

J.P.: **O que pode fazer o jornalista desportivo para cumprir o seu papel de “watch-dog?”**

H.F.: Tem de ser um jornalista que viva numa redação onde lhe sejam dados mais meios e tempo. Sobretudo isso.

J.P.: **Quando uma fonte não é identificada, perde a notícia credibilidade junto do editor, do leitor ou de ambos?**

H.F.: Pode. Não só no desporto como em todo o jornalismo.

Em teoria devíamos ter todas as fontes identificadas, mas nem sempre é possível. Depois vivemos neste dilema de publicar uma notícia de uma fonte não identificada, sabemos que pode perder força. Mesmo quando se acredita muito na fonte e há uma relação de confiança, essa confiança pode levar a que se dê oxigénio para que seja publicada uma notícia mesmo sem citar a fonte

J.P.: **É o jornalismo desportivo visto como o “toy department” dentro e fora do mundo do desporto?**

H.F.: Já foi. Talvez em tempos, hoje não. Já há muita reportagem séria.

Temos de nos lembrar do *Football Leaks*, por exemplo. Veio inverter um bocadinho essa tendência que o desporto é a parte mais lúdica. É um tipo de jornalismo parecido ao que se pratica na sociedade, ciência, economia e na política. Obviamente que há uma parte lúdica.

Desporto também é lazer. Mas hoje já existe uma abordagem mais aprofundada, mais séria, sobre esta zona do jornalismo.

Apêndice 4 – Entrevista a Paulo Curado, jornalista do diário Público

Entrevistador: José Piteira (J.P.)

Entrevistado: Paulo Curado (P.C.)

J.P.: A que se deve a discrepância entre a investigação nos jornais generalistas e nos jornais desportivos?

P.C.: É impressionante. Pois eles mesmo agora têm ido muito por arrasto. Eu fui muito crítico ainda há pouco tempo. Estive a falar exatamente nisso, na questão da falta de investigação, nomeadamente na questão das fontes, nas relações que os jornais desportivos estabelecem com os agentes desportivos e que acabam por tornar-se, de alguma forma, dependentes deles.

Falei de algumas questões que eu achava que eram atropelos. Na altura, até dei uns exemplos, por exemplo, a questão do relacionamento com as fontes e os jornais desportivos, essencialmente o que fazia confusão, que eles têm relacionamentos muito próximos dos clubes. Têm à partida um pré-estabelecimento daquilo que são as páginas que vão fazer diariamente, independente do acontecimento ou não. Tem quatro ou cinco páginas para o Sporting, quatro ou cinco para o Benfica. O que os torna muito dependentes da informação, não diria institucional, mas de fontes da parte dos clubes e acabam por se tornar reféns dos agentes. Não só desportivos, mas também dos agentes de jogadores, que são quem lhes dá grande parte da informação.

Dei um exemplo de atropelos deontológicos que me pareciam um bocado graves. Imagina que tens uma notícia de um jogador que vais vender ou que o jogador está no mercado. Tens um empresário que o diz e tu tens dificuldade em comprovar aquilo, não há nada comprovado e tu fazes o que é? Mandas essa notícia?

Imagina que a Juventus quer contratar um jogador, mandas a notícia daqui para a *Gazzetta dello Sport* dizes que cá fala-se muito nisso, aquilo sai no jornal e tu publicas cá citando-a. Depois como a notícia não tem uma fonte temos aqui em circuito fechado onde acabamos a citar os outros.

Quando tens relações tão próximas com dirigentes, com instituições e com agentes, como é que tu depois tens espírito crítico para investigar? Para te ajudar de alguma forma a ter liberdade pessoal profissional para o fazer? Porque é complicado.

O que se passa nos jornais desportivos, tendo em conta aquilo que vi, acho bastante mais do que eu estava à espera.

Depois há aqui duas situações que são:

Uma situação - Tu apresentas como investigação, mas a investigação não é tua. Imagina tu tens uma informação da polícia, uma informação da investigação do Público. Seja o que for. Tu tens um acesso ao processo. Isto digamos que é o jornalismo que eu não considero tanto de investigação nesses termos, mas é de investigação. Porque na realidade tu estás a descrever a informação a que tiveste acesso e que foi entregue por parte das fontes oficiais.

Também se levantam aqui outros problemas que o distanciamento tem noutros sectores como a justiça em relação aos agentes da justiça, não é? E isto acontece também com a política. Acontece basicamente em tudo.

A questão é, como é um país pequenininho os meios de comunicação estão muito dependentes de publicidade. Estão muito dependentes da informação, mais uma vez, no caso dos desportivos, estão muito dependentes das vendas, não é? Do gosto dos leitores e daquela informação que vem do clube, o jogador tal que vai entrar, do acesso que tens aos jogadores para entrevistas.

Tudo isto acaba por ser controlado pelos clubes, não é? Cada vez têm departamentos de comunicação mais robustos, com mais pesos pesados, com nomes sonantes. Investem muito hoje, ao contrário do que acontecia antigamente, em pessoas de referência por assim dizer nos órgãos de comunicação, na direção de comunicação. Tudo isto começou no Benfica com o João Gabriel.

No campo da investigação, acima de tudo, eu defendo muito esta esta separação. De não haver aqui nenhum conflito de interesses entre aquilo que são as tuas fontes, aquilo que é a tua notícia, aquela liberdade que tu tens para informar.

O que se passa também é que os próprios órgãos de comunicação não puxam muito, digamos que não puxam muito pelos próprios jornalistas ou que não os incentivam muito a praticar a investigação.

Houve notícias, por exemplo, nos jornais desportivos que estavam na gaveta. Inclusive tive diretores de órgãos desportivos que falaram comigo a dizer “não consigo publicar isto no meu jornal, vê lá se consegues investigar”.

A minha forma de trabalhar é assim. Faço a investigação que é muito mais dura, apresento os factos. Sou factual naquilo que escrevo e naquilo que apresento, até por uma questão de defesa e por rigor.

Prefiro deixar 90% de informação de fora se alguma fonte fica comprometida ou publicar se vejo que não tenho ali uma confirmação factual daqueles dados. Não é dizer o diz que disse. Não é dizer fonte tal disse isto. Não é que não seja legítimo, mas na minha forma de fazer investigação, eu faço investigação que a polícia depois utiliza e aproveita para iniciar investigações e muitas vezes investigações que já estão a ser feitas.

Neste campo, eu acho que a investigação está muito limitada porque os jornais, por norma, não investem muito em investigação.

É uma coisa que dá trabalho, rouba tempo, para ser rigorosa tem de ser bem feita. As redações estão absolutamente esvaziadas e tu hoje tens o jornalista que basicamente voltou a fazer um bocadinho de tudo no *online*. Tem as especialidades que também continuam a existir, mas atualmente o *online* veio mudar a situação porque tem menos pessoas e tem muito mais trabalho. Antes tinhas uma notícia que escrever para o jornal e que saiu no dia seguinte e tinhas ali um conjunto de tempo para ser rigoroso. Estavas com aquele trabalho em mãos. Hoje em dia tu tens um conjunto de tarefas imensas no jornal.

J.P.: A maioria dos artigos só tem uma fonte: o acesso às fontes é difícil?

P.C.: É muito difícil. Mas como eu te digo, é uma base de trabalho. Tens de pensar que aquela fonte eventualmente pode ter interesse na matéria, pode ter interesse na notícia, pode ser legítima ou não, mas temos de questionar, fazer cruzamento de informação.

Para mim é uma responsabilidade enorme pôr pessoas na primeira página de um jornal, ou nomes no jornal, ou o que quer que seja, porque as pessoas têm família, filhos... E para mim é uma responsabilidade grande estar certo sobre aquilo que vou escrever e não ser uma coisa onde possa haver aqui um conjunto de erros e depois responsabilizar-me. É uma responsabilidade grande expor pessoas que podem estar erradas. Toda a gente é passível de errar.

Também vejo com alguma dificuldade quando uma notícia inteira é baseada em uma fonte

Tive uma contingência com os únicos elementos que utilizei como fontes eram os próprios juristas que não estavam a falar de nada e estavam a falar em tese. Nenhum deu a cara porque têm medo e os clubes têm as suas próprias massas associativas, que se autodisciplinam. Houve casos onde tive medo.

Porque não há muito racionalismo no futebol e no desporto. As pessoas reagem emotivamente às coisas.

Depois, lá está quem quer falar ou quem está disponível para falar ou quem é, é uma relação onde se vai estabelecendo confiança. Não é uma relação que telefonas a alguém, a pessoa está ali contar trinta por uma linha, as coisas não funcionam assim. São relações que vão desenvolvendo, não é? Ao longo do tempo, em que tu vais falando sobre determinados assuntos. As pessoas vão percebendo também o trabalho e a seriedade que dedicas ao que fazes se vão se libertando porque as pessoas têm medo.

A partir de determinada altura, a minha grande preocupação passa a ser também a defesa da minha fonte de informação, mesmo que ela não se aperceba disso. Se tu tens uma informação, que percebes que aquilo canalizado vai parar um canal, ou são três pessoas numa reunião e um deles te fala, tu percebes que as pessoas depois podem correr riscos. Por uma questão de prática as pessoas chegam lá. Tens pessoas na reunião, duas pessoas numa reunião em que duas sabem que de certeza que não foram. Sabem quem é que falou, não é?

A impunidade no futebol é uma coisa que eu acho que tem tendência a desaparecer, mas que a comunicação social tem uma responsabilidade enorme nessa matéria também.

Percebes, na realidade, Portugal não tem assim tantos órgãos de comunicação independentes do ponto de vista financeiro, do ponto de vista editorial, para que haja de facto um crescimento da investigação, do trabalho de reportagem, deste tipo de trabalho. Isso é uma coisa que eu tenho como certo. Há poucos órgãos que têm essa independência, que não dependem. O Público, por exemplo, tem, tem uma vantagem que pertence a um grupo que é a Sonae.

E depois estamos a falar de mercados, nomeadamente desportivo, que vivem das vendas que estão a decrescer a um ritmo aceleradíssimo. Vivem da pouca publicidade e das casas de apostas que fazem patrocínios e estão condicionados porque ninguém pode se dar ao luxo de perder estes mercados publicitários.

J.P.: Quais são as barreiras que se costumam ultrapassar durante a investigação? Qual delas a maior?

P.C.: As maiores barreiras são por vezes o anonimato das fontes. Mesmo que não pertençam à área. A partir do momento em que ouvem falar de um dirigente ou de um determinado clube é o silêncio absoluto. Até o porteiro está sob anonimato. Ninguém quer aparecer.

No caso do desporto é das maiores barreiras com que eu me deparo. Esta lógica, eu diria, corporativista das instituições, de que o desporto tem que ser protegido por dentro. Há um bloqueio grande a nível de informação. Eu tenho muita dificuldade, às vezes, de obter reações

oficiais de quem quer que seja, de obter respostas cabais. Mesmo através de documentação oficial, falamos de contratos, falamos de tudo, a informação que temos muitas vezes é aquela que os clubes são obrigados a enviar.

Por exemplo, uma dificuldade que eu tenho é às vezes confrontar. Faço sempre isto por uma questão ética. Eu, antes de publicar alguma coisa sobre quem quer que seja, falo com a pessoa.

Mas quer dizer, tu às vezes tens dificuldade até a obter uma reação anterior à publicação. O que obténs da parte dos clubes é não comentamos, não fazemos comentários... Portanto, não há nenhuma ajuda, nenhum processo de ajuda em termos comunicacionais, independentemente da criação de departamentos e de estruturas de comunicação mais complexas. Digamos que o padrão continua a ser o mesmo. Obviamente haverá quem responda melhor e quem responda pior. Aliás os diretores de comunicação, na realidade, transformaram-se em autênticos assessores, são os braços armados do próprio clube em termos de agressividade.

Portanto, a ideia do departamento de comunicação não é tanto o departamento de comunicação auxiliar a comunicação social. Mas é também uma atitude reativa, não à própria comunicação social. É aquilo que é publicado, pelo menos parece-me que foi um bocadinho por essa lógica. Por isso contrataram pesos pesados, pessoas que têm mais influência nos órgãos de comunicação, conhecem os diretores, e dessa forma podem de uma forma mais prática, cabal, isto é a minha opinião, impedir notícias, nomeadamente nos jornais desportivos.

Essa é uma fronteira que eu acho que tem de mudar. O paradigma tem de mudar. Tem de se perceber que estamos a falar de um negócio, de um negócio multimilionário, que envolve verbas brutais, muito pouco escrutinado, com uma imagem extremamente negativa.

O aspeto da segurança, por exemplo. Outra das situações em que tu pensas duas vezes, não é?

Este tipo de coisas é inconcebível. Tens muita dificuldade em chegar às coisas quando se trata de desporto. Ao nível do governos e oposições, de outros ângulos e de outros setores, eu tenho muito mais facilidade em ter um interlocutor e em falar com pessoas mesmo. Mas protegendo a mesma do ponto de vista do anonimato, tenho mais entidades, mais advogados a falar comigo do que de um clube. Eu não consegui um jurista que me desse o nome para falar sobre uma coisa que tem a ver com o direito de trabalho. E era uma coisa abstrata para nós que estamos a falar aqui sobre isso, mas quando perguntou qual era o Tema: envolve, este senhor e é isto. “Sobre isso aí, não. Não pode, não pode, não pode”.

E acaba por sua vez a exercer pressão sobre lá sobre a comunicação social, sobre a investigação. Isto porque há processos que são feitos só para chatear. Acabam por condicionar o jornalista.

E aqui isto funciona muito com os clubes. Quando publiquei aquela história do Aves e outras, colegas meus, responsáveis de jornais de outros jornais dizem que não conseguiam fazer aquilo nas suas redações.

Eu acho que isso é sintomático daquilo que eu estou a falar. Eu tive críticas de jornalistas em canais televisivos a dizerem que a publicação do artigo não foi oportuna. Nunca é boa altura para publicares o que quer que seja.

Boa parte das pessoas não dá para falar porque as pessoas não querem mesmo falar por telefone, têm medo e só ganhas a confiança com muita gente quando perceberem que tu tens um trabalho sério atrás de ti, o que é uma mais-valia. Neste campo as pessoas preferem saber que eu tenho um trabalho sério atrás de mim.

Há escolas jornalísticas que defendem que não deve haver investigação no jornalismo. Que o jornalismo não deve fazer investigação.

Uma das razões: a razão persecutória. Quem é que decides que vais investigar? É uma coisa que fazes, tens uma agenda tua? Porque decidiste investigar isto e não aquilo?

Estes tipos de raciocínios são válidos, porque podes ter aqui, atitudes persecutórias. Eu faço aquilo que me chega e publico quando está pronto.

Só tive uma situação em que as coisas não saíram logo na altura, porque houve mesmo uma contingência. Mas não estou aqui para ser persecutório. Há quem diga, pessoas consagradas do jornalismo, que um jornalista não é polícia.

Para mim é uma parte fundamental do jornalismo ser bem feito e honesto, porque é aqui que tu vais chamar as coisas por si mesmo, que tu vais precipitar investigações, vai chamar a atenção das pessoas.

J.P.: Alguma investigação fez com que perdesse fontes?

P.C.: Sim. Não direi perdê-las, mas direi arrefecê-las. As pessoas estão acostumadas, partem do princípio, muitas vezes que é tudo uma questão de confiança. Estamos aqui a falar de confiança, se esta informação é de confiança.

Nunca perdi fontes importantes, independentemente dos assuntos que publiquei. Mas sei de pessoas que levaram a mal.

J.P.: A rapidez do jornalismo moderno está a colocar a investigação no desporto (e no geral) em risco?

P.C.: Eu penso que está a colocar o jornalismo em risco. A colocar a credibilidade jornalística em risco, porque eu percebo a rapidez. O que é que me interessa a mim se não sou o primeiro? O que me interessa dar em segundo, terceiro, quarto ou quinto... o que eu quero é que as pessoas, quando vão ler o Público, ao ler aquilo, tenham a certeza que quando for certo está ali.

Este mediatismo implica que as pessoas percam a confiança e por isso é que eu prefiro que o Público não dê as notícias em primeiro lugar. Claro que se puder dar melhor, mas que trate delas.

No meu caso, o que eu faço é *slow journalism*. Não é fácil, porque tem muita coisa para fazer e muitas delas são bastante complicadas, mas tem de ser feito. Não pode ser feito com pressa. Eu recuso-me. Muitas vezes sou alvo de pressões até do ponto de vista editorial. Tenho sempre um refreamento nisso que para mim o principal é o rigor.

É uma imagem de marca que eu quero. Que eu sempre quis cultivar e quero cultivar. Eu escrevo aquilo com todo o rigor possível, se não tiver rigor, não escrevo.

E isso muitas vezes não se coaduna com estar ali à pressa a escrever, porque fazes mesmo atropelos. Mas isto é generalizável a tudo no jornalismo. Tu pões notícias, tens este stress brutal que o online te trouxe, são duas décadas, mas ainda não há aqui um ajustamento. As pessoas ainda vivem muito nesta necessidade da notificação, vai para o telefone e a pessoa vai sacar um clique e às tantas dá-me sempre uma ideia de que estamos aqui a enganar alguém. Tu estás a contabilizar, arranjas todos os truques para contabilizar cliques para vender depois às agências de publicidade a dizer “Eu tive tantos cliques para valorizares o teu produto em termos de exposição mediática”. Porque hoje em dia um jornal já não é bem um jornal, é uma marca, é o nome, é um título que tem várias formas entre quais o papel.

Aquilo que fazes para o futuro é ser uma referência em que as pessoas vão procurar, porque sabem que há ali qualidade e há ali a rigor. E não porque atropelaste e foste o primeiro. O que é que interessa primeiro? E depois tens uma notícia que tens de desmentir. Muitas vezes não se desmentem notícias que não existem.

De facto, até para quem está a chegar, porque muitas vezes as pressões são muito grandes, nomeadamente para os jovens jornalistas. Chegam às redações, são quem se vê a trabalhar no online, muitas vezes sem grande experiência e porque ninguém nasce ensinado,

nomeadamente em termos práticos e que estão ali, obviamente pressionados para fazer uma notícia. E para publicar e para meter a fotografia.

Quer dizer, obviamente que há coisas que a gente pode dar e deve dar para um resultado eleitoral, um resultado do jogo, coisas que são factuais.

Coisas mais complexas em que tu comesças a citar que fulano escreveu, porque sicrano disse, porque não sei quê, não sei que mais e ninguém se lembra de fazer um telefonema. Porque depois faltam aqui as regras que nem digo mais básicas do jornalismo. Confirma. Telefona só à pessoa. Metes a notícia em atualização.

A tua maior mais-valia em relação ao leitor hoje em dia é a credibilidade e não podes perdê-la duas vezes, percebes?

Todos fazem erros, eu sou apologista. Se nós fazemos um erro, nós admitimos logo em vez do camuflar e garantimos que não irá acontecer.

Eu acho que mais do que do que nunca, as pessoas precisam de ter uma orientação neste mundo, cada vez mais o risco que se corre aqui é que as pessoas se estão a meter dentro de bolhas informativas. Tu só recebes a informação daquilo que é que vai de acordo àquilo que já sentes, não é? Os órgãos que vão ao encontro àquilo que tu defendes, às suas ideias, etc.

E isto é perigoso para a democracia. Aliás, não é perigoso, está a ser perigoso, está a demonstrar-se o quanto é perigoso.

É uma preocupação que tenho. A informação é criticável. Os artigos são criticáveis. Por isso, é importante haver um Provedor do leitor.

Por isso é que acho importante que devam ressurgir os jornalistas da reportagem e da investigação, de um trabalho sério, mas que depois tem de ser suportado por tudo o resto. Quer dizer tudo tem de ser. Eu digo sempre aos meus estagiários, quando me aparecem, que fazer uma breve é uma coisa importante. São, independentemente de ser assinado, não ser assinado. Tudo. Desde que venha com aquela marca, é feito por ti,

E, portanto, nisso, no caso do meu órgão em particular, tenho muita preocupação nestas notícias, como em todas, como *online*. É uma preocupação permanente para mim. Até ao nível desportivo, é uma preocupação para mim. Até porque, como tu sabes, há uma pressão muito grande nos jornais generalistas, mesmo no mercado de transferências, por exemplo, há o não sei quantos já deu. Nós retirámo-nos completamente dessa guerra.

O jornalismo está a ser tão violentamente criticado a nível mundial há uma descredibilização tão grande das coisas que eu acho que só conseguimos dar a volta através do contato com as pessoas, o rigor, a humildade e, acima de tudo, o trabalho mesmo intenso e bem feito.

J.P.: As notícias de investigação incidem maioritariamente sobre o futebol. É pela exposição do desporto? Porque vai trazer mais leitores?

P.C.: Um dos trabalhos mais citados que tive no desporto foi um trabalho sobre ténis. E sobre a investigação acerca do que andava a fazer o presidente da Federação Portuguesa de Ténis.

Os dinheiros, como é que pagavam a veteranos, pessoas que andavam a viajar à custa dos dinheiros da Federação, das apostas *online*. Fiz um trabalho muito grande. Isso deu-me bastante trabalho.

O que se passa é que o futebol, pelas suas formas mais inacreditáveis, extravasa muitos aspetos da sociedade. É transversal. Envolve montantes de dinheiro muito elevados. Estamos aqui a falar muitas vezes de situações que envolvem a política. O desporto mesmo em matéria judicial, tem um conjunto de situações irregulares, muitas vezes que chamam mais à atenção do que outros desportos.

Sobre outros desportos há situações que eu tenho aqui para desenvolver.

Já te enumerei, grande parte do que fiz foi sobre futebol, porque envolve muitas dinâmicas. Para onde vai o dinheiro, ao nível empresarial, ao nível das transferências, ao nível da própria política.

É o que está mais aberto ao escrutínio e o mais escrutinável.

J.P.: **A reduzida investigação no desporto deve-se à proximidade entre o jornalista e as fontes?**

P.C.: Não posso dizer isso porque não sei a dinâmica das redações. Mas quer dizer, eu acredito que isso seja um fator determinante para que tu te inibas muitas vezes de procurares ou fazer o que quer que seja, ou ligares sequer.

Está a par da questão dos próprios jornais não imprimirem uma grande dinâmica nesse aspeto aos jornalistas dentro dos seus próprios meios.

J.P.: **Alguns autores referem uma maior preocupação com o rumor e a especulação que com os factos. Qual é a sua opinião?**

P.C.: Eu acho que que sim e acho que muitas vezes se transformam os rumores em notícias, mas depende muito dos órgãos.

Acho que o rumor pode servir como ponto de partida para uma história. Mas sempre como um ponto de partida, nunca como um ponto de chegada ou como um objetivo em si, porque há rumores que servem como base. Nunca me passou pela cabeça, em circunstância nenhuma, fazer uma notícia dum rumor.

E acho que isso não é jornalismo. Jornalismo não é rumor. No jornalismo desportivo isso é muito comum. O rumor de transferência. Que vai para determinado clube. Isto não é jornalismo. É uma conversa de café.

J.P.: O que pode fazer o jornalista desportivo para cumprir o seu papel de “watch-dog?”

P.C.: Olha é talvez a forma de ser watch-dog mais fácil do mundo. Tu vês problemas que são quase chocantes. São coisas que te entram pelos olhos e, quer dizer, só não investigas, ou não procuras escrever ou não queres aprofundar porque não queres.

Porque não é a falta de material. É questionares coisas básicas que, ao fim ao cabo, é o trabalho do jornalismo.

Imagina uma transferência, falas do valor da transferência, fazes um ranking das maiores transferências, enalteces a transferência. Mas depois parece que não estás a ver a montanha.

Parece que aquilo te retira todo o espírito crítico ou imaginativo da tua cabeça sobre aquilo que se passa.

Não olhes para baixo. Não percebes que há ali uma coisa gigante que se calhar é escrutinável. Que é: Como é que se fazem estas operações? Porque é que isto atinge estes valores?

O “watch-dog” no jornalismo é fundamental. Porque o futebol que é tido como uma coisa rentável, algo extraordinário e que até por isso tem de ter escrutínio.

Quando comecei a fazer estes trabalhos era gigante a montanha de irregularidades que tu tinhas à tua frente. Estavam à vista de toda a gente e ninguém fazia absolutamente nada por todos os motivos que tu possas enumerar. Por medo, falta de tempo, de investimento, seja o que for. Mas as coisas estão à tua vista. Obviamente são tantas e são tão claras, que tu o que te mete confusão é como é que isto não é feito há mais tempo?

Porque é um convite, de facto, ao crime, porque é um campo que não está regulado. É um campo obscuro onde estamos a falar de coisas internacionais.

J.P.: Quando uma fonte não é identificada, perde a notícia credibilidade junto do editor, do leitor ou de ambos?

P.C.: É assim, depende. Depende do grau do porquê da pessoa ser anónima, por assim dizer. Depende da circunstância. Eu acho que isso tem de ser explicado às vezes. Há razões que são óbvias.

O editor parte do princípio da confiança que o jornalista que está a fazer aquilo tem confiança nele mesmo e o jornalista parte do princípio que tem confiança naquela fonte. O leitor tem de aceitar as duas coisas. Mas como eu já disse, sou muito contrário a que as notícias sejam feitas sistematicamente recorrendo a fontes anónimas

Como eu te digo, tu podes ter fontes anónimas, mas o trabalho não precisa de as evidenciar.

Por exemplo, num artigo que escrevi nenhuma das fontes se quis identificar. E eu escrevi que nenhuma delas se quis identificar sabendo quem era o envolvido.

Eu acho que tu tens que usar as fontes com alguma parcimónia, e quando são coisas de facto que são oficiais e tu percebes.

Ou então fazes como eu e assumes a notícias. Tens material suficiente para a assumir, não precisas dizer que ouviste de tal pessoa ou que ela não se quis identificar. Eu assumo aquela notícia.

E pronto, eu prefiro fazer isso, mas isso tem de ser comprovado com coisas que suportem aquilo que ali está. Uma fonte para ti é o início de uma notícia. Aquela informação foi dada. A pessoa não quer ser identificada, a partir daí confirmas e constróis um trabalho aos poucos e não precisas da fonte, porque já confirmaste. É mais fácil meter o Público sabe ou “fonte do Público” revelou.

Às vezes fico a pensar também do ponto de vista do leitor, o que é que isso me faz parecer nos outros casos. As vezes faz parecer mal, outras vezes compreendo até de onde é que ela vem. O que devia ser norma no jornalismo é tu localizares o mais perto possível de onde é que vem a informação.

J.P.: É o jornalismo desportivo visto como o “toy department” dentro e fora do mundo do desporto?

P.C.: Depende. Se tu trabalhas num dos órgãos desportivos, não será. Lá o “*toy department*” é aquela página que eles lá colocam de Política Internacional. Nas redações de órgãos generalistas a sensação que tenho por vezes é que há ali uma espécie de zona cinzenta em que se olha bem aquilo, aquilo não é bem um jornalismo, mas é um jornalismo mais específico de quem gosta de ver a bola e que fazem as coisas da bola. Que aquilo ao fim ao cabo, para muita gente, não é mais do que um jogo da bola. Tendem muitas vezes para desvalorizar e haver ali um estigma em relação ao jornalismo desportivo nas redações dos jornais generalistas.

Atualmente, como eu te digo, dependendo muito daquilo que é o trabalho dessas redações, porque lá está, se tu fazes trabalhos mais amplos de reportagem, porque as viagens atraem muito aquelas coisas mais amplas que podemos fazer, como quando fiz a cobertura do Mundial do Brasil.

Grande parte dos jornais vão lá, estão com a equipa técnica e depois é a tal questão de falta de distanciamento. Vais num avião com a seleção, vais com dirigentes, depois chegas lá, andas sempre com eles: no autocarro, vais aos treinos, está sempre a falar com as mesmas pessoas e pronto. Fazes ali o trabalho e às tantas já se estão a entrevistar uns aos outros. Ao final do dia já não há nada nem ninguém para entrevistar. Eu fazia o contrário.

Fui para o Brasil sozinho, fui para a França sozinho e fui para a Rússia sozinho. Estive lá 70 dias a viajar de carro de avião. Fiz milhares de quilómetros na Rússia, para teres uma noção, a fazer reportagens sobre todos os temas. Mas com a lógica, obviamente, do mundial. O ponto de vista do desporto é aquele cosmos, mas depois há tudo o que está à volta e o que tu podes fazer através disso.

Nas redações, nomeadamente em redações como o Público, Expresso e outros órgãos de comunicação, também há trabalhos que são trabalhos jornalísticos em qualquer circunstância. Quer dizer, não são trabalhos específicos do desporto, são trabalhos que são adaptados ao desporto. Mas são trabalhos jornalísticos válidos e importantes. Tu tens aquelas coisas de agenda, vais cobrir o jogo. Eu acho que os jornais generalistas não devem seguir esse diapasão, esse padrão.

Aquilo que tu pretendes ver ao nível do desporto num jornal generalista é algo que acrescente alguma coisa. É que parta daquilo tudo, mas que dê outras perspetivas.

Com o *online*, uma pessoa já não vai ler o jornal para ter o relato do jogo. Já tem o pré-jogo, o jogo e o pós-jogo. Tem de ser algo que acrescente.

Portanto, das duas uma: ou fazes uma crónica do jogo, que que é válida à mesma ou então fazes outra coisa. Isto ainda está em processo de mudança nas próprias redações. Porque há muitos hábitos que estão enraizados. Retira, por outro lado, também aquela visão que o jornalista desportivo só pode fazer aquilo e no Público, pelo menos a maior parte das pessoas que lá está já passaram por várias secções, revistas. Já tiveram experiências fora daquilo e, portanto, não sentes tanto essa essa imagem do “*toy department*”. Já não se olha muito para isso. Não nesses termos percebes. Mas acredito que ainda que ainda aconteça, até porque há muita gente que vai para as redações nos jornais generalistas e ir para desporto, é um sacrifício, porque não percebem o suficiente, não estão interessados, não gostam.

Às vezes tens dificuldade em encontrar pessoas que queiram ir para ali quando vão para os generalistas, ao contrário daqueles que vão para os desportivos. Mas é através disto que consegues motivar as pessoas para fazer outro tipo de coisas e até motivá-las para terem ideias.

Nos jornais generalistas, a questão aqui é mudar o paradigma daquilo que se fazia ao nível do jornal desportivo.

Já houve mais a ideia de que estamos aqui a falar num tal “*toy department*” da repartição. E acho que muitas vezes a intelectualização do desporto também ajudou um bocado. Que as pessoas tornam aquilo inacessível às pessoas normais. Aquilo tem de ser pedagógico mesmo para quem não entende porque quem não entende, eventualmente vai querer saber.

As pessoas não deviam escrever como se estivessem a escrever para os seus pares. Porque uma pessoa está a ler e quer saber, não precisa de sair do artigo para ter um melhor entendimento

Eu acho que o jornalismo desportivo também se acantonou muito nesse nicho.

Nos jornais generalistas tens de falar no desporto com a sua linguagem técnica, obviamente, mas com uma tendência para a acessibilidade e não para afunilamento tecnicista.

O desporto pode ser uma base para fazeres muita coisa. E já recebi bom feedback de leitores, que gostaram muito de ler aquela peça ou investigação.

Por vezes, parece-me, que as outras modalidades são o “*toy department*” dos generalistas. Tens ali um número de páginas sobre futebol e depois atiras as outras para as últimas páginas, tudo ao molho e fé em Deus. Só têm destaque quando acontece um sucesso extraordinário e pouco mais.

O desporto em geral tem mais histórias, que é preciso trazê-las para as pessoas e trazê-lo de uma forma acessível, transversal, que é para explicar que as pessoas que o fazem não são mais nem menos e estão à procura de um sonho.